

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
LUCIANA TAVARES BORGES

***DAS CRÔNICAS DO RELOJOEIRO ÀS NARRAÇÕES
DO CONSELHEIRO: POLICARPO E AIRES, DOIS
INTÉRPRETES DA REPÚBLICA BRASILEIRA.***

UBERLÂNDIA
2012

LUCIANA TAVARES BORGES

***DAS CRÔNICAS DO RELOJOEIRO ÀS NARRAÇÕES
DO CONSELHEIRO: POLICARPO E AIRES, DOIS
INTÉRPRETES DA REPÚBLICA BRASILEIRA.***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Professora Dra. Regma Maria dos Santos.

UBERLÂNDIA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B732d Borges, Luciana Tavares, 1978-
2013 Das crônicas do relojoeiro as narrações do conselheiro: Policarpo e
 Aires – dois intérpretes da república brasileira. / Luciana Tavares Borges. --
 2013.
 128 f. : il.

Orientadora: Regma Maria dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Literatura e história - Teses. 3. Brasil - História -
República, 1889- - Teses. 4. Brasil - Política e governo - 1889- - Teses. 5.
Assis, Machado de, 1839-1908 - Crítica e interpretação - Teses. I. Santos,
Regma Maria dos. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de
Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

LUCIANA TAVARES BORGES

***DAS CRÔNICAS DO RELOJOEIRO ÀS NARRAÇÕES
DO CONSELHEIRO: POLICARPO E AIRES, DOIS
INTÉRPRETES DA REPÚBLICA BRASILEIRA.***

Banca Examinadora

Dra. Regma Maria dos Santos (Orientadora) (UFU)

Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato (UFU)

Dra. Cristiane Silveira (UEM-AM)

*À minha Vó (Etelvina) seu exemplo
de integridade e de amor fazem-me
caminhar com força e fé!*

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de aprender sempre.

Aos meus pais, Lourivaldo pelo determinismo e Jovita (in memoriam), que em vida sempre me abraçava com ternura e amor verdadeiros.

À professora Dr^a. Regma Maria dos Santos, minha orientadora, que desde o princípio inspirou em mim profundo respeito. Nessa trajetória de percalços da orientação, reconheço o seu compromisso e empenho. Sinto pelas faltas, mas principalmente pela oportunidade de ter aprendido mais com seu conhecimento. Obrigada pelo comprometimento.

À Christina, que desde a graduação sempre se destacou como um exemplo de humildade e erudição, adjetivos quase sempre dissociáveis na Academia. Agradeço a sua participação na minha qualificação e agora nesta etapa final! Tenho certeza que as suas contribuições serão de suma importância para meu amadurecimento. Obrigada pelo modelo de caráter e de integridade.

À professora Cristiane Silveira, que designei de “senhora Lima Barreto”, quando apresentou sua dissertação na aula de Brasil III. Muito obrigada por ter aceitado o convite. Tenho certeza que suas contribuições auxiliar-me-ão no crescimento intelectual. Obrigada pela afabilidade!

Aos funcionários Josiane Braga e Stênio do PPGHIS. À Kátia Paranhos, que nas aulas de Historiografia sempre nos brindava com discussões instigantes, mas que ora ou outra lembrava as vitórias gloriosas da Sociedade Esportiva Palmeiras... Bem! Deixemos o futebol de lado... Obrigada por tudo!

Ao professor Guilherme Amaral Luz, que proporcionou um estudo mais profícuo sobre a relação História e Retórica. À professora Josianne Cerasoli pelos apontamentos sobre o conceito de representação e os debates acerca dos projetos que nos auxiliaram na investigação da pesquisa.

Aos professores Luiz Humberto e Jacy Seixas pela(s) leitura(s) da relação História, Memória e Literatura!

À professora Joana Muylaert pelas sugestões de leitura que colaboraram para meu amadurecimento sobre Machado de Assis. Suas aulas de *Historiografia literária: textos fundadores* foram primordiais para o andamento da pesquisa. Agradeço também ao Professor Eduardo Tolendall.

Aos meus amigos de turma, Jeremias Brasileiro, pois seu brilhantismo e caráter fazem-me ser sua fã sempre.

Ao Alexandre Solano, pelas nossas idas ao boteco antes e depois da aula de Historiografia! Aliás, apresentaste-me “Mundim” e “Saideira”... As nossas conversas, os jogos do Brasil, enfim, sua companhia é insubstituível.

Ao Leonardo Latini, por ser politizador, um pouco polêmico e atleticano apaixonado. Valeu pelo convívio!

Aos meus amigos Henrique e Marcos, pelo afeto construído desde a graduação. Obrigada por tudo.

Ao NEPHISPO, porque as reuniões às sextas-feiras representavam “O café filosófico” da História. Sou grata a todos os professores. As análises dos mestres auxiliaram-me a olhar a política por outro viés!

A professora Karla Bessa. Sua energia positiva e inteligência vivaz são um exemplo a seguir.

Ao Gaspar pela amizade e o apoio sincero durante toda a caminhada. Obrigada amigo!

Ao Raphael Ribeiro, Tadeu Pereira, “Coxinha”, Priscila, Floriana, Luciana Biffi, Cairo Mohamed, professora Maria Clara e demais integrantes do Docpop. Valeu pela aprendizagem e amizade!

À professora Daniela Magalhães pela atenção prestada ao repassar o link da Biblioteca Nacional com o conteúdo do jornal *Gazeta de Notícias*.

Ao John John, pelas nossas intermináveis peregrinações... A sua amizade foi primordial nessa caminhada.

Aos meus alunos das escolas Bueno Brandão, Afrânio Rodrigues da Cunha e Professor Mário Godoy Castanho e em especial os estudantes do EJA e, sobretudo as eternas “figuras”: Kellen, a turminha do mal (Etiene, Franciele e Lorryne), Amanda, Renato, Beatriz, Ana Carolina, Débora, Brenda, Renata, enfim, a todos!

Ao Machado de Assis que permitiu adentrar nas suas obras e discutir com elas a relação entre *Clio* e *Calíope*!

À Sissi Silva Dias e Ana Beatriz Caíres (e demais integrantes da Assessoria pedagógica) pelo apoio prestado durante o processo. Muito obrigada!

A todas as pessoas que acreditaram em mim. À tia Tereza que sempre me apoiou na caminhada estudantil! A Cris Barcelos pela pontual revisão! Ao Ângelo Barcelos pela amizade! Meus colegas de trabalho, de faculdade, familiares! Muito obrigada!

SUMÁRIO

Introdução	11
CAPÍTULO I – Do Morro do Livramento ao Cosme Velho: a inserção de Machado de Assis na literatura brasileira.	
1 – O prenúncio de uma despedida	21
1.1 - Do nascimento às primeiras letras.	23
2 – As múltiplas faces de um escritor: Machado cronista, contista, dramaturgo, tradutor e romancista.	30
CAPÍTULO II- AS IRREVERENTES CRÔNICAS MACHADIANAS	
2- Com “a pena na mão” e a escritura das crônicas	43
2.1 - De <i>Comentários da Semana</i> a <i>Semana</i> : a trajetória das crônicas machadianas.	46
2.2 – Linguagens políticas: a temática da república nas crônicas <i>Bons dias!</i>	59
CAPÍTULO III – Literatura e Política: reflexões sobre a temática da república no romance <i>Esaú e Jacó</i>.	
3.1 - Da “cor local” ao nacional: embates sobre a literatura brasileira e o lugar do romance.	86
3.1.2 – O sentimento íntimo e a literatura nacional	88
3.2- O “Último” que foi o penúltimo: <i>Esaú e Jacó</i> um romance permeado de histórias.	96
3.3 – A república rememorada no romance <i>Esaú e Jacó</i> .	99
Considerações Finais	102
Referências	104
Anexos	111

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo discutir a interpretação do nascimento da república segundo três obras do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Serão analisadas duas crônicas da série *Bons Dias!* (27 de maio de 1888 e 29 de junho de 1889) e também o romance *Esau e Jacó*. Nas crônicas, Policarpo, o narrador, faz objeção à ideia do federalismo, uma das defesas da campanha republicana. Em relação ao romance, deter-nos-emos aos capítulos 60 a 64 que nos mostram a postura de incerteza do Conselheiro Aires sobre a ascensão do novo regime político. A relação entre história e literatura permitirá a nós problematizar a nascente república brasileira por meio dos personagens machadianos. Será que Machado analisou o nascimento da república como um fato positivo? Nas próximas páginas, apresentaremos essa e outras questões deste trabalho, que tem como premissa analisar a tríade História-Literatura-Política, a mudança de regime político no Brasil do final do século XIX.

PALAVRAS-CHAVES: História - Literatura - República - Machado de Assis.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss the interpretation of the birth of the republic according to three works of Brazilian writer Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Will be analyzed in two series chronicles Good Day! (May 27, 1888 and June 29, 1889) and the novel chronicles Esau and Jacob On, Polycarp, the narrator, makes objection to the idea of federalism, one of the defenses of the Republican campaign. Regarding the novel, we will stop to chapters 60-64 we show the position of Counselor Aires uncertainty about the rise of new political regime. The relationship between history and literature will allow us to discuss the nascent republic by the Brazilian Machado characters. Will Machado considered the birth of the republic as a positive? In the following pages, we present this and other issues in this work, which is premised analyze the triad Literature-History-Politics, the change of political regime in Brazil at the end of the nineteenth century.

KEYWORDS: History - Literature - Republic - Machado de Assis.

INTRODUÇÃO

Na década de 1880, vinha intensificando-se o desapareço pela monarquia brasileira. O predomínio dos privilégios senhoriais mantidos pela direção “saquarema”¹ obstruía as liberdades individuais e de direito. Contrários a essa ordem instituída, vários segmentos sociais – comerciantes, engenheiros, fazendeiros, jornalistas, entre outros – urdiram uma forte campanha para legitimarem o regime republicano como o único caminho possível para o desenvolvimento do país.

Imbuídos de uma cultura democrática e científica importada do velho continente europeu², os signatários do manifesto republicano³ valeram-se da imprensa, das assembleias e das ruas como instrumentos eficazes para a desafeição do regime imperial. A proposta era despertar na população o desejo por reformas – nos campos político, econômico e social – que seriam inscritas após a destituição da casa Bragança.

Paralelamente, a escravidão, um dos pilares de sustentação da realeza brasileira, tem a sua ruína decretada com a lei áurea de 13 de maio de 1888. Assinada pela “redentora” princesa Isabel (1846-1921), não consegue atenuar o desgaste do segundo reinado de D. Pedro II⁴ (1840-1889). Embora fosse uma *persona* carismática para a população, a instituição que ele representava não respondia aos anseios de “progresso” suscitados pelos oradores republicanos.

A transformação almejada concretizar-se-ia no ano seguinte. Entre civis e militares, o alvorecer da república prometia “*aos nossos concidadãos*”⁵ uma pátria

¹ Para Maria Tereza Chaves de Melo, “[...] ‘os saquaremas’ consolidaram o sistema imperial, garantindo a centralização por meio da reconstituição do Conselho de Estado, do retorno da vigência do Poder Moderador e da coerção consistente pela faculdade do Executivo de: a) indicar delegados, juízes e polícia; e b) preencher cargos por indicação da burocracia estatal – presidentes de província - Guarda Nacional, Judiciário, cargos eclesiásticos, corpo docente das faculdades e do Colégio Pedro II, promoções militares”. MELLO, M. T. Chaves de. *A República Consentida: cultura democrática e científica no final do século XIX* Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007, p. 158; cf. MATTOS, Ilmar R. de. Do Império à República. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol., 2, nº 4, 1989 – do mesmo autor, cf. *O tempo Saquarema: a formação do estado Imperial*. Rio de Janeiro: Acess, 1994.

² Cf. MELLO, p. 159.

³ O Manifesto Republicano foi publicado no jornal fluminense *A República* no dia 03 de dezembro de 1870.

⁴ Cf. SCHWARZ, Lilia M *As barbas do imperador* São Paulo: Cia das Letras, 1999.

⁵ A referência inicial do Manifesto Republicano, Disponível em <http://www.historiamais.com/manifesto.htm>. Acesso em 09 set. 2009.

livre, democrática e igualitária, enaltecida por alguns e combatida por outros autores. Esse período tem sido objeto de vários estudos⁶ na historiografia brasileira.

Esta dissertação que agora apresentamos não tem a pretensão de diagnosticar a verdadeira causa da queda da monarquia brasileira, visto que foram vários os fatores que a levaram ao aniquilamento. Não é também nosso objetivo salientar se havia entre a população brasileira um grande clamor pela república. O cerne desta pesquisa consiste na análise de obras do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nas quais encontramos uma interpretação do nascimento do regime republicano no país. Analisaremos suas crônicas da série *Bons Dias!*⁷ e o romance *Esau e Jacó*⁸. A singularidade dessas produções reside na perspicácia esmerada dos seus respectivos narradores; Policarpo e Aires, que discutem o advento da república.

Nesse sentido, ressaltamos que este trabalho não se resume em (re) afirmar os tidos “marcos” e “personagens” envolvidos naquele processo e nem ancorar uma única perspectiva historiográfica⁹ acerca desse período. A proposta é, por meio da relação entre história e literatura, problematizar a interpretação da mudança de regime político ocorrida no Brasil no final da década de 1880 segundo as letras do “bruxo do Cosme Velho.”¹⁰

As crônicas da série *Bons Dias!* escritas por Machado de Assis, “[...] coincide(m) com uma conjuntura de tão grande importância na história brasileira como é a abolição da escravatura e o fim gradual e inevitável do império”¹¹. Nas palavras pontuais do crítico literário inglês John Gledson, era impossível para o “bruxo do Cosme Velho” negligenciar aqueles acontecimentos, até porque na função de cronista impera a necessidade de comentar os fatos no “calor da hora”.

⁶ Um levantamento prévio foi realizado no ano de 1989 (Centenário da República) por GOMES, Ângela de Castro e FERREIRA, Marieta de Moraes. Primeira República: um balanço historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, 1989, p. 249-280.

⁷ Essas crônicas foram publicadas no período de 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889 no *Jornal Gazeta de Notícias*, exceto a que foi editada na *Imprensa Fluminense* nos dias 20 e 21 de maio de 1888.

⁸ ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

⁹ Cf. JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. FREITAS, Marcos César de (Org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: USF/Contexto, 1998, p. 119-143.

¹⁰ “[...] intelectuais ouvidos pela reportagem apontam o poema “A um bruxo, com amor” escrito por Carlos Drummond de Andrade, nos anos 50, como origem do apelido. Os versos iniciais são: Em certa casa da Rua Cosme Velho / (que se abre no vazio) / venho visitar-te; e me recebes”. *Gledson pede moratória ao apelido “bruxo”*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 de jan. 2008, Caderno Mais! p. 5.

¹¹ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Introdução e notas de John Gledson. Campinas: Hucitec/Unicamp, 1990, p. 13.

Nos últimos anos cresceu por parte da crítica literária e até de historiadores¹², o interesse por esse gênero de “menor valor” da obra do escritor, pois se estima que ele publicou mais de 600 crônicas no período de 1861 a 1897, salve duas editadas em 1900¹³. A série *Bons Dias!* somente foi objeto de análise mais minuciosa a partir da década de 1980 pelo já mencionado crítico literário John Gledson¹⁴. Esse último ressaltou a importância do trabalho de José Galante de Souza, a quem atribuiu a autoria daquelas crônicas à Machado de Assis¹⁵, já que Machado tinha o costume de assinar pseudônimos¹⁶ nas suas crônicas.

Iniciar as crônicas com a saudação “*Bons Dias!*” e encerrar com “*Boas Noites*” foi algo irreverente e inovador. Policarpo, o narrador da série, era “um ex-relojeiro, que cansado de ver os relógios do mundo marcarem a mesma hora, abandona este ofício e torna-se cronista”.¹⁷ Ao encarar essa nova profissão, Policarpo assume a postura de um intelectual preocupado com o rumo político que o Brasil poderia enfrentar após o decreto da abolição. Por isso, as crônicas dos dias 27 de maio de 1888 e 29 de junho de 1889 são enfáticas ao se oporem à ideia do federalismo¹⁸, um dos lemas do movimento republicano.

Selecionamos as crônicas pelo teor político que elas apresentam, entretanto não é nosso objetivo discutir a predileção política de Machado de Assis (monarquista ou

¹² BETELLA, Gabriela k. *Bons Dias! : O funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revan, 2006; CAVALINI, Marco Cícero. *Letras políticas: a crítica social do segundo reinado na ficção de Machado de Assis*. Tese (doutorado em História) – IFCH– Unicamp, Campinas, 2005; CHALHOUB, Sidney; NEVES, M. e; PEREIRA L. (Orgs.) *História em cousas miúdas: capítulos da história social da crônica no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2005; GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras/FAPESP, 2000 e ROCHA, João César de Castro (Org.) *À roda de Machado de Assis: Ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006.

¹³ É importante salientar que as crônicas eram nomeadas em séries: *Comentários da Semana; Crônicas do Dr. Semana; Badaladas; História de Quinze Dias; História de Trinta Dias; Notas Semanais; Balas de Estalo; A + B; Gazeta de Holanda; Bons Dias! e A Semana*. Machado de Assis escreveu essas crônicas em diferentes periódicos/jornais e revistas. Para um melhor aprofundamento dessa questão, sugiro GUIDIN, Márcia; GRANJA, Lúcia e RICIÉRI, Francine W. (Orgs.) *Machado de Assis ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Edunesp, 2008.

¹⁴ Gledson, John. Machado de Assis: *Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

¹⁵ Ibidem, p. 117.

¹⁶ Para ilustrar citemos: *Gil; Dr. Semana; Manassés; Eleazar; Lélío; João das Regras; Malvólio* ou apenas com suas iniciais *M. A.*

¹⁷ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Notas e introdução de John Gledson. Campinas: Hucitec/Unicamp, 1990, p. 36.

¹⁸ No regime monárquico houve vários movimentos insurrecionais, principalmente no período regencial (1831-1840), que lutaram pelo sistema federativo. Estas revoltas ocorreram nas “(...) províncias, desprezadas pela corte curtindo o exílio dentro do país e insatisfeitas com a regência, reagem, não para se separar ou tornarem-se independentes, situação reclamada ou imposta como tácita de luta sob a promessa de retorno à união, uma vez vencedora a causa – mas para gozar de maior proteção do centro”. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo, 1977, 4ª ed. V. 1, p. 320-321.

republicano), mas analisar os seus sentimentos em relação à nova possibilidade de regime político que estava sendo desenhada no Brasil do final do século XIX.

A segunda fonte de nosso estudo, o romance *Esau e Jacó*, publicado pela B. L. Garnier¹⁹ e que,

[...] chegou às livrarias do Rio de Janeiro no segundo semestre de 1904, provavelmente no mês de setembro, em meio à discussão sobre a vacina obrigatória. [...] recebeu mais atenção da imprensa do que o romance anterior, tendo sido assunto de pelo menos oito resenhas [...].²⁰

O trabalho criterioso do professor Hélio de Seixas Guimarães tratou de forma peculiar a recepção dos nove romances do “bruxo do Cosme Velho”²¹, tanto na imprensa, em que a crítica especializada tecia seus comentários sobre as obras, quanto aos leitores, que no país não eram muitos, pois mais de 70% da população era analfabeta²². Contudo, os leitores eram onipresentes nas obras machadianas, autor e leitor mantinham uma relação intimista por meio do uso ficcional do narrador, embora não se deva usar o valor dessa acepção para justificar que o uso desse recurso pelo escritor equivale ao seu “alter ego”.

Em relação a *Esau e Jacó*, Guimarães aponta que no ano do lançamento deste romance, a discussão sobre a obrigatoriedade da vacina contra a varíola²³ estava em voga e que ele obteve por parte da crítica um reconhecimento maior do que *Dom Casmurro*. O penúltimo livro do escritor, “o romance *Esau e Jacó* decorre nos últimos anos do império brasileiro, refere cenas, episódios, aspectos magníficos analisados

¹⁹ Iniciais de Baptiste Louis. A Editora Garnier foi responsável por boa parte das publicações literárias no final do século XIX e início do XX. A partir de 1899 a mesma se torna proprietária dos direitos autorais de Machado de Assis.

²⁰ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004, p. 263.

²¹ Seguindo a ordem cronológica são esses os nove romances escritos por Machado de Assis: *Ressurreição* (1872); *A Mão e a Luva* (1874); *Helena* (1876); *Iaiá Garcia* (1878); *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), além das já mencionadas crônicas, o escritor publicou: poesias, contos e peças de teatro.

²² O primeiro censo no Brasil teve o início em 1872, sendo que seu resultado só foi divulgado quatro anos mais tarde. Estimando uma população de quase 10 milhões de habitantes, apenas 12 mil frequentaram a escola secundária e 8 mil possuíam diploma superior. Na *Semana Ilustrada* de 15 de agosto de 1876, Machado de Assis em uma crônica da série *História de 15 dias* emite a sua opinião sobre aqueles dados: “[...] A opinião pública é uma metáfora sem base; há só a opinião de 30%. Um deputado que disser na câmara: - Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30% dos ouvem [...] dirá uma coisa extremamente sensata”. GUIMARÃES, op. cit. p. 66 e p. 103.

²³ Cf. SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Epoque à era do rádio*. Vol. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 7-48.

suavemente”²⁴, possuía na sua trama principal a celeuma dos irmãos gêmeos: Pedro e Paulo. Aparentemente trata-se de uma narrativa simplória, no entanto o escritor traz elementos consoantes ao período delimitado do enredo (1871 a 1894) e demonstra a partir dessa apropriação que uma das possibilidades de interpretação desse romance se efetua pelo viés histórico. A própria oposição ideológica dos gêmeos – Pedro (monarquista) e Paulo (republicano) – já resumiria a alegoria política construída pelo literato.

A princípio, se fôssemos trabalhar todo o conteúdo do livro reduzir-no-íamos a uma pura generalização sobre os acontecimentos políticos ocorridos no Brasil oitocentista e a análise situar-se-ia na obra pela obra. Portanto, para essa pesquisa examinaremos os capítulos 60 a 64, nos quais o narrador – personagem Conselheiro Aires – procura compreender o que de fato sucedeu na manhã de 15 de novembro de 1889, uma vez que ele “(...) ouviu umas palavras soltas, Deodoro, batalhões, campo, ministério, etc.”²⁵

Nestes cinco capítulos selecionados, o Conselheiro Aires, por meio de seu olhar atento, narra com exímio a sensação que a mudança de regime causou naquele momento, principalmente no seu diálogo com o personagem Custódio a respeito da nova tabuleta²⁶. A atitude desse personagem de incerteza sobre aquele acontecimento nos remete ao questionamento, que recentemente na historiografia vem sendo revisitado²⁷, a respeito da frase de Aristides Lobo sobre a proclamação da república: *o povo assistiu aquilo bestializado*²⁸. Se essa foi a percepção do Conselheiro Aires naquele instante, não podemos afirmar, pois a sua postura de dúvida demonstra mais interesse em saber o que aconteceria realmente no país com o novo regime.

A partir da apresentação dessas obras de Machado de Assis²⁹, percebemos que o autor preocupava-se com as instituições políticas do país. Dessa forma, essa pesquisa

²⁴ GUIMARÃES, op. cit., p. 443. Este comentário foi escrito pelo ensaísta Leopoldo de Freitas (1865-1940) e publicado no jornal *Diário Popular*, São Paulo, 5-12-1904, p. 1 (mantivemos a grafia original).

²⁵ ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p. 132.

²⁶ *Ibidem*, p. 135 – 141. Esta personagem no livro é riquíssima, pois Custódio, dono de uma confeitaria, mandava reformar a tabuleta do seu estabelecimento um dia antes ao 15 de novembro e não sabia se mantinha o nome “Império” na mesma ou colocava “República”.

²⁷ Cf. MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007.

²⁸ Esta frase se encontra numa crônica escrita no dia 15 de novembro de 1889 e publicada três dias depois, Apud, Mello, 2007.

²⁹ Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 no morro do Livramento, Rio de Janeiro. Desde muito jovem despertou pela verve literária. Aos 16 anos, em 1855 publica seu primeiro poema *Ela* no jornal *Marmota Fluminense*. Daí em diante passou a escrever contos, crônicas, romances, peças de teatro, além de tradutor. Morreu no dia 29 de setembro de 1908, aos 69 anos, extremamente

justifica-se a princípio pela ausência de trabalhos que discutam com mais consistência a interpretação que o referido escritor concedeu sobre a implementação da república³⁰ e secundamente, por contribuir para uma problematização mais profícua sobre este período tão versado pela historiografia brasileira.

A dissertação que apresentamos alia-se a essas possibilidades analíticas, pois ao caminhar pela relação história, literatura e política, intencionamos problematizar a interpretação machadiana referente à mudança de regime político no Brasil oitocentista, sempre revelando as interligações estabelecidas entre o escritor e as questões de seu tempo.

O objetivo geral do trabalho é discutir a interpretação de Machado de Assis sobre a ascensão do regime republicano no Brasil por meio da análise de crônicas da série *Bons Dias!* e dos capítulos 60 a 64 do romance *Esaú e Jacó*. A importância dessas obras reside na forma em que os narradores – Policarpo e Aires – opinam sobre o quadro político que estava sendo pintado no final da década de 1880 no país.

Partindo da exposição desses objetivos, procuramos analisar algumas questões: se a ideia do regime republicano já estava sendo solidificada na sociedade brasileira oitocentista, por que nas obras machadianas os narradores Policarpo e Aires demonstram desconfiança e incerteza diante desta nova possibilidade de governo? Para John Gledson, o escritor preferia que o país vivesse uma monarquia constitucional do que em uma absoluta. Isto, porém, são apenas conjecturas. É importante salientar ainda outra questão: para Machado de Assis, a democracia viria com a república ou esta apenas atenderia a interesses de alguns grupos?

A apresentação dessas problemáticas fez suscitar algumas hipóteses acerca da postura do escritor perante aquele acontecimento. Machado pertenceu à chamada

amargurado com a perda da esposa Carolina Augusta Xavier de Novais (1835-1904), à qual alguns estudiosos atribuem ser a “D. Carmo” do romance *Memorial de Aires*. Deixou-nos um legado primoroso, pois acreditava que as letras poderiam contribuir para as questões nacionais, pois (...) “*eu gosto de ver a política entrar pela literatura, anima a literatura a entrar pela política, e dessa troca de visitas é que nascem as amizades*” (ASSIS, J. M. Machado de. *Obras Completas*- A Semana 2º Vol.(1894-1895) Rio de Janeiro:W. M. Jackson,1959,p.91.[Crônica *A Semana*,13 de maio de 1894,publicada originalmente no jornal *Gazeta de Notícias*]

³⁰ É inegável que haja uma bastante produção historiográfica sobre Machado de Assis, entretanto, não há, após um levantamento prévio, trabalhos que contemplem as crônicas *Bons Dias!* com o romance *Esaú e Jacó*. Apenas na teoria literária em que a autora Gabriela Betella nomeia a “ociosidade” como característica principal dos narradores machadianos sem se debruçar muito sobre o teor político das obras do “bruxo do Cosme Velho”. Cf. BETELLA, Gabriela K. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons Dias! e A semana)*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

“geração de 1870”³¹, embora não se declarasse positivista e republicano. Ele acreditava que a literatura poderia responder às inquietações do cotidiano. A sua inserção como cronista foi um ponto relevante para que ele expressasse e instigasse no seu leitor opiniões acerca de qualquer assunto, seja política, sociedade, usos e costumes, entre outros.

Nesse sentido, o autor d’as crônicas da série *Bons Dias!* escritas no período de grande efervescência política (1888 e 1889), preocupava-se em mostrar para o público as facetas da República e almejava uma avaliação prudente dos leitores frente a nova possibilidade de regime político propagada naquele momento. Essa seria uma primeira hipótese. A segunda situa-se no ano de publicação do romance *Esau e Jacó* (1904). Possivelmente, o literato estava fazendo uma avaliação do regime republicano (15 anos de proclamação) e procurava, dessa forma, problematizar com os leitores se realmente houve mudança com o novo regime de governo.

Reconhecer essas possíveis leituras no escritor é fundamental para que a análise dessas obras não seja realizada de forma superficial e efêmera. Por isso, é importante frisar que além da condição de literato, Machado de Assis era funcionário público³² (em 1889 era diretor geral da Diretoria do Comércio) e tinha ciência dos trâmites políticos realizados pela elite brasileira, principalmente os cafeicultores do Vale do Paraíba (estado de São Paulo). Talvez seja por essa razão que nas crônicas da série *Bons Dias!* a crítica em relação à autonomia dos estados é mais acentuada, pois o autor tinha receio da perpetuação do regime oligárquico no país.

A previsão de Machado de Assis se confirmaria principalmente no governo presidencial de Manuel Ferraz de Campos Sales (1898-1902) em que o chamado “pacto dos governadores” passa a vigorar. Esta prática estabelecer-se-ia com a alternância no poder executivo, entre o estado de Minas Gerais e o estado de São Paulo³³, cujo procedimento ficou conhecido como “política do café-com-leite”.

Essas hipóteses são de suma importância para se pensar a interpretação estabelecida por Machado de Assis sobre a república: será que ele observou realmente

³¹ Eram intelectuais, jornalistas, literatos e políticos que abraçavam o “cientificismo” e todas as suas derivações: positivismo, ateísmo, anticlericalismo e tudo aquilo que representasse oposição ao binômio ordem e progresso.

³² Quanto à sua atividade como funcionário público, sugiro a leitura de CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis – Historiador*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. Além de analisar os primeiros romances e alguns contos do escritor em que a ideologia de classe senhorial é debatida, este trabalho também contempla as intervenções do funcionário Machado de Assis na luta pela aplicação da lei do ventre livre (28 de setembro de 1871).

³³ Cf. LESSA, Renato. *A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da primeira república brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

uma ruptura nos privilégios senhoriais? ³⁴ Portanto, a análise minuciosa dessas obras, juntamente com uma bibliografia de apoio foram imprescindíveis para o debate a respeito da interpretação do escritor referentes às instituições políticas do Brasil oitocentista.

A apresentação da metodologia de trabalho em pesquisa é essencial para compreendermos o alcance dos objetivos. Neste sentido, realizamos uma análise minuciosa das obras do escritor brasileiro Machado de Assis, pois ambas possibilitam interpretar o nascimento do regime republicano no Brasil do final do século XIX.

Num primeiro momento, selecionamos e analisamos as crônicas da série *Bons Dias!* com o objetivo central de discutir o teor político apresentado, pois as crônicas dos dias 27 de maio de 1888 e 29 de junho de 1889 expõe o federalismo. Procuramos compreender as razões antecessoras da luta das províncias do segundo reinado pela sua autonomia, a incorporação e as influências adquiridas pelo movimento republicano ³⁵ sobre essa ideologia e, por fim, examinamos a presença desse tema nas crônicas, observando a sua face temporal.

Posteriormente, dedicamos à análise dos capítulos 60 a 64 do romance *Esau e Jacó*. Nestes, o narrador Conselheiro Aires discorre sobre a sua percepção relacionada à queda da monarquia brasileira. Dessa forma, discutimos os vários fatores que levaram ao desmonte da Casa Bragança. Procuramos, por meio dos diálogos dos personagens Aires e Custódio, suscitar o atual debate da historiografia brasileira: a não participação popular na proclamação da república.

Sendo assim, o desenvolvimento da pesquisa pautou-se em fontes documentais escritas, que passaram por uma rigorosa leitura. Observamos as semelhanças entre elas, contudo sem a pretensão de auferir que estas obras de Machado de Assis respondem à mentalidade da sociedade carioca oitocentista.

Dessa forma, interessa-nos apreender as mudanças metodológicas trazidas pela Escola dos Annales ³⁶, principalmente a denominada Terceira Geração, que trouxe para o campo historiográfico uma noção mais abrangente do conceito de documento. A literatura tornou-se para o pesquisador um instrumento eficaz para interrogar as

³⁴ FAORO, Raymundo. *Machado de Assis - A pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

³⁵ Cf. MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de. *O espírito das leis*. Apresentação Renato Janine Ribeiro, tradução Cristina Muracheo. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. As ideias deste filósofo serviram de inspiração para a constituição americana após a independência (1776) e esta servia de modelo para os propagandistas do movimento republicano brasileiro.

³⁶ Cf. BURKE, Peter *A Escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

*relações que as obras mantêm com o mundo social*³⁷. Doravante, a literatura³⁸ não deve ser usada como apropriação pela História, mas como documentação em que, por meio de uma relação profícua, é possível compreender modos de vida. E, no caso dessa pesquisa, permitiu-nos discutir a interpretação produzida por Machado de Assis a cerca das mudanças políticas de sua época.

Diante das considerações acima, a dissertação desdobrou-se em três capítulos. No primeiro, denominado *Do Morro do Livramento ao Cosme Velho: a inserção de Machado de Assis na literatura brasileira*, procuramos compreender a trajetória pessoal e literária de Machado de Assis. Nesse sentido, denotaremos as agruras do escritor passadas na infância e o início de seu percurso na literatura. Isto não implica em afirmar que faremos uma descrição biográfica do mesmo, mas traremos elementos pessoais para pontuarmos o amadurecimento e reconhecimento intelectual de Machado na sociedade carioca oitocentista, sobretudo, a partir da publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

No segundo capítulo, *As irreverentes crônicas machadianas*, buscamos estabelecer as incursões de Machado de Assis no gênero crônica, principalmente na sua inserção no jornalismo. Evidente que não podemos esquecer que o autor escreveu aquelas em outros periódicos (revistas), mas no século XIX, jornalismo e literatura caminhavam juntos, por isso subjaz elencarmos uma bibliografia condizente que denote tal proposição assim como o caminho traçado pelo escritor neste gênero até especificamente *Bons dias!* e a temática da república.

Tais questões serão debatidas no terceiro capítulo, *Literatura e Política: reflexões sobre a temática da república no romance Esaú e Jacó*. Dessa forma, abordaremos a discussão engendrada por Machado de Assis sobre a defesa de um romance analítico, social e as implicações na escrita do autor. Posteriormente, apresentaremos de forma sucinta o romance *Esaú e Jacó*. Neste, problematizaremos o advento da república, situando nos capítulos 60 a 64, o diálogo do narrador-personagem Conselheiro Aires com o comerciante Custódio sobre a mudança de regime político ocorrida no Brasil em 1889.

³⁷ CHARTIER, Roger História e Literatura. *À Beira da Falésia: a História entre incertezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos Porto Alegre: UFRGS, 2002, p.259.

³⁸ Além disso, deve ser ressaltado que a renovação nos estudos de História Política foi “estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas” REMOND, René *Por uma História Política* Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p.29.

Desse modo, esta dissertação que por ora se apresenta, procurará diagnosticar as facetas do nascimento da república brasileira sem incorrer a paradigmas teóricos e esperamos uma contribuição dialética para a historiografia brasileira.

CAPÍTULO I – DO MORRO DO LIVRAMENTO AO COSME VELHO: A INSERÇÃO DE MACHADO DE ASSIS NA LITERATURA BRASILEIRA.

1) *O prenúncio de uma despedida*

Quem me leu *Esau e Jacó* talvez reconheça estas palavras do prefácio: “Nos lazeres do ofício, escreveu o *Memorial*, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis”. Referia-me ao conselheiro Aires. Tratando-se agora de imprimir o *Memorial*, achou-se que a parte relativa a uns dous anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões – pode dar uma narração seguida, que talvez interesse, apesar da forma de diário que tem. Não houve pachorra de a redigir à maneira daquela outra – nem pachorra, nem habilidade. Vai como estava, mas desbastada e estreita, conservando só o que liga o mesmo assunto. O resto aparecerá um dia, se aparecer algum dia.” (Machado de Assis)³⁹

Assim começa a “Advertência” do romance *Memorial de Aires*. Publicado em 1908 pela editora B.L Garnier, o último trabalho do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) enuncia uma melancolia presente em sua composição. Tal característica justifica-se pela ausência dolorosa enfrentada pelo literato há quatro anos; o falecimento de sua esposa Carolina Augusta Xavier de Novais (1835-1904).

Era notório que desde o desenlace provocado pela morte de sua companheira, Machado de Assis levava uma vida enclausurada e metódica. Sua rotina compreendia o trajeto do famoso sobrado - situado na Rua Cosme Velho 18, no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro – ao seu trabalho no Ministério da Aviação. Também se percebia não com muita frequência as suas passagens pela Academia Brasileira de Letras, na qual colaborou para a fundação em 1896 e as idas ao editor, o livreiro Baptiste Louis Garnier, ou seja, Machado convivia com a solidão.

A morte, um tema recorrente na vida do escritor, talvez fosse um alento para aqueles dias cinzentos. Em 1879, esteve em convalescência na cidade de Nova Friburgo. A renite e o mal-estar vivenciados pelas crises de epilepsia, a qual denominou de “pecado original”⁴⁰ e de asma, fê-lo refugiar na região serrana do estado fluminense.

³⁹ ASSIS, J. M. Machado de. *Memorial de Aires* Nova Cultural: São Paulo, 2003, p.245.

⁴⁰ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.24.

Neste período de reclusão, Machado deu vida a um defunto autor, o qual viria a lume em 1881, o indelével romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Por mais que a permanência dessas doenças crônicas abatesse Machado, o desaparecimento de Carolina foi crucial para a efetivação do seu isolamento. Quando terminou de escrever o *Memorial*, incumbiu a quatro amigos a revisão do livro⁴¹, Mário de Alencar, filho do escritor José de Alencar (1829-1877), o crítico literário José Veríssimo e os literatos, Graça Aranha e Magalhães de Azeredo.

Após a análise do romance, Mário de Alencar, numa carta endereçada a Machado de Assis, aponta a “doce evocação”⁴² que o escritor trouxe à lembrança de sua companheira, na personagem D. Carmo. O famoso soneto “A Carolina” foi escrito em 1906, mas a última homenagem deixaria para a imortalidade a figura daquela a quem Machado mais teve afeto⁴³.

Concomitante ao lançamento do *Memorial de Aires* (julho de 1908), que recebeu da imprensa intensos elogios, a saúde do “bruxo do Cosme Velho”⁴⁴ já demonstrava sinais de uma fragilidade constante. Em agosto daquele ano, Machado se licencia da Academia. O “seu único deleite, além de jogar paciência com o baralho e de receber mensagens de estima dos amigos, era a leitura de autores como Schopenhauer e Renan, duas de suas maiores influências intelectuais”⁴⁵.

A morte, porém se fazia mais próxima. As 03h20min do dia 29 de setembro vinha a óbito Machado de Assis. Além de padecer dos males anteriormente citados, o escritor carioca contraiu uma úlcera cancerosa na boca, definitiva para o falecimento. No dia seguinte, os jornais noticiavam o passamento do autor. O então presidente da república Afonso Pena (1906-1909) determinou que o Tesouro Nacional cobrisse as despesas do funeral, vários discursos na Câmara Federal e no Senado foram realizados em sua homenagem.

O sepultamento foi realizado no cemitério de São João Batista, no mesmo túmulo onde estava Carolina. Encerrava-se ali uma vida e nascia o legado do escritor que percorreu um longo caminho⁴⁶, para ser laureado como um dos grandes literatos

⁴¹ Esta tarefa era realizada por Carolina.

⁴² PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.26.

⁴³ O crítico literário José Veríssimo também percebeu esta semelhança. Machado de Assis pediu para que os amigos não levassem esta observação ao conhecimento do público.

⁴⁴ Machado de Assis recebeu esta alcunha pela poesia “A bruxo com amor” de autoria do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

⁴⁵ PIZA, Daniel. Op. Cit. p.31.

⁴⁶ Além da epilepsia e da retinite, Machado ainda encarou preconceitos por ser gago e mulato.

deste país. De revisor de tipografia a cofundador da Academia Brasileira de Letras, nos seus 69 anos de vida, Machado de Assis conviveu com uma sociedade excludente e paternalista. Registrou em sua obra as tensões humanas e sociais além de transitar com maestria no meio da elite cultural e política do Brasil oitocentista.

Dessa forma, no próximo tópico será tratada a inserção do escritor carioca no meio literário. Não nos interessa estabelecer um contexto difuso vida e obra, mas nortear ligações entre ambos para que se possa compreender a trajetória profícua do perene “bruxo do Cosme velho”.

1.1) *Do nascimento às primeiras letras*

Era uma sexta-feira, 21 de junho de 1839, nascia no morro do Livramento, Rio de Janeiro, Joaquim Maria Machado de Assis⁴⁷. Seus pais, Francisco José de Assis (1806-1864) e Maria Leopoldina Machado de Assis (1812- 1849)⁴⁸ eram agregados de D. Maria José, proprietária da chácara, onde o futuro escritor passaria os seus primeiros anos de vida.

Sabe-se que na tenra idade, Machadinho⁴⁹ viu os seus falecerem de forma brusca. Primeiramente a irmã caçula em decorrência do sarampo⁵⁰. Em seguida, no ano de 1849, cinco meses antes de o futuro escritor completar 10 anos, a tuberculose veio causar o óbito de sua mãe com apenas 36 anos de idade. Eram tempos de epidemias e cóleras na cidade do Rio de Janeiro em meados dos anos de 1800.

⁴⁷ Os prenomes de Machado de Assis foram atribuídos em homenagem aos seus padrinhos de batismo Joaquim Alberto de Souza da Silveira e Maria Jozé de Mendonça Barrozo.

⁴⁸ Os pais de Machado de Assis vieram de lugares diferentes, porém tiveram em suas origens pontos em comum. Francisco José de Assis era filho de um casal de escravos alforriados (os chamados “pardos forros”), que viviam na chácara do Livramento sob a tutela de d. Ana Teresa Angélica da Cunha. Já a mãe do literato, Maria Leopoldina Machado de Assis, nasceu na cidade Ponta Delgada na Ilha de São Miguel Açores, arquipélago português no Atlântico, pertencente ao território africano. A mesma veio para o Brasil num navio negreiro (em troca da viagem, os trabalhadores açorianos vinham nestes navios e trabalhavam por um período de graça no país de destino) e ao aportar no Brasil foi para a Chácara do Livramento prestar serviços ao antigo proprietário (Senador Bento) e provavelmente nos anos de 1830 conheceu o futuro pai do escritor. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.51-53. Ver também MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*; prólogo de Antonio Candido; posfácio Paulo Rónai; Tradução de Marco Aurélio de M. Matos, 2ª ed. revista, São Paulo: EDUNESP, 2009, p.43-54.

⁴⁹ Apelido carinhosamente criado pelos seus pais.

⁵⁰ Esta enfermidade também causaria a morte de D. Maria José, a proprietária da Chácara do Livramento.

Concomitante a essas perdas e as dificuldades financeiras enfrentadas, Machado ainda

[...] teve uma educação incomum. Pai e mãe – uma raridade entre famílias humildes na época – sabiam ler e escrever e provavelmente lhe ensinaram o português. O pai até constava dos assinantes do *Almanaque Laemmert*, uma publicação da Corte. Machado também deve ter ido à escola, mas não se sabe qual, ainda que no “Conto de Escola” faça referência a uma instituição localizada entre o morro do Livramento e a praia da Gamboa. O padre Silveira Sarmiento, da Capela de São João Batista teria instruído o menino. [...] Segundo Araripe Jr., também teria trabalhado três dias como vendedor em uma loja de papel, profissão que seu pai sonhava para ele, mas pelo jeito não pegou gosto pelas vendas.⁵¹

Na vigência da sociedade patriarcal brasileira dos oitocentos eram pouquíssimos homens livres que possuíam alguma cultura. Os *Machados de Assis* se enquadravam nessas exceções. O *Almanaque Laemmert*⁵² do qual o senhor Francisco José de Assis era assinante foi criado em 1839 pelos irmãos alemães Laemmert. Neste tablóide de variedades culturais havia uma seção destinada à literatura, além de novidades e lançamento de costumes e modas em geral.⁵³ A leitura desta publicação deve ter influenciado Machado no interesse pela escrita. Sobre a sua educação formal pouco se tem informação.

Possivelmente, como atesta Daniel Piza, o autor de *Dom Casmurro* deve ter frequentado alguma instituição de ensino, mas não há dados que mencione o nome desse local. Machado de Assis deve ter recebido os preceitos iniciais a partir das lições do padre Silveira Sarmiento e que não teve aptidão para as vendas, para infortúnio de seu pai. Ainda sobre o processo de aprendizado de Machado, há informações desconexas em relação ao apoio que ele supostamente recebeu de sua madrastra, Maria Inês da Silva⁵⁴ no conhecimento da língua francesa.

Para Jean-Michel Massa, há uma carta publicada em 21 de novembro de 1908⁵⁵ por Hemetério dos Santos - contemporâneo de Machado de Assis - que menciona a

⁵¹ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p. 55.

⁵² A princípio este era chamado de *Folhinha Laemmert*. Em 1844, foi rebatizado pelo nome acima citado. PIZA, Daniel. Op. cit. p.62.

⁵³ *Ibidem*, p.62.

⁵⁴ Após a morte de sua esposa Francisco José de Assis mudou com o seu filho para o bairro de São Cristovão na região central do Rio de Janeiro. Lá conheceu a doceira mulata de 33 anos Maria Inês da Silva a qual desposou em junho de 1854. Cf. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*; prólogo de Antonio Candido; posfácio Paulo Rónai; Tradução de Marco Aurélio de M. Matos, 2ª ed. revista, São Paulo: EDUNESP, 2009, p.76.

⁵⁵ Editada no jornal carioca *Gazeta de Notícias*.

ingratidão do escritor com a esposa de seu pai. Segundo Hemetério, o adolescente Machado recebia todas as noites os ensinamentos daquela, e que partiu dela o encaminhamento do enteado para Madame Gallot, proprietária de uma padaria, na qual havia um padeiro de origem francesa que possivelmente instruiu aquele em sua língua materna.

Este texto, porém não obteve credibilidade no meio intelectual, pois se sabia o papel preponderante dos pais na educação de Machadinho e também era conhecido o ressentimento de Hemetério em relação ao escritor, que o acusava de não ter defendido “a causa dos homens de cor”⁵⁶. Pesquisas foram feitas sobre a existência da senhora Gallot, todavia constatou-se nos Anuários a inexistência de informações sobre ela e também de registros que confirmassem ser dona de uma padaria. O endereço do suposto estabelecimento somente foi registrado em 1863, na cidade do Rio de Janeiro e não entre 1850 e 1855 como afirmara o autor da carta.

Dessa forma, essas lacunas existentes sobre a formação do escritor somente faz criar conjecturas, que sempre deixam incongruências nas informações a respeito de sua biografia. Segundo estudiosos de Machado, há alusões nas obras do literato sobre a infância e adolescência⁵⁷, isto, porém são apenas hipóteses. Por ora, sabem-se da importância para os contatos do bruxo do Cosme Velho com o meio literário, os anos de 1850. A amizade construída com Paula Brito foi o começo para a publicação das primeiras produções.

O mulato de origem humilde Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi um dos entusiastas da literatura brasileira, pois acolheu vários escritores em sua editora. Aprendeu o ofício de tipógrafo na *Imprensa Nacional* e em 1832 estabelecia no centro de Rio de Janeiro a *Tipografia Fluminense de Brito e Cia*, que lançaria o primeiro jornal destinado ao público feminino, *A Mulher do Simplicio* ou *A Fluminense Exaltada*⁵⁸.

Observador da situação do negro no Brasil dos oitocentos, Paula Brito publicou, a partir de 1833, a folha *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, um forte veículo de informação na luta contra o preconceito racial. Embora tivesse poucos recursos financeiros,

⁵⁶ MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*; prólogo de Antonio Candido; posfácio Paulo Rónai; Tradução de Marco Aurélio de M. Matos, 2ª ed. revista, São Paulo: EDUNESP, 2009, p.77.

⁵⁷ A novela *Casa Velha* (1855) sobre o Morro do Livramento e os contos: *Umás Férias* e *Conto de escola*.

⁵⁸ Este jornal circulou na cidade do Rio de Janeiro até 1846.

construiu a primeira casa editorial brasileira, a *Empresa Tipográfica Dous*⁵⁹ de *Dezembro* localizada no Largo do *Rossio* (hoje Rocio). Editava entre outros impressos, o periódico *Marmota Fluminense*.

Foi neste jornal que Machado de Assis iniciou a sua trajetória literária. O poema *Ela*⁶⁰ veio a lume em 12 de janeiro de 1855. Era um texto singelo e carregado de um lirismo ingênuo, porém foi essencial para o começo do percurso do escritor. O apreço por Paula Brito valeu a Machado função de revisor da Tipografia. Neste ambiente de trabalho, Machado deparou-se com alguns literatos e intelectuais renomados como: Gonçalves Dias (1823- 1864), Quintino Bocaiúva (1836- 1912), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), entre outros.

Aqueles formavam a Sociedade *Petalógica*. Fundada em 1853 pelo proprietário da casa editorial esta confraria

[...] tinha função “litero-humorística”, segundo Machado, para “contrariar os mentirosos, mentindo-lhes, a fim de que eles, tomando como verdade tudo o que ouviam, o fossem refutando por toda a parte e se desmoralizassem inteiramente, ou perdessem o vício” – uma definição que dá ideia das origens do humor moralista que marcaria Machado.⁶¹

A etimologia de petalógica advém do latim “peta”, que significa mentira, conto. Daí compreende-se que os integrantes desse clube literário praticavam o embuste como princípio norteador da crítica social e política. As palavras de Machado de Assis endossam essa acepção. Possivelmente como atesta Daniel Piza, esta convivência pode ter influenciado a escrita irônica do bruxo do Cosme Velho⁶².

Pode-se considerar também que o Rio de Janeiro da metade dos oitocentos vivia uma grande efervescência cultural. A Rua do Ouvidor⁶³ era o espaço de sociabilidade onde as discussões sobre livros, teatro, música, política e até de fofocas faziam parte do

⁵⁹ Mantive a grafia original. Possivelmente este estabelecimento recebeu este nome em homenagem ao nascimento do futuro Imperador brasileiro D. Pedro II (2 de dezembro de 1825). Paula Brito era o Impressor da Casa Imperial. Cf. ANTUNES, Cristina. *O editor Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. Disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/node/780> >. Acesso em 06 ago. de 2011.

⁶⁰ Para Daniel Piza, Machado de Assis publicou a sua primeira poesia *Soneto* em outubro de 1854 no tablóide *Periódico dos Pobres*. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p. 63.

⁶¹ *Ibidem*, p.68.

⁶² Para uma análise profícua sobre a prática do embuste narrativo machadiano sugiro a obra de BETELLA, Gabriela K. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (Esau e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons Dias! e A semana)*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

⁶³ Cf. MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica no final do século XIX Rio de Janeiro*: FGV/Edur, 2007.

cotidiano de quem a frequentava. Machado também recebia a ressonância destas ideias. Além do mais, o escritor mantinha contato com outras agremiações literárias e comparecia com assiduidade ao Real Gabinete Português de Leitura.

Nesse sentido, o ofício de literato vinha se solidificando na vida de Machado. Nesse período, passou a também trabalhar na Imprensa Nacional. Lá conheceu o romancista Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), que na época exercia o cargo de diretor daquela instituição. Ao tomar conhecimento

[...] que aquele aprendiz adolescente às vezes se distraía do trabalho e ficava lendo pelos cantos, o chamou à sala para adverti-lo. Ao saber de suas produções literárias e dificuldades financeiras, e que Machado não raro passava a noite na oficina tipográfica, Almeida decidiu incentivá-lo⁶⁴.

A partir deste novo apadrinhamento, Machado passa a trabalhar também como revisor no jornal *Correio Mercantil* (dirigido por Quintino Bocaiúva). Naquele ambiente de jornalismo, o escritor começou a redigir as primeiras crônicas⁶⁵. Nesse ínterim, vieram também os contos, as peças de teatro, os comentários sobre as apresentações de óperas— já que era um grande apreciador deste gênero musical - e o convite para colaborar em outras folhas. Um exemplo é o quinzenário luso-brasileiro *O Futuro* cujo diretor era o poeta português Faustino Xavier de Novais⁶⁶ (1820-1869) irmão de sua futura esposa Carolina Augusta Xavier de Novais.

Natural da cidade do Porto, Carolina nasceu em 20 de fevereiro de 1835. Sua família pertencia à pequena burguesia da cidade, pois seu pai além de relojoeiro era também joalheiro. Seu irmão Faustino veio para o Brasil no final da década de 1850 a convite do conde de São Mamede. Com a morte dos pais dos irmãos Novais, a jovem futura esposa de Machado aportou em terras brasileiras em junho de 1868 tendo como companhia o pianista lusitano Artur Napoleão⁶⁷.

⁶⁴ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p. 78.

⁶⁵ Quero ressaltar que no capítulo 2 tratei com mais detalhes sobre a atividade de Machado de Assis como cronista.

⁶⁶ Faustino Xavier de Novais veio para o Brasil em 1858. Era amigo de Casimiro de Abreu (1839-1860). Abriu uma loja na Rua Direita e comercializava livros, charutos, perfumes, etc. Tinha enorme apreço pela música, característica essa que possivelmente fê-lo aproximar de Machado. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.82.

⁶⁷ Cf. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*; prólogo de Antonio Candido; posfácio Paulo Rónai; Tradução de Marco Aurélio de M. Matos, 2ª ed. revista, São Paulo: EDUNESP, 2009, p.490-491.

Ao recepcionar o amigo e músico português no porto é provável que o jovem escritor possa ter conhecido aquela a quem mais amou em sua vida. Não se tem conhecimento de outros relacionamentos afetivos do literato. As informações reveladas são que Machado numa carta destinada à Carolina relatara que, até aquele momento, tivera apenas dois amores: o primeiro não correspondido com a atriz Gabriela da Cunha e o segundo, um romance velado com a cantora lírica Augusta Candiani (1820-1890)⁶⁸. As confissões de Machado foram bem aceitas pela sua amada. A troca de correspondência entre os dois tornou-se intensa e mesmo contra a vontade dos irmãos mais velhos⁶⁹ da jovem portuguesa, esta se esposou com o escritor ao som de Mendelssohn em 12 de novembro de 1869.

No primeiro momento, consta que o recém-casal passou por dificuldades financeiras e foi preciso solicitar um empréstimo ao amigo Ramos Paz. Embora o escritor desfrutasse de certo prestígio, os ganhos eram modestos. Diante dessas agruras e convivendo com os frequentes ataques de epilepsia, o bruxo do Cosme Velho vinha solidificando a ascendência literária. Cinco anos antes do casamento, Machado lançou uma coletânea de poesias. O livro *Crisálidas* foi editado em 1864 pela B. L. Garnier. Recebeu da crítica elogios medianos. Além da reunião dos poemas escritos por Machado nos últimos dez anos, essa obra ainda era complementada pelas traduções de autores franceses; Musset, Dumas Filho e Heine⁷⁰.

Nesse ínterim, Machado de Assis constrói uma amizade sólida com Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910)⁷¹. O autor de *O Abolicionismo* (1883) foi elogiado pelo escritor numa crônica de 1865. Nesta, Machado louva o vigor do poema redigido por Nabuco, na época com apenas 15 anos de idade, sobre a Guerra do Paraguai (1865-1870) e sobre o conflito entre a Rússia e a Polônia. A partir daí, os dois trocaram correspondências, passaram a frequentar saraus, mas, sobretudo lutaram desde 1870 por uma causa: a abolição⁷². Essa afetividade e afinidade culminaria em 1896 com

⁶⁸ PIZA, Daniel. Op. Cit. p.83.

⁶⁹ Miguel e Adelaide Novais se opunham ao enlace de Machado e Carolina pelo fato do jovem escritor ser mulato e por não possuir uma renda à altura de sua irmã. Cf. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual; prólogo de Antonio Candido; posfácio Paulo Rónai; Tradução de Marco Aurélio de M. Matos, 2ª ed. revista, São Paulo: EDUNESP, 2009, p.490-495.*

⁷⁰ PIZA, Daniel. Op. Cit. p.110.

⁷¹ Para uma análise profícua sobre as concepções de Joaquim Nabuco sobre a política e a história do Brasil do século XIX, sugiro a obra de MARSON, Isabel Andrade. *Política, História e método em Joaquim Nabuco: tessituras da revolução e da escravidão*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

⁷² Não é propósito dessa dissertação discorrer sobre essa questão nos trabalhos de Machado de Assis, porém uma nota sobre esse assunto é necessária. Segundo Sidney Chalhoub, Machado, em 1873, era

a fundação da Academia Brasileira de Letras em que Machado de Assis foi nomeado presidente da casa⁷³ e Joaquim Nabuco secretário-geral.

Nos anos de 1870, o escritor começa a trajetória no gênero romance. A publicação de *Ressurreição* já apresentava um Machado preocupado em trazer para a prosa ficcional um estudo dos contrastes das ações dos personagens.⁷⁴ Esta concepção seria ainda endossada no ensaio *Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade* de 1873⁷⁵. Neste mesmo ano, o literato publica a coletânea de contos *Histórias da meia noite*. A partir daí, a produção de Machado de Assis torna-se intensa. Entre romances, crônicas, traduções e outras atribuições do bruxo do Cosme Velho, a carreira literária consolida-se e conduz Machado a enveredar por estes gêneros, que no próximo item será elucidado.

funcionário público. Trabalhava no Ministério da Agricultura e nesse período Machado se empenhava para que os latifundiários não burlassem a Lei do Ventre Livre (1871) e que concedesse liberdade aos escravos nascidos a partir desta data. Além do mais, o bruxo do Cosme Velho compunha nas suas crônicas da série *História de quinze dias* a crítica à negligência de alguns poderes públicos sobre esse assunto. Cf. CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

⁷³ Machado de Assis em 1896 possuía reconhecimento no meio intelectual. Dessa forma foi nomeado para a presidência da ABL, para dar credibilidade à instituição. Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

⁷⁴ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.147. No item 2 deste capítulo abordaremos mais aspectos desse romance machadiano.

⁷⁵ Vale ressaltar que este ensaio será debatido no capítulo 3 da dissertação.

2) *As múltiplas faces de um escritor: Machado cronista, contista, dramaturgo, tradutor e romancista*

As Memórias posthumas de Brás Cubas serão um romance? Em todo o caso são mais alguma coisa. O romance aqui é simples acidente. O que é fundamental e orgânico é a descrição dos costumes, a filosofia social que está implícita. (ABREU, Capistrano de *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 jan.1881, p.2. - Mantivemos a grafia original)⁷⁶

Em meados de 1879, Machado de Assis recolhera-se em Nova Friburgo. A reclusão na região serrana do Rio de Janeiro foi buscada com o intento de sanar os males que o afligiam, principalmente as crises asmáticas e a epilepsia. Tais perturbações ainda incomodavam-no, porém os dias de convalescência proporcionaram ao escritor um contato com leituras filosóficas que estimularam - no a redigir alguns ensaios e dois de seus famosos poemas: *Círculo Vicioso* e *A mosca Azul*⁷⁷.

Dessa forma, a maturidade intelectual consolidava-se, mas a consagração veio após o advento do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Publicado primeiramente na *Revista Brasileira* em 1880⁷⁸, esse livro traz no bojo a narração de um defunto autor, que com irreverência e linguagem provocativas instiga o leitor desde a dedicatória do seu livro, assim descrita, “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”⁷⁹. Nesse sentido, percebe-se, que o autor da trama é o próprio finado - Brás Cubas - que estando “do lado de lá” sente a necessidade de apresentar as suas memórias, que póstumas precisam ser descritas para o “fino leitor” mesmo que este seja em número pequeno “talvez cinco”⁸⁰.

O ensejo de descrever as reminiscências leva Brás Cubas a repassar a própria vida, uma existência vazia, já que o narrador protagonista foi um homem pertencente à

⁷⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004, p.347.

⁷⁷ Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.200.

⁷⁸ O romance *Memórias Póstumas de Brás de Cubas* foi publicado seriado na *Revista Brasileira* no período de 15 de março a 15 de dezembro de 1880. Em janeiro do ano seguinte, o mesmo recebeu uma edição em livro pela Imprensa Nacional.

⁷⁹ ASSIS, J. M. Machado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Porto Alegre: L &PM, 2009, p.50.

⁸⁰ *Ibidem*, p.53.

elite brasileira do século XIX, que nada produziu. Diante destas lembranças escritas com a pena da galhofa e a tinta da melancolia⁸¹

[...] Machado está pondo o romance tradicional em elipse, abrindo mão do que ele já tinha de gasto e datado, e com isso sua escrita ganha uma liberdade impressionante, desobrigada de fazer encenação para o leitor. No entanto, também não se entrega a um ritmo estático, ponderado, de quem está partindo de um enredo elementar para elaborar longos juízos sobre a humanidade. [...] Machado inventou o narrador que, estando morto, ironiza a si mesmo [...]⁸²

Ao nomear um narrador que altera a sua história e simultaneamente satiriza-a, Machado reinventa o romance brasileiro. Tal assertiva confirma-se na estrutura livre da narração, nas constantes digressões efetuadas pelo narrador protagonista e, sobretudo, pela linguagem inteligente e espirituosa, que denota a frivolidade da condição humana em almejar tudo. Diante desta constatação, Brás Cubas apresenta-se como um defunto autor que adota o “riso iluminista”⁸³ como um norteador de suas anedotas existencialistas. Nesse sentido, as “rabugens de pessimismo”⁸⁴ são inevitáveis para descrever as frustrações vivenciadas pelo narrador tanto no campo pessoal quanto no social.

O insucesso do emplasto, o medicamento anti-hipocondríaco, que se *destinava a aliviar a nossa melancólica humanidade*⁸⁵, os amores não concretizados como os de Virgília, grande venerada de Brás Cubas, Marcela que “me amou durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos”⁸⁶ e o de Eugênia, a jovem bonita e “coxa” rejeitada pelo narrador são pontos altos do romance. A princípio, a não eleição ao parlamento desaponta os sonhos de seu pai em vê-lo deputado (o que futuramente ocorre, porém é uma legislatura sem brilho), as suas divagações filosóficas com o amigo Quincas Borba, o teórico do Humanitismo, talvez tenha sido um dos poucos momentos positivos de sua vida. Diante de tantas agruras, fecha a reflexão final de suas memórias com o capítulo denominado “Das Negativas”, que tem na frase “Não tive filhos, não transmiti a

⁸¹ ASSIS, J. M. Machado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Porto Alegre: L &PM, 2009, p.53.

⁸² PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.203.

⁸³ *Machado de Assis: a crônica e a história*. Brasília: TV Senado, 2008, 1 Doc. (60 min.), son. , color. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/tv> .> Acesso em 22 set.2010.

⁸⁴ ASSIS, J. M. Machado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Porto Alegre: L &PM, 2009, p.53.

⁸⁵ *Ibidem*, p.57.

⁸⁶ *Ibidem*, p.89.

nenhuma criatura o legado da nossa miséria”⁸⁷, a síntese de sua opinião sobre a mediocridade humana.

Dessa forma, a narração descontínua e lesta da biografia do defunto autor provoca no leitor - fino, pacato, ignaro⁸⁸ - uma sensação de estranhamento em relação ao nexa da história. Isto ocorre devido à postura de instabilidade do narrador de relatar os acontecimentos de forma irregular, mas não desconexa. O cerne é a observação do indivíduo e não um enredo de um romance tradicional, pois

O riso de Brás Cubas é, por isso, o mais sério obstáculo à apreensão do seu livro como uma totalidade unificada. Não apenas porque qualquer decisão sobre a finalidade da obra em si mesma é da exclusividade do leitor, mas, sobretudo porque toda a decisão ficará sujeita ao riso de Brás Cubas, porque toda decisão é, desde sempre, objeto do riso de Brás Cubas⁸⁹.

O espírito de humor designado pela pena da galhofa coloca ao protagonista o poder de julgar os acontecimentos ao seu juízo. Tal postura é empregada para sentenciar as suas experiências de vida, já que na condição de morto o narrador pode empregar a verdade sem medo de retaliações. Nesse sentido, Brás Cubas decide o que deve ser posto à prova, pois tudo passa pelo seu crivo analítico. Por isso este “riso” praticado em suas observações está associado ao pessimismo em relação à humanidade. Dessa forma, esse sentimento não está enquadrado no conceito de que tudo deve piorar, mas na constatação das fragilidades do homem, e ao apontar essas características para o seu leitor, o narrador provoca as múltiplas possibilidades de análise daqueles conflitos existenciais.

Vê-se que a peculiaridade do romance machadiano traz uma inovação ao gênero, pois, ao estabelecer um diálogo entre narrador e leitor, o autor postula àquele a incumbência de verificar os discursos, os jogos e as ideologias implícitas da sociedade carioca oitocentista ambientada no núcleo familiar. Esta particularidade foi fruto das influências que Machado recebeu de autores como: Denis Diderot (1713- 1784), Jonathan Swift (1667-1754), Luciano de Samósata (a.C 125-192), a leitura da Bíblia, principalmente o Velho Testamento na parte de Eclesiastes, o escritor irlandês Laurence Sterne (1713- 1768), que compôs o livro *A vida e as opiniões do Cavaleiro Tristram*

⁸⁷ Ibidem, p.243.

⁸⁸ Cf. ASSIS, J. M. Machado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Porto Alegre: L &PM, 2009

⁸⁹ BAPTISTA, Abel Barros. *A Formação do nome*. Duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p.239.

Shandy – para muitos estudiosos esta obra foi preponderante na escrita das *Memórias Póstumas* –, Molière (1622- 1673), Stendhal (Henri Beyle – 1783-1842), entre outros.

Ao “beber” nestas fontes, o bruxo do Cosme Velho incorporou na sua produção uma ironia fina⁹⁰, que se estabelece numa linguagem espirituosa, rápida e crítica. Tal tríade sintetiza o ceticismo do escritor em relação à sociedade oitocentista, sobretudo em relação à ambição humana. Ao tratar de memórias de um denominado defunto autor, que em vida foi um burguês frustrado, Machado coloca em xeque não somente a condição social do personagem, mas os tateamentos operados em sua trajetória para conquistar um grande objetivo: ser famoso. Nesse sentido, ao demonstrar o paradoxo do homem do século XIX, Machado de Assis

[...] passou a dedicar sua obra a entender aquele período de ilusões românticas, o jogo de “interesses recônditos” por debaixo do manto de cordialidade do Segundo Reinado, os preconceitos que pisavam nos calos ao ritmo da ópera-bufo monárquica. [...] ele soltou sua verve humorística, seus personagens masculinos e sua primeira pessoa; e combinou de modo peculiar a influência estrangeira e a cor local⁹¹.

Ao desvelar os dramas e as tramas das relações de clientelismo da sociedade carioca da segunda metade dos anos de 1800, Machado captou a efemeridade do *status quo* que muitos buscavam por meio da concessão ou compra de títulos de nobreza no Brasil imperial. O escritor descreveu com pormenores os artifícios da classe burguesa de se manter sobre a sombra do poder moderador de D. Pedro II. Dessa forma, ao apresentar o seu olhar a respeito destas tensões locais, o autor de *Memórias Póstumas* enfatizou a partir da herança da *Ilustração* os contrastes da condição humana. À luz desta combinação, Machado renovou o conceito de romance, mesclando sátira com ceticismo, trouxe como personagem principal um morto e principalmente, transferiu ao leitor, a reflexão sobre a tese do pessimismo existencialista.

Concomitante a esta nova possibilidade de escrita romanesca, a recepção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a princípio foi modesta na crítica literária, diferentemente do livro *O mulato* (1881) de Aluísio Azevedo (1857-1913), “que foi assunto de mais cem artigos nos jornais daquele ano”⁹². Todavia, Machado já

⁹⁰ Machado de Assis: a crônica e a história. Brasília: TV Senado, 2008, 1 Doc. (60 min.), son. , color. Disponível em: < [http:// www.senado.gov.br/tv](http://www.senado.gov.br/tv) .> Acesso em 22 set.2010.

⁹¹ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.210.

⁹² *Ibidem*, p.215-216.

desfrutava de certo prestígio no meio literário. Após o falecimento do escritor José de Alencar (1877), muitos apontavam o bruxo do Cosme Velho como sucessor no decanato da literatura brasileira. Este reconhecimento foi se consolidando e posteriormente a narrativa do defunto autor ganharia notoriedade no meio intelectual. Tal assertiva confirma-se com os elogios do jovem escritor Raul Pompéia (1863-1895) à obra e simultaneamente a promoção recebida de Machado de Assis no Ministério da Agricultura, passando a ser a partir daquele momento oficial de Gabinete⁹³.

Diante desta importância conquistada no meio literário, Machado de Assis inscrevera o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no mesmo patamar de obras mundialmente conhecidas de escritores como: Émile Zola (1840-1902), Victor Hugo (1802-1885), Fiódor M. Dostoiévski (1821-1881), entre outros e sobretudo inseriu na literatura brasileira uma linguagem universal na cor local, pois

[...] dentro de seu atraso histórico, o país impunha ao romance burguês um quadro mais complexo. A figura caricata do ocidentalizante, francófilo ou germanófilo, de nome frequentemente alegórico e ridículo, os ideólogos do progresso, do liberalismo, da razão, eram tudo formas de trazer à cena a modernização que acompanha o capital⁹⁴.

Ao apontar que a sociedade brasileira oitocentista adotava as ideias liberais advindas da Europa, e que, nesse sentido, valia-se do status de cosmopolita, Roberto Schwarz, crítico literário, denota que aquela ainda estava presa a concepção patriarcal, escravista e, sobretudo clientelista em suas relações. Para ele, o país buscava por meio de teorias externas elidir o ranço permanente das desigualdades sociais presentes, algo que o autor denominou de macaqueamento⁹⁵ da realidade.

Dessa forma, a apropriação desses princípios ia ao encontro do discurso da modernidade, que o Brasil ensejava perante as outras nações. Concomitante, as artes e principalmente a literatura deveriam acompanhar a evolução que o país estava trilhando. Tal constatação servira de estro para Schwarz endossar que essa reprodução social corroborou para situar o país na periferia destes ideais que o centro (Europa) estava apregoando à sociedade desde o século XVIII. Na opinião do crítico literário, o romance

⁹³ Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.211.

⁹⁴ SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 5ª edição, 2008, p.27-28.

⁹⁵ *Ibidem*, p.26.

buscou no cerne a importação destas ideias. Todavia para possuir um caráter nacional trouxe para si a reflexão de degradação que o país se sujeitou ao ser colonizado e “encerra” a discussão denotando que o romance realista mesmo diante desta incorporação adotou na sua composição a análise estrutural das relações sociais.

Ao defender esse epíteto, Schwarz examina os romances de José de Alencar e de Machado de Assis, e postula a este o título de mestre⁹⁶ na forma de escrever as suas prosas, pois abordou as relações de classe por meio do núcleo central de sua trama: a família e principalmente inovou o romance a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de forma peculiar com a volubilidade do narrador. Sem entrar no mérito das alterações que surgiram após os estudos de Roberto Schwarz, é importante salientar que o crítico é tributário das análises sociológicas e esquemáticas da formação da literatura brasileira. Ao imiscuir estas questões ao seu trabalho, trouxe para a crítica literária uma mudança nas observações do romance machadiano ao identificar no personagem de Brás Cubas uma representação do regime patriarcal oitocentista. Tal interpretação apresentou um

[...] quadro geral da vida social brasileira. Nesse exercício de leitura sociológica parece não haver lugar para a dimensão propriamente dialética da antítese, que é imanente à cultura ocidental em que se insere o Brasil desde, pelo menos, o século das luzes. É arriscado supor conhecida e mapeada toda a história cultural e ideológica do Brasil - Império. Tomando genérica e abstratamente o termo “liberalismo” como sinônimo de visão democrática e progressista da sociedade, logo incompatível com a aceitação do trabalho escravo, incorre-se em um equívoco peculiar ao evolucionismo linear⁹⁷.

Ao estabelecer uma via única para a explicação do romance machadiano, Schwarz incidiu ao parâmetro histórico - sociológico determinista e pragmático do liberalismo. Seu argumento consiste em colocar ao Brasil uma visão de colonizado perante as concepções europeias e, conseqüentemente, esta dependência refletiria na descrição do romance oitocentista. Ao eleger a prosa machadiana como portadora da imagem dos conflitos do segundo reinado, causa certa estranheza, pois Machado acompanhava os tateamentos da política brasileira tanto como funcionário público,

⁹⁶ Cf. SCHWARZ, Roberto *Um mestre na periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

⁹⁷ BOSI, Alfredo. *Folha explica: Machado de Assis*. São Paulo: Publifolha, 2002, p.20-21.

quanto designado do jornal *Diário do Rio de Janeiro* a cobrir as sessões da Câmara do Senado em 1860.

Nesse sentido, nem todo liberal era a favor da abolição, “as ideias fora do lugar” não significavam uma unidade de pensamento, assim como no romance machadiano, pois

[...] nada em Machado é unilateral. Adiante se verá que o registro satírico, embora tonalize parte da obra do narrador, sendo responsável pelo desenho de alguns tipos particularmente sórdidos, tampouco se esgota nesse traço de caricatura, mas se amplia e aprofunda até assumir, em numerosas passagens, a dimensão do moralismo cético, que é universalizante. O estímulo é local, mas o pensamento vai mais longe e mais fundo. Dois movimentos dialéticos podem, portanto, ser assinalados no itinerário machadiano. Do lado da história ideológica brasileira, a tensão entre o liberalismo utilitário e liberalismo democrático, *sem a qual a sátira ideológica não eclodiria*. Do lado interno da criação narrativa, a tensão entre sátira de tipos locais e moralismo pessimista sem fronteiras⁹⁸.

Para Alfredo Bosi, a concepção do crítico literário em alinhar o resumo da ideologia brasileira nas obras de Machado de Assis insere-se num quadro simplista e genérico, pois a crítica que o bruxo do Cosme Velho estabelece na sua prosa baseia-se nas contradições da condição humana. O riso por vezes de escárnio justifica-se em decorrência dos processos de ir e vir do jogo de interesses que a ambição do homem articula no âmbito social. Nesse sentido, não se pode afirmar *ipsis literis* que as narrativas machadianas são o “reflexo” da sociedade carioca oitocentista. Tal senso comum retira da obra machadiana as bases elementares da sua composição, que se ressalta no pessimismo filosófico e no ceticismo existencialista.

Dessa forma, a estrutura desenhada por Schwarz incorre numa análise linear, que ao buscar na fórmula - “personagem machadiano alegoria social do Brasil do século XIX” - prescreve uma equação sociológica e histórica previsível da urdidura narrativa dos romances. A narrativa, porém torna-se insolúvel ao apontar apenas uma leitura das tramas tecidas pelo escritor carioca, pois a predominância da “irresponsabilidade do narrador”⁹⁹, no caso de *Brás Cubas* em atribuir ao leitor a reflexão sobre o comportamento da classe burguesa, não resolve o dilema posto pelo crítico literário.

⁹⁸ Ibidem, p.23.

⁹⁹ BOSI, Alfredo. *Folha explica*: Machado de Assis. São Paulo: Publifolha, 2002, p.20.

Nesse sentido, os romances de Machado de Assis vislumbram os tateamentos, as astúcias do indivíduo na sociedade, mesmo os do início de sua carreira, da chamada “primeira fase” e dão conta das tensões humanas. Um exemplo é *Ressurreição* - publicado em 1872 pela Tipografia Franco-Americana (obra inaugural do literato como romancista) – que apresenta no enredo as vicissitudes e o despautério das relações amorosas da burguesia carioca. Influenciado em grande parte pela prosa urbana de José de Alencar, este livro traz no cerne a imagem do homem mimado e patético e a mulher sagaz¹⁰⁰, representados pelos protagonistas Félix e Lívia.

A peculiaridade acompanha o segundo romance *A mão e a Luva* (1874)¹⁰¹ no qual a personagem principal Guiomar é

[...] uma moça pobre e ambiciosa, criada em casa de família rica. A madrinha, baronesa, mora numa chácara nas Laranjeiras e tem uma governanta inglesa, tal como Guida de *Sonhos d'ouro*, romance de Alencar. Dois homens, ambos formados em Direito em São Paulo, disputam o amor de Guiomar com seus “grandes olhos castanhos meio velados pelas longas e bastas pestanas”: o frágil Estevão, admirador da cantora La Grua, e o decidido Luís Alves, que pretende carreira política. Guiomar opta por Luís Alves, ou pelo que imaginava será seu futuro: “Morrerei condessa?”, pergunta, vendo-se ainda mais nobre que a madrinha. Daí a união de ambos como de uma mão e uma luva; a ambição os ajustou.¹⁰²

O desejo por status, poder e riqueza imiscui-se nas tramas sociais da pequena burguesia brasileira dos oitocentos. A representação desses anseios na prosa machadiana denota a pretensão do indivíduo de “subir na vida” a qualquer custo, mesmo que isso acarrete um casamento de aparências e de frivolidades. Nesse sentido, o conluio dos personagens Guiomar e Luís Alves aglutina-se no pragmatismo do útil ao agradável, para que seus objetivos sejam concretizados, daí a metáfora que nomeia o livro. Como se percebe, esta característica *sui generis* de Machado de Assis já advinha desde os primeiros romances, a apresentação das intrigas humanas fazia parte da sua

¹⁰⁰ Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.150.

¹⁰¹ Vale ressaltar que este foi o primeiro romance de Machado a ser publicado em forma de folhetim no jornal *Globo* de Quintino Bocaiúva no período de 26 de setembro a 3 de novembro de 1874. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.159.

¹⁰² PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.159.

escrita. Assim também nas obras seguintes; *Helena* (1876)¹⁰³ e *Iaiá Garcia* (1878) são desveladas tais artimanhas. Dessa forma, esta temática foi se aprimorando na produção do literato e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* culminou com essa particularidade.

Nesse ínterim, o amadurecimento intelectual do escritor fez-se presente também como crítico literário. A polêmica em torno do livro *O Primo Basílio* do escritor português José Maria Eça de Queirós (1845- 1900) rendeu a Machado algumas alterações no meio literário. Isto porque o artigo que escrevera no periódico *O Cruzeiro* em 16 de abril de 1878 tecia uma forte censura ao livro do literato lusitano pela

[...] repulsa a um método literário que, como dissera no passado, apelava aos “baixos instintos” do público; e, em parte, por uma objeção à estrutura narrativa, que não seria digna de um realismo “puro”, “sadio”, como o de um Almeida Garret. Mas a situação não era implausível: mesmo que fosse um “incidente erótico”, a ligação entre dois primos podia ser alvo de chantagem de uma criada [...] A ênfase de Eça era na degradação física advinda da psicológica, e para isso estava procurando uma técnica descritiva mais objetiva, mais cortante.¹⁰⁴

Ao repreender a técnica executada por Eça na composição do romance, Machado empreende uma análise divergente do estilo naturalista endossado pelo escritor português. O exame baseia-se no excesso de moral que a obra apregoa, pois o enredo expõe o relacionamento velado dos primos Basílio e Luiza sendo que esta era casada, todavia almejava fugir com o amante, mas este recusou. A narrativa, porém passa a ter outro contorno quando a empregada da casa, Juliana encontra as cartas em que Luiza jurava amor ao primo, e ao descobrir o adultério a antagonista passa a chantagear e transforma a patroa em doméstica. A situação vivida pelas personagens torna-se insustentável e ambas acabam falecendo com receio do episódio vir à tona na sociedade. Para Machado, o deslize do romance reside justamente no exagero de ações das personagens, pois o que deveria ser retrato nelas, com mais veemência, era a observação psicológica.

¹⁰³ A princípio este romance recebeu a alcunha de *Helena do Vale* e fora publicado em forma de folhetim no jornal *Globo*. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.170.

¹⁰⁴ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.184.

Dessa forma, a defesa para um exame mais profundo da condição humana sustentaria a tese de Machado sobre o seu romance de análise, que desde o início da década de 1870¹⁰⁵ advogava visto que para ele “[...] a prosa deveria criar outro meio de revelar as dúvidas, os dramas internos, sem divorciá-los da trama”¹⁰⁶. Diante desta concepção, o escritor carioca lutava por um romance menos romântico e mais denso na apreciação existencialista, daí a sua crítica em relação ao então recente livro de Eça de Queirós. Este, numa carta destinada ao próprio Machado, agradecia pelo artigo, ressaltando a importância da leitura que efetuara e convoca-o para um debate sobre o realismo, porém não se realizou.

O que se efetivou no cenário literário foi o amadurecimento da prosa machadiana, que a partir da narrativa do defunto autor inaugura um romance lesto e crítico. Tal combinação iria permear as demais produções do escritor, pois nos anos de 1880 intensificaria a publicação de crônicas. É desse momento de fertilidade intelectual que vem a lume a coletânea de contos *Papéis avulsos* em que estão reunidas algumas de suas historietas famosas: *O Alienista*, *A chinela turca*, *Teoria do medalhão* e *O espelho*.

Nesse mesmo ano de 1882 em que Machado lança a antologia de contos, este acompanha a criação da Confederação Abolicionista e assiste à divulgação do livro *O abolicionismo* do amigo Joaquim Nabuco. Simpatizante da emancipação dos escravos, mas adepto ao regime monárquico constitucional, o literato do Cosme Velho assistiu à movimentação política em relação à implementação da república no Brasil dos oitocentos¹⁰⁷. Presenciou o acontecimento assim como a liberdade dos cativos, e com seu olhar cético escreveu na *Gazeta de Notícias* que “a república é o tronco da oligarquia”. Ainda sobre a égide do segundo reinado recebeu da princesa Isabel (1846-1921) a promoção a oficial da Ordem da Rosa. Sem se deixar envaidecer com esta condecoração, Machado não fazia apologia à casa de Bragança. Acreditava que o país poderia permanecer com o regime monárquico, mas ao estilo do modelo inglês.

Concomitante a esse trânsito social, o escritor carioca continuava a produzir mais obras. Em 1896 começa a editar pela *Estação*, o romance *Quincas Borba*, que por motivos desconhecidos foi publicado num curto período - 15 de junho a 15 de setembro – cinco anos depois foi lançado em forma de livro pela B.L Garnier. Machado revisara-

¹⁰⁵ Referência ao seu ensaio *Notícia atual da literatura brasileira: instinto de nacionalidade* (1873). Tal esboço foi discutido no item 1.2.2 deste capítulo.

¹⁰⁶ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.185.

¹⁰⁷ Abordaremos com mais ênfase esta questão no capítulo 3.

o e mudara até o nome do personagem principal, de Rubião José de Castro para Pedro Rubião de Alvarenga¹⁰⁸. Alguns estudiosos do autor apontam que este nome dado ao protagonista é uma menção ao imperador D. Pedro II¹⁰⁹. Passando por essas conjecturas, o que importa é que a narrativa aborda mais uma vez a ambição humana imiscuída com a inocência na figura de Rubião, a trama envolve crítica ao jogo de aparências praticado pela sociedade, “ao vencedor as batatas”, entrecruzada com a cultura do favor praticada no regime monárquico.

Nesse ínterim, Machado de Assis é promovido a Diretor Geral do comércio (1889) e posteriormente em 1893 na direção da pasta da aviação. No jornal *Gazeta de Notícias*, no auge de produção das crônicas, escreve umas das suas séries mais famosas: *Balas de Estalo, A + B, Gazeta de Holanda, Bons dias! e A Semana*¹¹⁰. Já no fim do século XIX, é trazido ao público um dos livros mais polêmicos de sua carreira, *Dom Casmurro* (1900), que tem no cerne a análise do ciúme representada nos papéis de Bentinho e Capitu, mas também apresenta de forma camuflada outras temáticas: segregação social, homossexualismo e hipocrisia religiosa, entre outras. A recepção à obra foi ótima e até hoje é motivo de alterações sobre a traição ou não de Capitu.

Três anos antes do lançamento deste romance, o bruxo do Cosme Velho assiste à fundação da Academia Brasileira de Letras, na qual foi nomeado presidente para que conferisse credibilidade ao projeto, já que naquele momento, Machado possuía um alto reconhecimento. No momento de sua pose, escolheu a cadeira 23, que tinha como patrono José de Alencar e salientou no discurso que

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância¹¹¹

Ao apregoar uma união literária, Machado conclama aos demais escritores que se mantenham na continuidade do projeto de uma literatura nacional. Tal pilar

¹⁰⁸ Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.238.

¹⁰⁹ Cf. Gledson, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

¹¹⁰ Quero ressaltar que no capítulo II será discutido o papel de Machado de Assis como cronista.

¹¹¹ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.299.

encontraria na Academia o lugar de debates e promoção daquela e, sobretudo a luta por uma renumeração melhor. A entidade começou sem ter uma sede própria, não havia o fardão, que hoje comumente é usado, muitos jovens intelectuais adentraram na instituição sem entraves; Olavo Bilac, 32 anos, Oliveira Lima 30, Mário de Alencar, 33, todavia, esta não elegeu entre outros literatos Cruz e Sousa (1861-1898) e Lima Barreto (1881-1922).

Nesse sentido, a Academia cometia alguns deslizes no seu estabelecimento, a proposta de conservar uma federação literária esbarrava, às vezes, com uma política de favorecimento, que a própria agremiação, a princípio, relutava. Posteriormente, a instituição cultural esteve afinada com o governo autoritário de Getúlio Vargas (1930-1945) e com o regime militar (1964-1985), contrariando os ideais de sua criação, que se propunha uma instituição apartidária¹¹². Concomitante a estes paradoxos, Machado já demonstrava sinais de fraqueza. A saúde sempre frágil diante dos ataques de epilepsia e de asma fazia-no sentir que “os anos, meu caro Salvador, vão caindo sobre mim, que lhes resisto ainda um pouco, mas meu organismo terá de vergar totalmente; e as letras, elas me cansarão um dia, ou se cansarão de mim, e ficarei à margem”¹¹³.

Nem um acontecimento e nem outro. O escritor carioca ainda teria fôlego para publicar mais dois romances, o livro *Poesias completas* (1901), que reunia coletâneas anteriores, *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e incluída a recente *Ocidentais*. E em 1906, editaria a obra *Relíquias de Casa Velha*, cuja abertura consta o soneto “A Carolina” (homenagem a sua esposa) e um conto inédito, que retrata com maestria o tema da escravidão, “Pai contra mãe”¹¹⁴.

O ano de 1904, porém lhe traria uma dor irreparável; o falecimento de sua esposa Carolina. O passamento ocorrera quase que simultaneamente ao lançamento do romance *Esau e Jacó*. Elogiado pela crítica, o livro apresentava como título original “Último”, até porque o escritor pensava que seria o encerramento de suas produções. O livro traz no enredo os embates perenes dos gêmeos Pedro e Paulo, que a exemplo da Gênese¹¹⁵ travam desde o nascimento uma luta entre si. Tal quizila acompanharia os

¹¹² Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.302.

¹¹³ Esta carta foi enviada ao escritor e amigo de Machado, Salvador de Mendonça. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.302.

¹¹⁴ Em 2004, o diretor paranaense Sérgio Bianchi, adaptou este conto para o filme “Quanto vale ou é por quilo”

¹¹⁵ Parte do Antigo Testamento que retrata a criação terrena e onde há menção dos gêmeos Esau e Jacó.

irmãos no decorrer de suas existências, sobretudo nas questões ideológicas; o primeiro, monarquista e o segundo, republicano.

A disputa também estabelecer-se-ia no campo sentimental, já que ambos buscavam a posse de Flora, a personagem frágil, filha do casal Batista. Diante de uma narrativa pouco movimentada, pois não há uma incursão de elementos que a torne mais lesta¹¹⁶, este romance envolve o leitor pela apresentação das dicotomias que o Brasil do século XIX enfrentava com o império e seguidamente com a república. Machado não estava buscando, nesse sentido, defender uma concepção, mas apontava para o seu leitor as incongruências políticas que um e outro se estabelecia em nome de uma causa partidária.

Esta fórmula causou simpatia no meio intelectual, porém Machado não teve tempo para apreciá-lo, pois a morte da esposa lhe causou “um transe” “um golpe”¹¹⁷, que deixaria resquícios para o escritor. Mesmo convivendo com a solidão, quatro anos depois publicaria *Memorial de Aires* (1908), um romance imiscuído de lembranças suas com Carolina. Diante desta melancolia e sofrendo de um câncer na boca, o bruxo do Cosme Velho “[...] morreu consagrado, embora em alguns aspectos incompreendido. Quase cem anos depois, sua obra continua a ser interpretada de todas as maneiras, nenhuma delas suficiente. É marca do gênio”¹¹⁸, ou seja, um estudo sempre inesgotável de um pensador indelével, que deixou registrado na ficção os contrastes da condição humana.

¹¹⁶ Sobre a lentidão do tempo ficcional deste romance, sugiro a obra de GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004, p.240.

¹¹⁷ Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.348.

¹¹⁸ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.364.

CAPÍTULO II - AS IRREVERENTES CRÔNICAS MACHADIANAS

2 - Com “a pena na mão” e a escritura das crônicas

[...] a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. (Margarida Neves)¹¹⁹

Em 1858, Machado de Assis iniciara um novo ciclo de produção: a crítica literária. A publicação do ensaio *O passado, o presente e o futuro da literatura na Marmota Fluminense* já denotava o espírito analítico, que solidificaria posteriormente na composição de suas obras. No ano seguinte, esta característica seria demonstrada na revista semanal do jornalista Eleutério de Souza¹²⁰, *O Espelho*. No periódico hebdomadário havia a seção denominada “A revista dos teatros” em que o jovem escritor debruçava comentários sobre as artes em geral, sobretudo a literatura.

Nestes esboços eram criticados os jovens redatores que escreviam por encomenda, os chamados “fanqueiros literários”, que para o escritor carioca “[...] é um tipo curioso”¹²¹, também havia “o parasita” que usurpava as ideias alheias, “O empregado público aposentado” que continuava servindo a elite política em troca de benesses para parentes e amigos, entre outros ensaios. Em meio a estes, havia *O folhetinista*, que,

[...] é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo

¹¹⁹ NEVES, Margarida Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. CANDIDO, Antonio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: EDUNICAMP/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.82.

¹²⁰ Eleutério de Souza foi jornalista da *Marmota fluminense*. Em outubro de 1859 criou a revista semanal *O Espelho*, que circulou apenas por quatro meses.

¹²¹ ASSIS, J. M. Machado de. *Os fanqueiros literários*. Disponível em <http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/mac15.pdf> Acesso em 25 abr. 2012. Publicado originalmente em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 11/09/1859)

menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.¹²²

Ao apontar que o folhetinista adveio de um país estrangeiro, Machado propõe aos que quisessem enveredar por este ofício o desapego ao estilo de escrita europeu. Nesse sentido, o texto deve fluir para a crítica dos usos e costumes da sociedade, assim como da política e dessa forma a crônica inserida no jornal - suporte este que o bruxo do Cosme Velho nomeou como “veículo da modernidade” - necessita de assuntos que vão além das banalidades. Tal defesa de uma crônica híbrida que simultaneamente trate de assuntos corriqueiros e políticos acompanhariam a escrita machadiana, principalmente nas primeiras produções visto que

[...] o ensaio de técnicas narrativas, a presença do narrador volúvel e não confiável que faria parte de sua melhor prosa de ficção, o tom dialogal que chega mesmo a incluir a participação do leitor, a intertextualidade paródica com a tradição, o desenvolvimento, enfim da literariedade.¹²³

A tese da crítica literária Lúcia Granja é enfática ao assinalar que a peculiaridade do narrador instável dos romances consagrados de Machado de Assis já tinha sido antecipada nas crônicas escritas a partir de 1860. Para a autora, a introdução do bruxo do Cosme Velho no jornalismo serviu de laboratório para a postura do narrador intrometido e que simultaneamente conhecia todos os assuntos sejam eles cotidianos da vida carioca ou sobre questões políticas nacionais e internacionais.

Dessa forma, o narrador machadiano palestra com o leitor tecendo uma relação íntima diante dos comentários ardilosos que professa no desenvolvimento da crônica. A interação proposta pelo escritor carioca é explícita como ele mesmo nomeou-se na crônica de 11 de setembro de 1864 no *Diário do Rio de Janeiro* de “Muito abelhudo” ou “Muito amável”, visto que, ora se portava cordialmente, outra se mostrava com hostilidade ao leitor.

¹²² ASSIS, J. M. Machado de. *O folhetinista*. Disponível em <http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/mac15.pdf>. Acesso em 25 abr. 2012. Publicado originalmente em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 30/10/1859)

¹²³ GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação* (à roda dos jornais). Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2000, p.12.

Nesse sentido, Lúcia Granja defende que o escritor carioca utiliza este artifício para justificar o comportamento do narrador, que se reveste de uma tradição literária irônica, para postular uma crítica sagaz aos acontecimentos. Esta peculiaridade do folhetim machadiano confluído pela sátira e diálogos intercalados a partir do narrador torna o texto permeado de ideias, que vão instigar no próprio leitor o sentido da leitura. Daí a afirmação que esta característica iniciada nas crônicas acompanhará o literato na prosa¹²⁴.

Doravante, além de ter desenvolvido este estilo de narração, Machado teve a influência do decano da crônica oitocentista, José de Alencar (1829-1877). O escritor cearense publicou entre 1854 e 1855 a série *Ao correr da pena* nos respectivos jornais: *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro*. Nestas, Alencar tecia comentários sobre política, teatro, cassino, anúncios de alfaiates, entre outros. Toda essa miscelânea de assuntos gerou no meio intelectual algumas críticas.

Dentre elas, a do jovem e futuro abolicionista Joaquim Nabuco, que afirmara categoricamente que ao incorporar vários temas acaba por se tornarem um “*pot-pourri* em que nada falta, senão o gosto”¹²⁵, ou seja, a polêmica recai na forma como José de Alencar constrói a crônica e não numa desqualificação do gênero. Em resposta, o autor de *Iracema* aponta que as alterações de Nabuco confrontam justamente a particularidade da crônica, que se baseia na “variedade do assunto e a volubilidade do estilo”¹²⁶. Tal método está subtendido, pois

[...] obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e graça [...] Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho!¹²⁷

Ao nomear o folhetinista como colibri, Alencar por essa configuração mimética acentua que ao discorrer sobre múltiplas matérias na crônica o autor deve buscar

¹²⁴ Ibidem, p.77.

¹²⁵ APUD, SOARES, Marcus V. N. *A crônica oitocentista: “Ao correr da pena”, de José de Alencar*. XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 2008, p.2.

¹²⁶ Ibidem, p.2.

¹²⁷ ALENCAR, José. *Ao correr da pena*. Prefácio Francisco de Assis Barbosa. 3ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1995, p.39.

justamente esse voar na escrita, pois a própria essência de estar diante do papel e da pena põe Machado na condição de descortinar os assuntos mais complexos, até os mais simples. Dessa forma, a instabilidade da crônica é justificada assim como a pilhéria do escritor.

As premissas defendidas por Alencar colaboraram e influenciaram as crônicas machadianas. Isto é posto principalmente na referência em que Machado faz do autor de *O guarani* na crônica da série *Balas de Estalo*. Nesta, datada de 16 de dezembro de 1883, o literato carioca nomeia José de Alencar “chefe de nossa literatura” e menciona a inspiração que proporcionou na sua produção¹²⁸, sobretudo devido ao contato que ambos tinham nas reuniões realizadas na livraria de Baptiste Louis Garnier¹²⁹.

Percorrendo o rastro deixado por Alencar, mas sem fazer disso um espectro na sua escrita, Machado produz mais de 700 crônicas em diversos periódicos nos anos de 1860 a 1897. Nomeadas em série e assinadas majoritariamente com pseudônimos, as crônicas intercalam um conjunto profícuo de estudo inesgotável sobre essa parte da obra do bruxo do Cosme Velho. No próximo tópico, abordaremos o percurso do escritor neste gênero e seus desdobramentos na trajetória da imprensa brasileira oitocentista.

2.1 - De *Comentários da Semana a Semana*: a trajetória das crônicas machadianas.

A propósito de algumas litografias de Sisson, tive há dias uma visão do Senado de 1860. Visões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um político, tornando a ver aquele corpo, acharia nele a mesma alma dos seus correligionários extintos, e um historiador colheria elementos para a história. Um simples curioso não descobre mais que o pinturesco do tempo e a expressão das linhas com aquele tom geral que dão as coisas mortas e enterradas. [...] Estas

¹²⁸ SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005, p.19- 20.

¹²⁹ Para Marcos Fabrício Lopes da Silva, Machado por parâmetro estilístico visita certos lugares que Alencar escrevera antes e muitas vezes até faz paródias, entretanto não se pode estabelecer que tal prática se associe a uma imitação ou a uma limitação de expressividade, visto que, no transcorrer da produção cronística, Machado desenvolveu uma identidade própria. Cf. SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 20.

minudências, agradáveis de escrever, sê-lo menos de ler. É difícil fugir a elas, quando se recordam coisas idas. Assim, dizendo que no mesmo ano, abertas as câmaras, fui para o Senado, como redator do Diário do Rio. (ASSIS, J.M. Machado de. O velho Senado. *Revista Brasileira*: Rio de Janeiro, 1898.)¹³⁰

Ao trazer as lembranças de sua inserção no jornalismo, Machado de Assis descreve na crônica *O velho senado*, as impressões e a análise irônica aos senadores que compunham aquela instituição do segundo reinado (1840-1889). Tudo era observado com rigor desde a referência física ao Marquês de Itanhaém, que “a cara rapada acentuava-lhe a decrepitude” ao discurso catártico de José Maria da Silva Paranhos (1819-1880)¹³¹. Nesse sentido, esta passagem ao Senado que o escritor denominou ser uma casa onde predominava “a tarde da oligarquia, o crepúsculo do domínio conservador”¹³² serviu de estro para que o literato carioca relatasse a sua primazia como cronista¹³³.

Sabe-se que os anos de 1850 foram fundamentais para o contato do escritor com os jornais, sobretudo a partir da amizade construída com o editor Paula Brito¹³⁴. O enlace foi se solidificando e na década de 60 dos oitocentos, Machado inicia de forma intensa a sua trajetória como cronista em diferentes periódicos: *Diário do Rio de Janeiro*, *Semana Ilustrada*, *O Futuro*, *Ilustração Brasileira*, *O Cruzeiro* e *Gazeta de Notícias*. Este último foi o jornal que Machado mais tempo permaneceu como cronista de 1883 a 1897.

Na revista semanal *O Espelho*¹³⁵ tratada de forma breve na introdução deste capítulo, o literato carioca publicou o ensaio *A reforma pelo jornal*. Neste esboço de 23 de outubro de 1859, defende o jornal que para ele

¹³⁰ Disponível em: < <http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr24.pdf> > Acesso em 17 jan. de 2012. A princípio, esta crônica foi publicada na *Revista Brasileira* em 1898. No ano seguinte a mesma foi incorporada no seu livro *Páginas Recolhidas*. Mantive a grafia original.

¹³¹ Futuro Visconde do Rio Branco. Na sua gestão como presidente de Gabinete de D. Pedro II ajudou a aprovar a Lei do Ventre Livre (1871).

¹³² *Ibidem*, p. 3.

¹³³ Para Daniel Piza, Machado de Assis já em 1856 começara a escrever suas primeiras crônicas “Ideias Vagas” no jornal *Correio Mercantil*. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p. 78.

¹³⁴ O elo afetivo e profissional de Machado de Assis e Paula Brito foi apresentado no Cap. I, item 1.1) *Do nascimento as primeiras letras* desta dissertação.

¹³⁵ Esta revista circulou na cidade do Rio de Janeiro apenas por quatro meses. Além da seção “Revista dos teatros” em que o jovem Machado de Assis fazia suas análises sobre as artes em geral, publicou entre 11/09/1859 a 23/10/1859 alguns indelévels ensaios, os já citados; *O folhetinista*, *Fanqueiros literários*, *o empregado público aposentado*, estes publicados na coluna *Aquarelas*, “Os imortais” e por último “A reforma pelo jornal”.

[...] fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vê-las quando um século despertou o clarão deste *fiat* humano[...] a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão¹³⁶.

A saudação ao jornal como lugar de debate foi uma resposta às críticas dos que viam no veículo de informação um espaço de denúncias e represálias às classes dirigentes. Para Machado, o ambiente do jornal era democrático onde o jornalista instigava o leitor à reflexão sobre os diversos assuntos ali alocados. Dessa forma, o jornal era o único suporte de leitura presente no dia-a-dia capaz de trazer à luz a palavra dinâmica e dialética.

Isto não implica em afirmar que o bruxo do Cosme Velho menosprezava os demais meios em que a palavra era enunciada, sobretudo no livro¹³⁷. O argumento usado pelo escritor carioca fundava-se na possibilidade de ser o jornal um instrumento de captação da “experiência múltipla dos diversos agentes sociais pela palavra”¹³⁸, ou seja, cabia principalmente ao jornalista ser o condutor da mudança social, daí a nomeação do artigo, “a reforma pelo jornal”.

Tal concepção tinha sido levantada no ensaio *O jornal e o livro*¹³⁹, publicado no *Correio Mercantil* - cujo diretor era o escritor e futuro republicano Quintino Bocaiúva (1836 – 1912) que também designava o jornal de “a verdadeira forma da república do pensamento”¹⁴⁰. Pode-se afirmar então, que Quintino concebia um espaço livre de opiniões e discussões em que a palavra seria um instrumento da análise dos fatos sociais e políticos. Esta argumentação em favor do jornal foi denominada a fase em que

¹³⁶ ASSIS, Machado de. *A reforma pelo jornal*. Disponível em <http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr14.pdf> Acesso em 25 abr. 2012. Publicado originalmente em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 23/10/1859)

¹³⁷ Vale ressaltar que Machado apenas em 1872 publica seu primeiro romance.

¹³⁸ SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 42.

¹³⁹ ASSIS, J. M. Machado de. *O jornal e o livro*. Disponível em <http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr13.pdf> Acesso em 25 abr. 2012. (Publicado originalmente no *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859).

¹⁴⁰ ASSIS, J. M. Machado de. *O jornal e o livro*. Disponível em <http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr13.pdf> Acesso em 25 abr. 2012. (Publicado originalmente no *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859). Vale ressaltar que este ensaio foi dedicado ao seu padrinho literário Manuel Antônio de Almeida.

Machado louvou a imprensa “como força civilizatória”¹⁴¹, diferentemente dos apontamentos posteriores que o escritor teceu sobre essa matéria, sobretudo nas crônicas da década de 1870¹⁴². Destarte a estas questões, o bruxo do Cosme Velho solidifica a passagem no jornalismo. Convidado novamente por Bocaiúva, o jovem escritor tornou-se redator do *Diário do Rio de Janeiro*¹⁴³. Lá permaneceu entre 1860 a 1867, sendo que no primeiro ano foi incumbido a cobrir as sessões do Senado ao lado de outros escritores, Bernardo Guimarães (1825- 1884) *Jornal do Comércio* e Pedro Luís (?), do *Correio Mercantil*¹⁴⁴.

Esta função de cronista parlamentar foi importante para que Machado percebesse os tateamentos do jogo político exercido no segundo reinado. De um lado, o Partido Conservador, maioria da bancada e composto por latifundiários, burocratas, comerciantes, mantenedores do *status quo* advindos principalmente do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Do outro, os proprietários rurais e profissionais liberais, que compunham o Partido Liberal - ligados aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – defendiam a autonomia das províncias no cenário imperial, visto que o desejo era torná-las mais atreladas ao poder central¹⁴⁵, isto é, o que prevalecia eram os interesses privados em detrimento do público.

Concomitante a este olhar sobre a cena política, Machado inicia a partir de 1861 neste mesmo periódico a série *Comentários da Semana*. Editadas entre 12 de outubro a 5 de maio de 1862, estas crônicas integram um conjunto de publicações do escritor neste gênero. Vale ressaltar que esta não foi a estreia do literato naquelas composições, entretanto, a importância desta regularidade reside no fato que recebeu pela primeira

¹⁴¹ SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 24.

¹⁴² Cf. SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005. Neste trabalho, o autor defende a ideia de que Machado teve dois momentos como crítico da imprensa brasileira. No primeiro, o literato carioca acreditava na força motriz do jornal no processo de condução da reforma social (denominado de “palmas”), no segundo, Machado denuncia em tom galhofeiro o sensacionalismo, a soberba, a invenção de notícias, a falta de estilo de narrar da imprensa brasileira (nomeado de “piparotes”).

¹⁴³ O *Diário do Rio de Janeiro* foi um dos jornais com mais tempo em circulação. Fundado em 1º de junho de 1821, o mesmo teve tiragem até 1859. Retornou em 1860 pelo grupo ligado ao partido liberal e tendo Quintino Bocaiúva seu maior expoente. Cf. Machado de Assis: *Comentários da semana*. GRANJA, Lúcia e CANO, Jefferson (Orgs.). Campinas, SP: EDUNICAMP, 2008, p.23.

¹⁴⁴ Sobre a entrada de Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro* e conseqüentemente a sua experiência no Senado Imperial, sugiro o programa exibido na TV Senado, *Machado de Assis: a crônica e a história* em que vários intelectuais e políticos tecem seus comentários sobre esta trajetória do escritor. Cf. *Machado de Assis: a crônica e a história*. Brasília: TV Senado, 2008, 1 Doc. (60 min.), son. , color. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/tv> > Acesso em 22 set.2010.

¹⁴⁵ Cf. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo, 1977, 4ª ed. V. 1, p. 320-321.

vez a função de cronista de variedades¹⁴⁶. O objetivo era justamente escrever a respeito de diversos assuntos, mas os indícios sobre o cotidiano político eram mais intensos. Assinando primeiramente com o pseudônimo de Gil e posteriormente com as iniciais M.A., o bruxo do Cosme Velho descreveu sobre teatro, ópera, literatura, comportamentos e homenageou um dos melhores amigos e padrinho, Manuel Antônio de Almeida, que desapareceu num incidente no mar perto de Macaé,

[...] parecem, como é sabido, no naufrágio do Hermes em viagem para Campos, trinta e tantas vidas [...] Cada família que ali perdeu um membro chora hoje esse infortúnio sem remédio. A dor da literatura é das mais intensas e legítimas; também a família dos escritores perdeu ali um de seus filhos que maior honra e mais firmes esperanças lhe dava. Morreu ali um grande talento, um grande caráter e um grande coração. [...] Eu era seu amigo em vida; na sua morte dou-lhe uma lágrima sentida e sincera¹⁴⁷.

A referência afetuosa à Almeida comprova a gratidão e o carinho que Machado sentia pelo autor de *Memórias de um sargento de milícias*. O falecimento do amigo foi registrado na crônica de 11 de dezembro e curiosamente também segue com a última assinatura de *Gil*. A partir de 16 de dezembro, adota o pseudônimo de *M. A.*, mas esta mudança não foi justificada pelo jovem escritor, o que suscitou algumas hipóteses dessas crônicas terem outra autoria.

Essa conjectura, porém foi descartada por José Galante de Sousa na obra *Bibliografia de Machado de Assis*¹⁴⁸. Nesta há registros que a alteração da assinatura não resultou na mudança do estilo do narrador (1ª pessoa)¹⁴⁹. Esta aceção foi endossada por Lúcia Granja e Jefferson Cano, que mencionaram a polêmica entre

¹⁴⁶ Machado de Assis: *Comentários da semana*. GRANJA, Lúcia e CANO, Jefferson (Orgs.). Campinas, SP: EDUNICAMP, 2008, p.11.

¹⁴⁷ Machado de Assis: *Comentários da semana*. GRANJA, Lúcia e CANO, Jefferson (Orgs.). Campinas, SP: EDUNICAMP, 2008, p.120-121.

¹⁴⁸ SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1955.

¹⁴⁹ O autor também aponta que na crônica de 16 de dezembro, Machado inicia a mesma dizendo “Depois da minha última revista, nada se deu que mereça uma menção ou um comentário”. Esta última revista era a crônica anterior (11/12/1861). Cf. SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1955.

Machado de Assis e Macedo Soares tratada em crônicas posteriores sobre a subvenção dada pelo governo aos artistas, principalmente ao teatro¹⁵⁰.

Nesse sentido, não há dúvidas que o signatário *M.A.* seja criação do escritor carioca, que se valeu não somente desta assinatura, mas de outras que incorporaram o conjunto de suas crônicas. Um exemplo foi o uso de pseudônimos. Esta prática foi efetuada por muitos literatos do século XIX, mas entre Machado há suposições que tentam explicar o uso deste recurso pelo autor. Para Marcos Fabrício Lopes da Silva - que se fundamentou nos pressupostos de Raimundo Magalhães e Eduardo de Assis Duarte¹⁵¹ - a utilização desta forma pelo autor de *Memórias Póstumas* processa-se entre outros fatores por

[...] uma *persona*, o disfarce de autoria como proteção do anonimato perante a censura, o gesto de legítima defesa em favor da liberdade da expressão e, por fim, a comprovação da natureza autoritária do império e da classe senhorial, obrigando a maioria dos jornalistas a apelarem para essa estratégia¹⁵²

A assinatura encoberta por um nome fictício foi um ato deliberado a favor da liberdade de expressão. Tal exercício foi efetivado pela necessidade de redatores, jornalistas e escritores resguardarem-se de possíveis retaliações políticas advindas do papel coercitivo que a instituição imperial apregoava a imprensa brasileira¹⁵³. Dessa forma, o pseudônimo não era apenas uma máscara para ocultar a autoria e sim um artifício que se justificava pela autoproteção.

Não se pode atribuir a princípio esta peculiaridade às crônicas machadianas, visto que o escritor tornar-se-ia funcionário público a partir de 1867, todavia incorporou

¹⁵⁰ Macedo Soares defendia o investimento privado para o teatro, enquanto Machado apoiava o financiamento estatal. Esta discussão esteve presente nas crônicas de 16 e 24 de dezembro de 1861. Cf. Machado de Assis: *Comentários da semana*. GRANJA, Lúcia e CANO, Jefferson (Orgs.). Campinas, SP: EDUNICAMP, 2008, p.13-14.

¹⁵¹ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957; DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis, afro-descendente*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 08 abr. 2005. Notas de aula.

¹⁵² SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 18-19.

¹⁵³ Desde os primórdios da imprensa brasileira houve um controle governamental sobre as publicações, sobretudo, entre 1820 e 1821 em que havia uma nascente ideia de formar a opinião pública sobre a necessidade do Brasil torna-se independente de Portugal. Após a emancipação política em 1822 houve um crescimento de edições de jornais e revistas principalmente no período regencial (1831-1840) em que tais periódicos convergiam para uma luta democrática em prol da nação, porém com “[...] a restauração do poder centralizador e monárquico em 1840 (antecipação da maioridade e coroação de D. Pedro II), anuncia-se outra tendência em termos de imprensa periódica. O debate político não desaparece, mas arrefece, no bojo de uma ação conjugada de repressão e incorporação de agentes políticos sob a égide do Estado imperial”. MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.39-43.

esta característica nas primeiras produções crônicas, já que o jovem escritor acompanhava atentamente as ebulições da vida política e social do Brasil oitocentista.

Diante das represálias imperiais, Machado necessitou empregar uma fórmula singular de ficção para se livrar de possíveis perseguições políticas e, sobretudo, de definir um estilo próprio de escrita¹⁵⁴, que a *posteriori* iria consolidar a sua maturidade na prosa. Em 1876, viera o romance *Helena* e o convite do editor alemão, naturalizado brasileiro, Henrique Fleiuss¹⁵⁵ para colaborar na revista *Ilustração Brasileira*. Neste periódico, o bruxo do Cosme Velho publicou uma de suas séries mais famosas, *História de quinze dias*¹⁵⁶. Assinadas com o pseudônimo de Manassés¹⁵⁷, estas crônicas compunham o objetivo dos editores de tornarem a revista um veículo respeitado tanto na imprensa brasileira quanto no exterior. Já que

[...] tentavam fazer da nova revista um meio de exibição de um outro perfil da nação, mais ligado aos princípios da ilustração (mencionada no próprio título da revista) do que os desígnios da natureza. Ao lado das páginas de “eterna beleza” das paisagens brasileiras, incluíam por isso imagens que indicassem “o progresso e a civilização do país” [...]¹⁵⁸

Ao buscar um tom mais grave para o periódico, Fleiuss propunha que a *Ilustração Brasileira* fosse uma publicação mais comprometida com a imagem de desenvolvimento social e econômico que o Brasil estava passando nos meados dos oitocentos. Diferentemente do estilo burlesco da *Semana Ilustrada*¹⁵⁹, a nova publicação

¹⁵⁴ Machado de Assis assinara seu próprio nome nas crônicas publicadas na revista *O Futuro* e no jornal *Diário do Rio de Janeiro* entre 1862 a 1865 denotando assim a sua independência como autor.

¹⁵⁵ Os irmãos Fleiuss (Henrique e Carlos) já eram conhecidos de Machado de Assis. Trabalharam juntos no hebdomadário *Semana Ilustrada*. Nesta revista Machado e demais escritores publicaram as *Crônicas do Dr. Semana* no período de 1867 a 1876. GUIDIN, Márcia; GRANJA, Lúcia e RICIÉRI, Francine W. (Orgs.) *Machado de Assis ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Edunesp, 2008, p.281-283.

¹⁵⁶ Esta série foi nomeada por *Histórias de quinze dias* devido à periodicidade da revista. Quando passou a ter a tiragem mensal, as crônicas foram denominadas de *História de trinta dias*. Cf. AZEVEDO, Sílvia Maria. As crônicas de Machado de Assis na *Ilustração Brasileira*. GUIDIN, Márcia; GRANJA, Lúcia e RICIÉRI, Francine W. (Orgs.) *Machado de Assis ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Edunesp, 2008, p.283.

¹⁵⁷ O nome Manassés é de origem bíblica (Gênesis 41,51) e tem o significado de “aquele que faz esquecer”. Vale ressaltar que Machado de Assis usou esse mesmo pseudônimo no conto *A chinela turca* de 1875. Cf. ASSIS, J. M. Machado de. *História de quinze dias*. PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Organização, Introdução e Notas. Campinas: EDUNICAMP, 2009, p20.

¹⁵⁸ ASSIS, J. M. Machado de. *História de quinze dias*. PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Organização, Introdução e Notas. Campinas: EDUNICAMP, 2009, p12.

¹⁵⁹ A *Semana Ilustrada* foi uma revista de caráter mais satírico em relação ao Império brasileiro. Ao adotar a caricatura como elemento de crítica trazia à reflexão as mazelas sociais apoiadas no bom humor

viera com uma composição gráfica mais cuidadosa e requintada, principalmente nas iconografias. Tal esmero também se estendia aos textos de seus colaboradores. Todo esse ornamento planejado tinha o único propósito de afirmar a nacionalidade brasileira entre as maiores sem com isso recorrer a ideologias partidárias¹⁶⁰.

Estando a par destas proposições, Machado inicia a sua trajetória na revista¹⁶¹. O estilo de comentar assuntos corriqueiros com críticas às questões políticas e sociais faziam-se presentes. O narrador Manassés discorria desde a poesia do Oriente até o papel do historiador perante aos fatos¹⁶². Diante dessa miscelânea de abordagens, o escritor careceu em discorrer sobre o gênero que o auxiliou na sua maturidade

[...] Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a cousa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica¹⁶³

A alegoria descrita sobre a genealogia da crônica resume o estilo de escrita do literato. Isto é registrado no apontamento que discorre sobre a confluência deste gênero, que se processa do comentário sério à pilhéria (ideia influenciada pelo amigo José de Alencar). Ao delimitar essa atribuição, Machado assume não somente uma

de seus editores (irmãos Fleiuss) e nos comentários sutis de seus colaboradores, entre eles Machado de Assis nas *Crônicas do Dr. Semana*. Esta revista circulou entre 1860 a 1876.

¹⁶⁰ Cf. ASSIS, J. M. Machado de. *História de quinze dias*. PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Organização, Introdução e Notas. Campinas: EDUNICAMP, 2009, p.12-13.

¹⁶¹ O primeiro número da revista foi publicado em 1º de julho de 1876.

¹⁶²“Mais dia, menos dia demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai as touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa.Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador,não sendo um historiador, afinal de contas,mais que um contador de histórias.Por que essa diferença? Simples, leitor nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei porque não a vi”. [...] ASSIS, J. M. Machado de. *História de quinze dias*. PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Organização, Introdução e Notas. Campinas: EDUNICAMP, 2009, p.175. Esta crônica foi publicada em 15 de março de 1877.

¹⁶³ ASSIS, J. M. Machado de. *História de quinze dias*. PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Organização, Introdução e Notas. Campinas: EDUNICAMP, 2009, p.254. Esta crônica foi publicada em 1º de novembro de 1877.

peculiaridade sua, mas uma especificidade da crônica, defendida pelo escritor, pois reconhece o gênero na instância literária.

Ao figurar que a crônica resultou-se da simbiose “entre o jantar e a merenda”, o escritor assinala que esse gênero possui na essência um movimento helicoidal, que proporciona ao leitor a ação da reflexão. Dessa forma, a crônica seria um misto de entretenimento e de crítica e que lograriam ao público os diversos assuntos de forma humorística, mas sem deixar que a ingenuidade e negligência fizessem parte dos desdobramentos políticos e sociais do Brasil oitocentista. Machado imputa a crônica um instrumento de debate destes fatos, visto que acreditava na força das palavras advindas da imprensa¹⁶⁴.

Enaltecendo a crônica, o bruxo do Cosme Velho reconhece a importância do gênero no cenário da literatura nacional. Seu advento veio a partir de 1800 no periódico francês *Journal des Débats et loix Du pouvoir législatif, et des actes Du gouvernement*. Nesse havia uma seção denominada de *Feuilleton* (folhetim), que se situava no rodapé do jornal e que destinava a publicação de “textos diversos, versando sobre teatro, anúncios de espetáculos, efemérides políticas e literárias e notícias sobre moda”¹⁶⁵. A multiplicidade de assuntos fez do suplemento um espaço de credibilidade para que escritores editassem os seus romances. O primeiro ocorreu em 1836 por Émile Girardi no *La presse*. A partir daí o folhetim tornara-se uma coluna imprescindível no jornal. Neste mesmo ano, a ressonância do gênero aportou em terras brasileiras. A jovem nação emancipada e impregnada de uma afirmação de nacionalidade via na imprensa um forte veículo de propagação das ideias de modernidade. Foi nesse sentido, na busca desse ensejo, que Justiniano José da Rocha apresenta no seu diário *O cronista* a novidade jornalística¹⁶⁶.

A inovação foi angariando simpatizantes, mas somente na década de 1850, que se fortificaria como já foi salientado anteriormente por José de Alencar. Dessa forma, a junção de jornalismo e literatura será um ponto preponderante para a divulgação de escritores já que

O hibridismo dos gêneros passa a confundir-se a partir do século XIX, com o próprio hibridismo dos media. Desta forma, o jornal será o

¹⁶⁴ Cf. SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005.

¹⁶⁵ SOARES, Marcus Vinícius Nogueira. Machado de Assis: folhetim e crônica. ROCHA, João César de Castro (Org.) *À roda de Machado de Assis: Ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006, p.369.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p.370.

desaguadouro natural de uma linguagem descontínua, alternativa. Comenta Haroldo de Campos que a importância do jornal não passou despercebida nem a Marx, nem a Hegel. Ainda segundo Campos, McLuhan sustenta que o hibridismo é uma técnica de descoberta criativa, ressaltando a influência da imprensa popular sobre Mallarmé e Joyce e atribuindo a Edgar Allan Poe o pioneirismo nesse campo.¹⁶⁷

A historiadora Regma Maria dos Santos é enfática ao abordar que o jornal apresentou nos oitocentos uma renovação de si mesmo. Isso implica em afirmar que a popularização do periódico proporcionou a literatos um veículo de exposição de suas ideias e obras. Dessa forma, o folhetim que a princípio era um espaço de comentários de variedades, tornou-se um lugar de engajamento social. Daí que intelectuais expunham no diário as suas impressões sobre questões políticas.

Nesse sentido, a conexão entre a imprensa cotidiana e a publicação ficcional foi o ponto chave para o cativo do público¹⁶⁸. Essa interação pode-se dizer marcou um momento de fecundidade para os escritores, que a princípio não confiavam ou apreciavam o jornal¹⁶⁹. A partir deste enlace, o folhetim tornara-se um ambiente de “produção discursiva”¹⁷⁰, e a indissolubilidade de literatura e jornalismo concretizou-se. Desse modo, a crônica do século XIX passaria a ser encenação dos fatos

¹⁶⁷ SANTOS, Regma Maria. *Memórias de um Plumitivo: Impressões cotidianas de Lycido Paes*. Uberlândia: ASPPECTUS/FUNAPE, 2005, p.88.

¹⁶⁸ Para Amálio Pinheiro “O jornal impresso, afora obviamente congrega sistemas de ideias e de poder, situa-se num espaço concreto de relações culturais que lhe confere especificidade frente aos demais meios. Portátil e maleável, tátil às exigências dos dedos e de todo o corpo, obriga o leitor a participar de um modo de conhecimento, além do noticiado, que interliga os âmbitos privados e domésticos às atividades de lazer externo e investigativo da cultura urbana: nenhum ato comunicativo pode, por exemplo, substituir aquele, democrático, de sair, comprar e folhear um jornal a céu aberto.” Cf. PINHEIRO, Amálio. O texto em expansão: crônica jornalística e paisagem cultural na América Latina. PINHEIRO, Amálio (Org.) *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras, 2009, p.18.

¹⁶⁹ O debate em torno do jornalismo como atividade literária ocasionou entre teóricos brasileiros algumas divergências. Para Regma Maria dos Santos este embate configurou em opiniões distintas que *a priori* não encontraram uma saída coerente para a questão e ressalta a importância do trabalho de Sílvia Helena Simões Borelli (*Ação, suspense e emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC/Estação Liberdade, 1996) que aponta nessa altercação, uma falsa polarização entre *cultura popular e cultura erudita* ao colocar a crônica no viés da fragmentação destes pólos. Para Borelli essa denominação ocasionou equívocos e finaliza a sua tese afirmando “ que os cronistas são narradores, que com sua escritura, resgatam tradições e matrizes culturais originárias”. Cf. SANTOS, Regma Maria. *Memórias de um Plumitivo: Impressões cotidianas de Lycido Paes*. Uberlândia: ASPPECTUS/FUNAPE, 2005, p.86-87.

¹⁷⁰ SOARES, Marcus Vinícius Nogueira. Machado de Assis: folhetim e crônica. ROCHA, João César de Castro (Org.) *À roda de Machado de Assis: Ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006, p.371.

corriqueiros, imiscuídas com questões políticas e sociais sempre registradas sobre o olhar crítico de um escritor.

A particularidade dos textos é acentuada pelo próprio estilo do gênero. Etimologicamente a palavra crônica advém do grego *chronus*, que significa *tempo*. Imbricada nesse espírito do cotidiano, a crônica oitocentista converge e diverge daquela praticada pelos viajantes dos séculos XV e XVI. Estes tinham a pretensão de imprimir um relato verdadeiro e analítico de seus valores para um público específico. Havia nessa prática uma sobreposição do *Ethos* (caráter) do narrador em seu auditório. A crônica, nesse sentido tinha uma característica propedêutica de instituir aos ouvintes os sentimentos (*Pathos*) de coragem, heroísmo e atributos expressos de seus personagens¹⁷¹. Desta concepção, pode-se afirmar que a crônica do século XIX também comungava com a ideia de trazer para o leitor o acontecimento real, porém possuía um diferencial, a subjetividade do narrador (antes subentendida) passaria a ser reconhecida¹⁷² e explícita.

A expressividade que manifestava as teias de tensões da sociedade foi ganhando credibilidade e preferência nos jornais brasileiros¹⁷³. Ocasionalmente pelo aumento comercial dos periódicos, “coube a crônica, porém, exercer papéis múltiplos, ocupando o lugar do artigo de fundo”¹⁷⁴, ou seja, passou a ter uma linguagem solta, digressiva, mas, sobretudo direcionada para a crítica vertiginosa sobre os fatos contemporâneos confluída com uma elocução literária.

Nomeada entre alguns críticos de “gênero menor” a crônica está

¹⁷¹ Cf. SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Fernão Lopes e José Saramago – Viagem-Paisagem-Linguagem, coisa de ver. CANDIDO, Antonio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: EDUNICAMP/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 25-39. Sobre a discussão da linha de pensamento do homem moderno e sua interlocução com a retórica, indico o ótimo texto de LUZ, Guilherme Amaral. A insubordinação da história à retórica: manifesto transdisciplinar. *ArtCultura*, n.9, Uberlândia: EDUFU, 2004, p.102-110.

¹⁷² Cf. NEVES, Margarida Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. CANDIDO, Antonio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: EDUNICAMP/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.82.

¹⁷³ Vale ressaltar que a princípio nos jornais e revistas oitocentistas brasileiras o que prevalecia era a publicação de romances no folhetim. Ex: *Memórias de um sargento de milícias* (Manuel Antônio de Almeida -), *O Guarani* (José de Alencar), *A mão e a Luva* e *Iaiá Garcia* (Machado de Assis) editadas respectivamente: *Correio Mercantil* (1852-1853); *Diário do Rio de Janeiro* (1857); *O Globo* (1874) e *O Cruzeiro* (1878). Cf. MARTINS, Ana Luíza. Imprensa em tempos de Império. MARTINS, Ana Luíza e LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.69.

¹⁷⁴ MARTINS, Ana Luíza. Imprensa em tempos de Império. MARTINS, Ana Luíza e LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.70.

[...] sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor¹⁷⁵.

Ao tomar os fatos “miúdos” e adorná-los com uma escrita leve, a crônica segundo o crítico literário Antonio Candido, tinha a princípio um caráter “efêmero”¹⁷⁶, pois filiada à publicação diária do jornal não tinha a durabilidade de um livro. Sendo assim, ficava no esquecimento e o escritor ofuscado por essa transitoriedade vê no gênero alcunhado de “rés-do-chão”¹⁷⁷ um terreno fértil para introspecção da literatura ao seu leitor.

Nesse sentido, o intuito apenas de comentar sobre os diversos assuntos, concede espaço para uma escrita espirituosa e argumentativa. Tais atributos no decorrer do percurso vão sendo substituídos por uma linguagem descompromissada, poética e livre. Desse modo, a crônica alcançou com o passar do tempo uma escrita leve e simples. Nos anos de 1900, alcançou com Olavo Bilac (1865-1918) e Lima Barreto (1881-1922) uma leitura divergente da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro situou as transformações da antiga capital do país sobre os auspícios do discurso nacionalista do prefeito Pereira Passos, o segundo de estilo panfletário, delatou outra versão dessa reforma, que excluía grande parte da população de um projeto civilizatório e modernizador¹⁷⁸.

Outro observador atento a estas questões foi João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto (1881- 1921) dito *João do Rio*. De acordo com Cristiane Costa¹⁷⁹, o autor de *A alma encantadora das ruas*, foi como literato acima de tudo um bom jornalista. O tom investigativo, a busca pelas problematizações das fontes, a ida em vários bairros, aos subúrbios da cidade carioca, colocou o escritor mais próximo do seu público¹⁸⁰. Por meio dessa nova metodologia, o tom ficcional do escritor configura-se

¹⁷⁵ CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. CÂNDIDO, Antônio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: EDUNICAMP/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.13.

¹⁷⁶ Ibidem, p.14.

¹⁷⁷ Ibidem, p.14.

¹⁷⁸ Cf. NUNES, Radamés Vieira. *Sobre crônicas, cronistas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac – 1900-1920*. Dissertação (Mestrado em História Social) Uberlândia: UFU, 2008, 194f.

¹⁷⁹ COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

¹⁸⁰ Ainda segundo Cristiane Costa, João do Rio obteve uma popularidade com o público diante de uma identificação com o seu tempo e o lugar onde viveu. Ele “[...] narrou como ninguém as transformações

para a realidade jornalística¹⁸¹ e o que prevalecia eram as observações reais do cotidiano, consubstanciadas em parte pela inovação nas técnicas de impressão¹⁸² e pelo aumento das tiragens dos jornais¹⁸³.

A intensificação do “jornalismo industrial”¹⁸⁴ promoveu a profissionalização do cronista. Nas décadas seguintes, surgiria Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Mário de Andrade (1893- 1945), Manuel Bandeira (1886 – 1968), Rubem Braga (1913-1990), entre outros¹⁸⁵. Dessa forma, o registro do dia-a-dia estava atrelado ao projeto do modernismo, de uma linguagem local, mas focada nas mazelas da sociedade brasileira de meados dos anos de 1900¹⁸⁶.

Nesse sentido, a crônica moderna sempre esteve ligada ao registro do presente. Após a passagem pela *Ilustração Brasileira*, Machado de Assis ainda publicaria na revista *O Cruzeiro* (06/1878 a 09/1878), a série *Notas Semanais*, (Eleazar). Contudo, estabeleceria um intervalo de 1879 a 1882¹⁸⁷ e voltaria a escrever no ano seguinte na folha *Gazeta de Notícias*. Neste jornal, o bruxo do Cosme Velho permaneceria de 1883 a 1897¹⁸⁸, apresentaremos no próximo tópico com mais ênfase as crônicas que são umas das fontes de nossa pesquisa, a série *Bons dias!*

de uma cidade que se modernizava, vivendo uma verdadeira revolução tecnológica, que afetou mentes e máquinas, e política [...]”. COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p.44. Sugiro também CAMILOTTI, Virgínia Célia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

¹⁸¹ COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p.44.

¹⁸² Ibidem, p.45.

¹⁸³ Cf. SÜSSENKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

¹⁸⁴ COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p.45.

¹⁸⁵ No aspecto regional vale destacar o papel importante de Lycido Paes (1885-1978). Este mineiro de Mar de Espanha veio para Uberabinha em 1920 (atual Uberlândia) e quatro anos depois inicia a sua trajetória no jornalismo. Colaborando em vários periódicos imprimiu as suas opiniões sobre a cidade, a política, mas, sobretudo, “[...] ironizou e riu das transformações pelas quais passou o jornal e o jornalismo durante o século [...] acompanhou a passagem de uma sociedade que, sem ter se tornado letrada foi exposta ao mundo da imagem e do som [...]”, ou seja, acima de tudo foi um escritor que se debateu com sua própria profissão e com a sociedade do século XX, um intelectual inquieto. Cf. SANTOS, Regma Maria. *Memórias de um Plumitivo: Impressões cotidianas de Lycido Paes*. Uberlândia: ASPPECTUS/FUNAPE, 2005, p274-276. Sugiro da mesma autora a coletânea de crônicas de Lycido Paes; SANTOS, Regma Maria. *Brevidades/ Lycido Paes*. São Paulo: EDUC; OFICINA DO LIVRO RUBENS BORBA DE MORAES, 2002.

¹⁸⁶ Vale ressaltar que não é intuito deste tópico traçar um panorama das mudanças da crônica no jornalismo brasileiro. Focalizamos de forma sucinta até os anos de 1950, para uma abordagem mais detalhada sugiro a obra já comentada e citada, COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

¹⁸⁷ Em 1879 Machado se encontrava em tratamento de saúde em Nova Friburgo. Fato este debatido no primeiro capítulo dessa dissertação.

¹⁸⁸ Na *Gazeta de Notícias* Machado de Assis publicou as seguintes crônicas: *Balas de Estalo* (2/07/1883 a 22/03/1886, pseudônimo Lélío); *A+ B* (12/09/1886 a 24/10/1886, João das Regras); *Gazeta de Holanda*

2.2 – Linguagens políticas: a temática da república nas crônicas *Bons dias!*

Ao iniciar a sua atividade cronística na *Gazeta de Notícias* em 1883¹⁸⁹, Machado já tinha publicado o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a reunião de contos escritos no livro *História sem data* e a tradução do poema *O corvo* de Edgar Allan Poe na revista *A Estação*¹⁹⁰. Diante dessa intensa produção e do fortalecimento da integração social perante a alta sociedade carioca¹⁹¹, o literato despontava um amadurecimento intelectual no cotidiano do jornal.

Estreou as crônicas da série *Balas de Estalo* em 2 de julho daquele ano juntamente com Valentim Magalhães, Henrique Chaves e Capistrano de Abreu, entre outros. Registrou “não só as transformações do próprio jornalismo, como as muitas discussões políticas ocorridas na década de 1880”¹⁹². Desse modo, o narrador Lélío¹⁹³ discorreu com uma linguagem pilhérica sobre os diversos assuntos. Um exemplo é esta crônica de 5 de setembro de 1884

Um deputado, prestes a embarcar, confiou-me agora a *Canção do Exílio* que ele pretende soltar aos ventos, logo que ponha pé na província. Vou divulgá-la, não só porque de mexericos vivem os espíritos miúdos (e eu sou miúdo), como porque os versos parecem expressar uma situação moral interessante. [...]
[...] Minha terra tem cadeiras,

(01/11/1886 a 24/02/1888, Malvólio); *Bons dias!* (05/04/1888 a 29/08/1889, Policarpo) e *A Semana* (24/04/1892 a 28/02/1897, sem assinatura) Cf. GUIDIN, Márcia; GRANJA, Lúcia e RICIERI, Francine W. (Orgs.) *Machado de Assis ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Edunesp, 2008.

¹⁸⁹ Vale ressaltar que desde 1881, Machado de Assis já colaborava na *Gazeta de Notícias*.

¹⁹⁰ Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.231.

¹⁹¹ Também em 1883, Machado de Assis tornara-se diretor da biblioteca do Clube Beethoven. A agremiação tinha como sócios os barões de Cotegipe e Jaceguai e o jurista Rui Barbosa. Lá, liam jornais europeus, jogavam xadrez e apreciavam uma boa música. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.231.

¹⁹² RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Balas de Estalo de Machado de Assis: Política e Humor nos últimos anos da monarquia*. Disponível em [http: <<< www.filologia.org.br >>>](http://www.filologia.org.br) Acesso em 03 set.2012.

¹⁹³ Este nome foi retirado “de um personagem italiano de Molière, na peça *L’Étourdi* [O estouvado], caracterizado por sua audácia e desenvoltura.” Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.232. Além deste pseudônimo usado por Machado de Assis, os demais colaboradores das crônicas *Balas de Estalo* também utilizavam este recurso. Ex: José do Egito (Valentim Magalhães), Zig-Zag e João Tesourinha (Henrique Chaves) e Mercúrio (Capistrano de Abreu). Cf. RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Balas de Estalo de Machado de Assis: Política e Humor nos últimos anos da monarquia*. Disponível em [http: <<< www.filologia.org.br >>>](http://www.filologia.org.br) Acesso em 03 set.2012.

Onde a gente a gosto está,
Os homens que aqui palestram,
Não palestram como lá.
[...] Assisti a muita crise...
Quem sabe? Quem subirá
É Saraiva ou Lafaiete?
Dantas ou Paranaguá?
Vinha, enfim, o ministério,
Casaca ou farda, e crachá;
Muita gente nas tribunas,
[...] Nem permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá,
Sem que inda veja os primores
Que não encontro por cá
E me sente nas cadeiras
Onde a gente a gosto está.¹⁹⁴

A paródia sobre o poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias (1823-1864) ilustra os tateamentos do jogo político do segundo reinado. A dança das cadeiras no parlamento e as disputas dentro do partido liberal para a vaga no ministério imperial¹⁹⁵ escancaravam as quizilas pelo poder e os acirramentos dos interesses privados sobre o público. Dessa forma, ao personificar um deputado destituído da Câmara, Machado chama à atenção para a correlação de forças na política brasileira oitocentista. Observador agudo sobre essas questões, o bruxo do Cosme Velho ao “brincar” com essa poesia¹⁹⁶, desnuda com humor e sagacidade as tensões vivenciadas no governo de D. Pedro II.

Com essa astúcia, o escritor também registra nas crônicas o comportamento das pessoas no dia-a-dia da cidade, instruindo-as na conduta correta de estarem no bonde (limitação de tosses, a forma apropriada das senhoritas cruzarem as pernas, o tom da conversa, etc.). Há também uma crítica cética em relação ao espiritismo, que para ele não modificava “certas ilusões antigas”¹⁹⁷, portanto, o estilo irônico de comentar sobre

¹⁹⁴ CRUZ, Dilson Ferreira da (Seleção, organização e notas) *Machado de Assis: Trinta crônicas irreverentes*. Barueri, SP: DISAL, 2007, p. 32-34.

¹⁹⁵ Os políticos que Machado de Assis faz menção são todos liberais, José Antonio Saraiva (1823-1895), Lafayette Rodrigues Pereira (1834-1917), Manuel Pinto de Souza Dantas (1831-1894) e João Lustosa da Cunha Paranaguá ou Marquês de Paranaguá (1821-1912). Cf. CRUZ, Dilson Ferreira da (Seleção, organização e notas) *Machado de Assis: Trinta crônicas irreverentes*. Barueri, SP: DISAL, 2007, p. 33.

¹⁹⁶ Ao parodiar o poema de Gonçalves de Dias, Machado antecipa uma prática que os escritores Murilo Mendes (1901-1975) e Oswald de Andrade (1890-1954) fariam com o mesmo no movimento modernista brasileiro.

¹⁹⁷ Esta passagem está na crônica de 5 de outubro de 1885. A que faz referência ao bonde é de 4 de julho de 1883. Vale ressaltar que Machado também publicou na *Gazeta de Notícias*, alguns de seus contos famosos como o *Capítulo de chapéus* em que mais uma vez o escritor toma um título do comediógrafo francês Molière (1622- 1673) e interface com a metafísica do filósofo grego Aristóteles (384-322), para

vários assuntos manteve-se fidedigno ao seu modo inaugurado de escrita no *Diário do Rio de Janeiro* nos idos de 1860.

A liberdade de expressão foi concedida pela postura dos editores da *Gazeta de Notícias* para tornarem a folha um veículo moderno, popular, mas ao mesmo tempo sintonizada com uma literatura diferenciada e crítica. Nesse sentido, os escritores eram selecionados, para a confluência da manutenção do *Status* do jornal, que se propunha a conquistar a “elite burguesa letrada”, por meio de textos humorísticos, interessantes e analíticos sobre os múltiplos fatos da corte e da sociedade fluminense oitocentista¹⁹⁸.

Fundada por José Ferreira de Souza Araujo (1846-1900) em 2 de agosto de 1875 a *Gazeta de Notícias* desde o nascedouro valorizou a literatura. Vendida por um preço popular (40 réis) concorria com o já aclamado *Jornal do Comércio*¹⁹⁹. Sabe-se que Ferreira de Araujo²⁰⁰ apostou num jornal com formatos inovadores nas colunas e artigos soltos e alegres. O resultado foi o cativo do público, que mesmo diante da baixa alfabetização da população, saltou de 12 mil para 24 mil assinantes nos anos de 1880. Soma-se a isso a venda avulsa na rua, um chamariz imprescindível para a afirmação do jornal perante os demais diários²⁰¹. Composto semanalmente com 4 páginas e aos domingos com 6

[...] sendo as duas últimas (ou um pouco mais) destinadas a anúncios, uma, aos “A pedidos” e o resto, a uma mistura de notícias, informação

discutir o ciúme da personagem Mariana sobre o chapéu do marido Conrado. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.235.

¹⁹⁸ Cf. ASPERTI, Clara Miguel. *A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. Contemporânea*, n.7, 2006, p.1. Disponível em <<<< http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/06CLARA.pdf. Acesso em 10 nov. 2012.

¹⁹⁹ O *Jornal do Comércio* representava o jornalismo oficial da monarquia brasileira. Criado em 1826 pelo francês Pierre Plancher recebeu o nome de *Espectador Brasileiro*. De vida efêmera, retornou em 1 de outubro de 1827 com o nome que o consagrou como um jornal conservador. Possuía um elenco de renomados jornalistas e intelectuais (Justiniano José da Rocha, José de Alencar, José de Maria da Silva Paranhos, Joaquim Nabuco, entre outros), que endossavam a credibilidade do periódico, porém se omitia em relação a assuntos partidários. Hoje filiado ao *Diários Associados* tem sucursais em São Paulo e no Distrito Federal e se ocupa com mais ênfase em assuntos econômicos. Cf. MARTINS, Ana Luíza. *Imprensa em tempos de Império*. MARTINS, Ana Luíza e LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.52-54.

²⁰⁰ A *Gazeta de Notícias* não era considerada uma folha engajada politicamente, porém Ferreira de Araujo possuía uma coluna semanal intitulada *Coisas Políticas* [...]“ era um comentário sensato, pragmático (e às vezes profundo), sobre os acontecimentos do dia, colocando-os numa perspectiva mais ampla[...]”ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Introdução e notas de John Gledson. Campinas: EDUNICAMP, 2008, p.14.

²⁰¹ Além do *Jornal do Comércio*, a *Gazeta de Notícias* concorria com o jornal *O Paiz*. Seu diretor o republicano Quintino Bocaiúva (1836-1912) fez do seu órgão um meio propagador da nova ideologia política. Em 1888 tinha a tiragem de 26 mil exemplares. Era considerado o maior da América Latina. Cf. ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Introdução e notas de John Gledson. Campinas: EDUNICAMP, 2008.

comercial, reportagens parlamentares, notícias sobre teatro, artigos mais longos assinados por autores mais ou menos célebres (durante um período, por exemplo, Eça de Queirós publicou na *Gazeta* parte da sua Correspondência de Fradique Mendes [...]), romances em folhetim e, claro, as crônicas, não sendo as de Machado as únicas²⁰²

A predominância de assuntos culturais e literários é visível na composição da *Gazeta*. O espaço ocupado por elas se imiscui ao lado de relatos de fatos políticos, de assuntos gerais. Matérias assim fazem parte naturalmente do cotidiano de todo jornal, porém no periódico em que Machado de Assis mais publicou (475 crônicas), havia um interesse maior em estabelecer com o leitor uma relação íntima²⁰³. Daí a importância da literatura, seja ela nacional ou na colaboração de outros escritores (Eça de Queirós) para a interação do público com as questões contemporâneas.

Segundo o crítico literário John Gledson, essa instigação para o exame dos acontecimentos coevos foi um instrumento democrático que o escritor utilizou para manifestar a sua visão sobre os fatos. O diálogo implícito do narrador propõe-se a provocar no leitor uma avaliação dos desdobramentos diários da sociedade fluminense. Sejam eles no aspecto da saúde pública e suas deficiências, ou nos acirramentos políticos da nascente república²⁰⁴. Nesse sentido, Machado utilizou a palavra como meio de ação, o que prevalecia era a análise minuciosa. Essa prática foi erigida pelo autor como forma de levar ao público a outra face do cotidiano social. Nas crônicas *Bons dias!* há elementos que comprovam essa aceção. Veremos a seguir a construção dessa particularidade do bruxo do Cosme Velho.

²⁰² ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Introdução e notas de John Gledson. Campinas: EDUNICAMP, 2008, p.14.

²⁰³ *Ibidem*, p.15.

²⁰⁴ As crônicas de 27 de agosto de 1893 e 17 de setembro de 1893(série *A Semana*) mencionam respectivamente sobre a epidemia de cólera ocorrida no Rio de Janeiro no final dos oitocentos e a Revolta da Armada (1893-1894) movimento político liderado pelos almirantes Custódio José de Melo e Saldanha da Gama contra o governo autoritário de Floriano Peixoto (1891-1894).

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas não, senhor; chego à porta, e meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias²⁰⁵.

A saudação polida e gentil do narrador das crônicas *Bons dias!* apresenta de início um personagem preocupado em transparecer para o leitor um encontro verdadeiro. Tal demonstração encerra-se na forma dialogal do protagonista. Dessa forma, o tom mais íntimo busca estabelecer uma aproximação afetiva e aberta. O objetivo é conquistar a confiança do leitor por meio do carisma e da sinceridade.

Diante dessa perspicácia, o narrador preocupa-se com a primeira impressão transparecida ao receptor, por isso não comenta sobre nenhum assunto inicialmente e nem declara a sua identidade. Nesse sentido, as crônicas *Bons dias!* propõem-se a uma linguagem mais interativa e provocativa na sua composição, destoando das crônicas anteriores, que se baseavam em versos e que raramente faziam algum comentário sobre as notícias publicadas no jornal²⁰⁶. Editadas no período de 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889 compreendem o ápice intelectual do escritor no gênero crônica. A concepção afirma-se no amadurecimento do estilo de escrita do literato, que se baseia do frívolo ao sério, do introspectivo ao extrovertido,

[...] No mais é o que está vendo; cá virei uma vez por semana, com o meu chapéu na mão, e os *bons dias* na boca. Se lhes disser já, que não tenho papas na língua, e é para vir a tê-las que escrevo. [...] Mas aqui está o que é; eu sou um pobre relojoeiro que cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício. A única explicação dos relógios era serem iguaizinhos, sem discrepância; desde que discrepam, fica-se sem saber nada, porque tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro. Um exemplo. O partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair, com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu

²⁰⁵ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.79. Esta crônica foi publicada em 5 de abril de 1888.

²⁰⁶ Refiro-me às crônicas da série *Gazeta de Holanda* (01/11/1886 a 24/02/1888), num total de 48. Tais crônicas eram sempre precedidas de dois versos em francês: *Voilà CE que l'on dit de moi/ Dans la "Gazeta de Hollande"* (Eis o que dizem de mim/ Na "Gazeta de Holanda") e assinadas pelo pseudônimo Malvólio (personagem bufo da peça *A noite dos reis* de William Shakespeare(1564-1616)). Cf. CRUZ, Dilson Ferreira da (Seleção, organização e notas) *Machado de Assis: Trinta crônicas irreverentes*. Barueri, SP: DISAL, 2007, p. 62-63 e PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p.241.

Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da Chapelaria Aristocracia) [...] Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio estava adiantado, ou o de Sua Alteza é que atrasara. Quem os porá de acordo? Foi por essas e por outras que descri do ofício; e, na alternativa de ir à fava ou ser escritor, preferi o segundo alvitre; é mais fácil e vexa menos²⁰⁷.

Dessa forma, o cumprimento cortês adotado a princípio na crônica é substituído por uma linguagem mais desaforada e provocadora. Essa postura do narrador exprime-se na continuidade da sua apresentação. Machado comunica ao leitor que virá uma vez por semana com o seu chapéu na mão e os bons dias, porém salienta que por trás desta cortesia há um narrador incivil que busca na escrita uma correção desse comportamento intempestivo.

De origem não declarada, descreve que fora relojoeiro (profissão considerada de alto escalão no Segundo Reinado)²⁰⁸ e que diante do descrédito em relação a esse ofício abandona-o, já que para ele os relógios não tinham uma congruência, assim como os jogos políticos do Império brasileiro. Isto é exemplificado na disputa pela vaga do Conselho Ministerial. Dois importantes integrantes do partido liberal almejavam este posto: Manuel Pinto de Sousa Dantas (1831-1894) e José Antonio Saraiva (1823-1895)²⁰⁹, todavia a nomeação foi dada a João Alfredo Correia de Oliveira (1835-1919), político ligado ao partido Conservador, mas simpatizante de ideais progressistas²¹⁰.

Perante a esse episódio, o narrador comenta em tom pilhérico as conveniências da política nacional. Daí a metáfora construída em torno do relógio, que ora estava adiantado (a aspiração dos liberais em torno do Conselho), ora estava atrasado (resolução de D. Pedro II sobre o impasse). Ante a essa observação sobre os imbróglios da Casa de Bragança, o narrador estabelece que somente a escrita crítica fosse capaz de

²⁰⁷ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.80.

²⁰⁸ Para Betella isto comprova que o narrador das crônicas *Bons Dias!* não viera da classe trabalhadora. Tal concepção induz a afirmar “[...] que Machado criou uma estratégia narrativa para se esconder atrás de um representante da classe mais beneficiada e arrogante, como manipulador de fantoche ou marionete”. Cf. BETELLA, Gabriela k. *Bons Dias!* : O funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p27.

²⁰⁹ Ambos estiveram presentes no governo imperial. Dantas de 1884 a 1885 tentou no Conselho a liberdade aos escravos, mas os que tivessem mais de 60 anos não teriam direito a indenização. Já Saraiva esteve à frente do Conselho em dois momentos. No primeiro entre 1880 a 1882 estabeleceu uma reforma eleitoral, a Lei Saraiva, no segundo mandado em 1885 promulgou a liberdade aos escravos idosos, proposta idealizada pelo seu antecessor. Cf. ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.82.

²¹⁰ Seu objetivo maior como Primeiro Ministro era redigir o projeto, que decretasse o fim da escravidão. Fato este concretizado e sancionado pela assinatura da Lei Áurea de 13 de maio.

promover uma reflexão sobre estes tactamentos. Dessa forma, a opção por essa nova ocupação torna-se prazerosa e menos aborrecedora, pois o colocava “[...] desobrigado de precisão, livre para emitir as opiniões que quisesse sobre o que bem entendesse”.²¹¹

A liberdade de expressão proporcionou uma “linguagem, muito próxima da oralidade, reveste-se de formas diversas como vocabulário acessível e ditos populares, mas também citações eruditas, menção à tradição cultural e estrangeirismos”²¹². Nesse sentido, a crônica da série *Bons dias!* não tem uma forma fixa, a composição reveste-se de tais fragmentos que permitem caracterizá-la como um espaço múltiplo de discussões em que as diversas representações de classe fazem-se presentes no debate dos desdobramentos sociais do Segundo Reinado²¹³.

²¹¹ CHALHOUB, Sidney, *A arte de alinhar histórias - A série “A + B” de Machado de Assis*; CHALHOUB, Sidney; NEVES, M. e; PEREIRA L. de. (Orgs.) *História em cousas miúdas: capítulos da história social da crônica no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2005, p. 68.

²¹² SOARES, Ivanete Bernardino. *A dimensão discursiva e estratégica das crônicas Bons dias!*, de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em Linguística – Análise do Discurso) Belo Horizonte: UFMG, 2010.

²¹³ Segundo Ivanete a organização discursiva do narrador das crônicas *Bons dias!* foi um ponto nodal para problematizar as diversas tensões do Brasil oitocentista. Cf. SOARES, Ivanete Bernardino. *A dimensão discursiva e estratégica das crônicas Bons dias!*, de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em Linguística – Análise do Discurso) Belo Horizonte: UFMG, 2010, p.34.

COMPRAR EM 1 ANNO
ANNUARIO GRATUITO
DE 1888

GAZETA DE NOTICIAS

REPUBLICAÇÃO DO JORNAL
DE 1888

SEMPRE AVULSO 10 RS. — SEMPRE AVULSO 10 RS. — SEMPRE AVULSO 10 RS.

NOTICIAS DE BOM DIA

De manhã cedo, quando o sol já estava alto, fomos dar um passeio pelo jardim. A natureza estava maravilhosa, com as flores já começando a abrir e o ar muito agradável. Foi um dia muito bom para nós.

Depois do almoço, fomos dar uma volta no parque. As crianças estavam muito felizes, brincando e correndo. Foi um momento muito agradável para todos.

À tarde, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

EL MUNDO

Em Londres, a situação política continua tensa. Os debates no parlamento são muito acalorados, com muitos discursos importantes. Esperamos que se chegue a uma solução satisfatória em breve.

Em Paris, a vida cultural continua muito ativa. Há muitas exposições e eventos interessantes acontecendo. A cidade parece muito animada.

Em Berlim, a situação econômica continua preocupante. Há muitas discussões sobre como lidar com os problemas atuais.

Em São Paulo, a situação política também é tensa. Há muitas discussões e debates sobre o futuro do país.

Em Rio de Janeiro, a vida social continua muito animada. Há muitas festas e eventos acontecendo. A cidade parece muito alegre.

BOAS DIAS!

Hoje é um dia muito bom para nós. O tempo está muito agradável, com um sol brilhante e um ar muito fresco. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

Depois do almoço, fomos dar uma volta no parque. As crianças estavam muito felizes, brincando e correndo. Foi um momento muito agradável para todos.

À tarde, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

O ATHLETA

Hoje tivemos uma ótima sessão de treinamento. Todos os atletas estão muito motivados e trabalhando muito duro. Estamos muito felizes com o progresso que estamos fazendo.

Depois do treino, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

NOTICIAS DE BOM DIA

De manhã cedo, quando o sol já estava alto, fomos dar um passeio pelo jardim. A natureza estava maravilhosa, com as flores já começando a abrir e o ar muito agradável. Foi um dia muito bom para nós.

Depois do almoço, fomos dar uma volta no parque. As crianças estavam muito felizes, brincando e correndo. Foi um momento muito agradável para todos.

À tarde, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

NOTICIAS DE BOM DIA

De manhã cedo, quando o sol já estava alto, fomos dar um passeio pelo jardim. A natureza estava maravilhosa, com as flores já começando a abrir e o ar muito agradável. Foi um dia muito bom para nós.

Depois do almoço, fomos dar uma volta no parque. As crianças estavam muito felizes, brincando e correndo. Foi um momento muito agradável para todos.

À tarde, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

EL MUNDO

Em Londres, a situação política continua tensa. Os debates no parlamento são muito acalorados, com muitos discursos importantes. Esperamos que se chegue a uma solução satisfatória em breve.

Em Paris, a vida cultural continua muito ativa. Há muitas exposições e eventos interessantes acontecendo. A cidade parece muito animada.

Em Berlim, a situação econômica continua preocupante. Há muitas discussões sobre como lidar com os problemas atuais.

Em São Paulo, a situação política também é tensa. Há muitas discussões e debates sobre o futuro do país.

Em Rio de Janeiro, a vida social continua muito animada. Há muitas festas e eventos acontecendo. A cidade parece muito alegre.

BOAS DIAS!

Hoje é um dia muito bom para nós. O tempo está muito agradável, com um sol brilhante e um ar muito fresco. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

Depois do almoço, fomos dar uma volta no parque. As crianças estavam muito felizes, brincando e correndo. Foi um momento muito agradável para todos.

À tarde, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

O ATHLETA

Hoje tivemos uma ótima sessão de treinamento. Todos os atletas estão muito motivados e trabalhando muito duro. Estamos muito felizes com o progresso que estamos fazendo.

Depois do treino, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

NOTICIAS DE BOM DIA

De manhã cedo, quando o sol já estava alto, fomos dar um passeio pelo jardim. A natureza estava maravilhosa, com as flores já começando a abrir e o ar muito agradável. Foi um dia muito bom para nós.

Depois do almoço, fomos dar uma volta no parque. As crianças estavam muito felizes, brincando e correndo. Foi um momento muito agradável para todos.

À tarde, fomos fazer um chá com os amigos. Foi um encontro muito agradável e cheio de conversas interessantes.

Hoje foi um dia muito bom e cheio de momentos agradáveis. Estamos muito felizes e satisfeitos com tudo o que aconteceu.

Ilustração 1 - Primeira página do jornal *Gazeta de Notícias* de 12 de abril de 1888. No alto da página percebe-se a crônica *Bons dias!*. Boa parte desse jornal encontra-se digitalizado no site da Biblioteca Nacional. Infelizmente nem todos os números do periódico encontram-se publicados. Disponível em < http://www.memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%201888&pesq=Bons%20dias! > Acesso em 04 jun. 2012.

Consubstanciado por esse estilo, o narrador das crônicas *Bons dias!* se mantém anônimo. Essa postura ocasionou um ofuscamento dessa produção machadiana, pois até meados de 1950 desconhecia-se a autoria das crônicas. Foi a partir do estudo minucioso de José Galante de Sousa (1913-1986), que se atribuiu a Machado a autoria dos textos²¹⁴. Organizadas a princípio por Raymundo Magalhães Júnior²¹⁵, estas não se encontravam dispostas completamente. Coube a Galante de Sousa, a descoberta do conjunto, que foi possível depois da averiguação da periodicidade e da assinatura final *Boas Noites*.

Em 1990, as 49 crônicas foram reunidas pelo crítico literário John Gledson²¹⁶. Este estudioso inglês trouxe à luz uma obra, que para aquele contexto “era uma novidade em termos de edição”²¹⁷. Além de uma introdução sobre o período de publicação das crônicas, o autor explica em notas, as citações e os fatos mencionados pelo narrador de *Bons dias!* Todo esse esmero visava transmitir ao leitor contemporâneo, o tempo vivido por Machado de Assis.

No começo da introdução, Gledson apresenta a periodicidade das crônicas e afirma que “[...] todas começavam com a saudação “Bons dias!” e acabavam na despedida (que também funcionava como assinatura-pseudônimo), “Boas Noites”²¹⁸. Dessa forma, o bruxo do Cosme Velho estaria usando um método diferente de suas crônicas anteriores. Enquanto as antigas sempre eram registradas por nomes próprios (retirados de personagens literários ou bíblicos), as atuais (*Bons dias!*) teriam no cumprimento final um narrador ou narradores implícito(s).

²¹⁴ Faço referência à obra SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1955.

²¹⁵ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

²¹⁶ John Gledson nasceu em Beadnell, Northumberland, Inglaterra, em 1945. Doutor pela Universidade de Princeton é professor aposentado de estudos brasileiros na Universidade de Liverpool. Publicou três livros sobre Machado de Assis no Brasil: *Machado de Assis: ficção e história* (Paz e Terra, 1986), *Machado de Assis: impostura e realismo* (Companhia das Letras, 2005) e *Por um novo Machado de Assis* (Companhia das Letras, 2006). Editou três volumes de crônicas e duas antologias de contos do mesmo autor, sendo a mais recente *50 contos de Machado de Assis* (Companhia das Letras, 2007). Traduziu diversos livros do português para o inglês, entre eles *Dom Casmurro* e o livro de contos *A chapter of hats and other stories*, de Machado de Assis; *Relato de um certo Oriente, Dois irmãos, Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum; *Um mestre na periferia do capitalismo*, de Roberto Schwarz; e o roteiro do filme *Central do Brasil*.

²¹⁷ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.8. Vale ressaltar que a edição de 2008 a qual utilizamos foi reformulada a introdução, acrescido de uma cronologia e um índice onomástico completo.

²¹⁸ *Ibidem*, p.13.

Tal concepção foi endossada por outros pesquisadores. Para Gabriela Betella, o “Boas noites” era sem dúvida o narrador da série, tanto que tinha o reconhecimento dos leitores e dos jornalistas²¹⁹. Em resposta, o narrador declara que

[...] negar que o aumento da tiragem da *Gazeta* é devido aos meus cumprimentos, é tapar o sol com uma peneira. Ninguém ignora que as pessoas bem criadas fazem mais atrativas as casas e reuniões. Aqui que me conste, ninguém fala aos leitores saudando-os antes de começar, senão eu. [...] Daí vem que a *Gazeta* nunca teve mais de onze a treze assinantes, e sete leitores. Entrei eu, com estes gestos cortesios, e a coisa mudou [...] e tudo isso se esquece no dia em que a *Gazeta* faz anos! Não importa a ingratidão é assim. Ir-me-ei daqui, sacudirei à porta desta casa os meus sapatos, esquecerei as boas horas passadas debaixo destes tetos, e cá não tornarei antes que me digam: -- volta, volta.²²⁰

A exaltação da virtude coloca o narrador como o único mediador do discurso²²¹. Isso é exposto no seu ressentimento expresso pelo jornal. Ao colocarem-se como responsável pelo aumento das vendas e da credibilidade da folha, “Boas noites” situa-se como sujeito de uma capacidade extraordinária, que associada à polidez conquistou o público e a crítica.

A hostilidade ao jornal configura um recurso do “estatuto do narrador”²²², nesse sentido, Betella afirma que a prosa cronística revela um narrador astuto, que simultaneamente trata o leitor de forma gentil, daí a cortesia nos cumprimentos iniciais, ou aborda rispidamente chegando a atitudes sarcásticas com o leitor. Perante a essa particularidade, subentende-se que o narrador de *Bons dias!* utiliza essa “estratégia crítico-destrutiva”²²³ para apregoar a existência das desigualdades sociais. A partir dessa constatação, Betella atribui a “Boas noites” o portador dessa análise, que opera um

²¹⁹ Betella baseia-se na nota explicativa de John Gledson. O mesmo menciona que no dia anterior à publicação da crônica de 3 de agosto de 1889, o jornal *Gazeta de Notícias* completara 14 anos de existência. Nessa comemoração houve uma referência a “Boas noites” na seção “Revistinha”. Cf. BETELLA, Gabriela k. *Bons Dias! : O funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p. 59.

²²⁰ Cf. ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias! Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson*. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.281-283.

²²¹ Cf. BETELLA, Gabriela k. *Bons Dias! : O funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p.61.

²²² *Ibidem*, p.61.

²²³ BETELLA, Gabriela k. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons Dias! e A semana)*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007, p.33.

discurso independente e revelador da sociedade carioca oitocentista. Dessa forma, “[...] a perversidade não poupa a relativização das máximas, ditos milenares, aforismos e provérbios”.²²⁴ Concordando com esses atributos, mas discordando da identidade do narrador, o historiador Leonardo Affonso Pereira suscitou no seu trabalho²²⁵ uma discussão que *a posteriori* causou uma disputa sobre o verdadeiro nome (s) do(s) cronista(s) machadiano.

Ao analisar a relação entre escritores e o carnaval oitocentista brasileiro, o autor de *Carnaval das Letras* procurou problematizar por meio das crônicas, contos e romances, a relação dos literatos com a sua dimensão social, sem que com isso estabelecesse uma representação do real. Buscar-se-ia, entretanto com esse exame, uma averiguação das questões da sociedade perante aqueles que estavam à margem, os iletrados²²⁶. Nesse sentido, o narrador das crônicas *Bons dias!* cumpre esse papel de emitir a opinião sobre a grande festa popular

Ei-lo que chega Carnaval à porta! ... Diabo! Aí vão palavras que dão ideia de um começo de recitativo ao piano; mas outras posteriores mostram claramente que estou falando em prosa; e se *prosa* quer dizer *falta de dinheiro* (em cartaginês, é claro) então é que falei como um Cícero.

Carnaval à porta. Já ouço os guizos e tambores. Aí vem os carros das ideias... Felizes ideias, que durante três dias andais de carro! No resto do ano ides a pé, ao sol e à chuva, ou ficais no tinteiro, que é ainda o melhor dos abrigos.²²⁷

Dessa forma, a manifestação amistosa em relação ao carnaval cede lugar a um tom de crítica à escassez de recursos para usufruir a folia. A afirmação, em prosa, do narrador cujo significado é a *falta de dinheiro* (expressa em outra língua)²²⁸ demonstra a mudança de concepção sobre os dias de rei Momo. Essa alteração de juízo aparece no desconforto que o relojoeiro sente na alegria camuflada dos três dias da festa. A fantasia e a euforia permitem mascarar os dissabores, as diferenças do cotidiano, principalmente na metáfora construída em torno das ideias. Se antes estas permaneciam “a pé” ou no “tinteiro”, agora são expostas sem temor e seguindo o seu curso a carro aberto.

²²⁴ Ibidem, p.31.

²²⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ª ed. revista. Campinas: SP: EDUNICAMP, 2004.

²²⁶ Ibidem, p. 11.

²²⁷ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.243. Essa crônica foi publicada em 27 de fevereiro de 1889.

²²⁸ Cartaginês advém de Cartago antiga cidade da África.

A postura do narrador de *Bons dias!* coloca este personagem semelhante ao estilo de narrar do romance machadiano.²²⁹ Desse modo, Pereira acentua que a observação realizada por Policarpo aproxima-se da visão de outros escritores, que fazem dessa temática um painel de discussões e de crítica ao modelo de carnaval produzido pela sociedade fluminense²³⁰. Verifica-se com essa proposição, que o narrador é um personagem autônomo e de opiniões que convergem para a sua posição social, um ex-relojoeiro, que busca na função de cronista, um examinador dos acontecimentos do Brasil do século XIX.

A indicação dos atributos são premissas fundamentais para a comprovação da existência do narrador, mas é pela crônica publicada em 1º de junho de 1888, que a identidade coloca-se

Agora fale o senhor, que eu não tenho nada mais que lhe dizer. Já o saudei, graças à boa educação que Deus me deu, porque isto de criação, se a natureza não ajuda, é escusado trabalho humano. Eu, em menino fui sempre um primor de educação. Criou-me uma ama, escrava; e, apesar de escrava e ama, nunca lhe pus a boca no seio para mamar, que não pedisse licença. Não estava em mim; às vezes dizia comigo:

— Mas, Policarpo, tu tens direito a ser aleitado, e depois é obrigação da escrava alugada. Em vão chorava, a Florinda corria, desabotoava o corpinho, punha o seio de fora, e eu, por mais fome que tivesse, não lhe pegava sem pedir licença. Pedia por gesto; parece que era um gesto de olhos [...]²³¹

A presunção sobre a educação demonstra que o narrador desde a tenra idade já possuía uma polidez no trato com as pessoas. Possivelmente, a partir desta característica supõe-se a origem do seu nome, Policarpo²³². A classe social é mais uma vez enfatizada

²²⁹ Segundo Sonia Brayner essa semelhança não pode ser vista como “um texto-ponte”, para a escrita de Machado nos romances. Visto que o gênero crônica suscitou essa evolução das formas literárias. Nesse sentido, o uso de metáforas, as citações eruditas, as paródias e a ironia compulsarem o estilo dessa produção, ou seja, a crônica moderna se revestia dessa particularidade. Cf. BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. CANDIDO, Antonio. Et. Al. *A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: EDUNICAMP/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.415-416.

²³⁰ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ª ed. revista. Campinas: SP: EDUNICAMP, 2004, p.173.

²³¹ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.123.

²³² Em nossas pesquisas não há menções que comprovem efetivamente a origem do nome Policarpo e também não podemos deduzir que o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1916) de Lima Barreto tomou emprestado à assinatura do personagem machadiano.

ao atribuir que o personagem fora amamentado por uma escrava. Nesse sentido, Policarpo excede no pudor ao subentender que somente aceitava o carinho de sua lactante, se pedisse “licença” por “gesto”, “gesto de olhos”.

Essa reminiscência sobre sua criação é uma prova concreta que o narrador das crônicas *Bons dias!* é Policarpo. Essa acepção, porém foi contextualizada por John Gledson. Na introdução de seu livro, o crítico literário inglês expõe que a denominação de relojoeiro foi explicitada primeiramente por Raimundo Magalhães Júnior (*Diálogos e reflexões de um relojoeiro*, obra editada em 1956), e que a referência a esse ofício somente está presente em 5 das 49 crônicas reunidas.²³³

Gledson ainda sustenta que Machado de Assis encerrou as crônicas *Gazeta de Holanda* em fevereiro de 1888, por presumir a iminência da abolição. Nesse sentido, retornou em abril com *Bons dias!* e utilizou a assinatura-pseudônimo “Boas Noites” como artifício para se resguardar de possíveis retaliações políticas²³⁴.

Segundo John Gledson, existem incoerências nas crônicas que apontam a não definição do narrador da série

Claro que não há a mínima necessidade de consistência na criação da *persona* do cronista ---- tudo é brincadeira, e as contradições fazem parte do jogo. [...] na crônica de 1º de junho de 1888, em que também quase acusa o leitor de grosseria (e insiste na sua polidez), “ele” nos informa que o seu nome é Policarpo – de óbvias conotações cômicas - e que tinha 5 anos em 1831[...] em 28 de outubro de 1888, pensa em candidatar-se ao Senado, “se os eleitores do império acabassem de crer que os meus quarenta anos já lá se vão” ---- imagina-se que não seria bem difícil, se ele tivesse 62! [...]²³⁵

Ao elencar os equívocos sobre a identidade do narrador, Gledson apoia-se nas divergências cronológicas apresentadas nas crônicas. Para ele, as discrepâncias relativas à idade já são provas suficientes que não são referências de uma mesma pessoa. O crítico literário ainda ressalta, que numa série de crônicas não há um narrador único como nos romances e contos, pois para ele isto traria “uma distorção da verdade e uma

²³³ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.25. Para Gledson o ofício de relojoeiro só adquire maior importância na primeira crônica (5 de abril de 1888). As demais são: 11 de junho de 1888, 6 de junho de 1888, 29 de julho de 1888 e 7 de março de 1889.

²³⁴ GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 142-143. Esta ideia encontra-se também em outra obra do crítico literário, *Machado de Assis: Ficção e história*. Trad. Sônia Coutinho, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

²³⁵ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 26.

complicação inútil”²³⁶. É categórico ao declarar que há em algumas crônicas (19 de maio de 1888 e 26 de junho de 1888) traços de um narrador individual, porém esse atributo dissipa-se na configuração da série, visto que é especificidade do gênero crônica tratar de vários assuntos.

Nesse sentido, Gledson defende a tese que existam nas crônicas *Bons dias!* vários narradores²³⁷. Essa proposição diverge da concepção de Leonardo Pereira, que atribui a Policarpo a narração da série. Essa dissidência de opiniões gerou dimensões que ocasionaram ataques pessoais.

Num artigo publicado no *Jornal de Resenhas*²³⁸, John Gledson tece duras críticas ao recente livro de Pereira. A obra contempla as crônicas da série *História de quinze dias*²³⁹, que para o crítico literário é “um fracasso”. Isso é explicado sobre três aspectos: texto, notas e introdução, que para Gledson estão equivocadas e descuidadas pelo organizador²⁴⁰ e ressalta que essa incongruência foi ocasionada pela cisão do grupo (Sidney Chalhoub, John Gledson, e Lúcia Granja) em 2004. Na ocasião, Chalhoub e Pereira “inventaram um “narrador” para a série *Bons dias!*”²⁴¹ e afirma que escreveu

[...] uma introdução para uma nova edição de *Bons dias!* detalhando como esse funcionamento se dá e o que confere o tipo de unidade que essa série realmente tem. Meus colegas ao se convenceram nem responderam aos argumentos que lhes coloquei: a melhor forma de dar uma ideia do que aconteceu é dizer que “ficaram na sua”. Era, evidentemente, impossível continuarmos juntos, e a equipe se dividiu.²⁴²

²³⁶ Ibidem, p.27.

²³⁷ Ivanete Bernardino Soares considera irrelevante a busca por um nome ou pseudônimo específico para a série *Bons dias!*, todavia salienta que é importante reconhecer o *ethos* do narrador. Isso significa que “o *ethos* discursivo equivale à imagem de si construída pelo discurso. Segundo Maingueneau, essa construção do *Ethos* é fundamentalmente um processo interativo, produzido em uma situação comunicativa específica, não correspondendo, necessariamente, à imagem do locutor exterior à sua fala”. Cf. SOARES, Ivanete Bernardino. *A dimensão discursiva e estratégica das crônicas Bons dias!*, de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em Linguística – Análise do Discurso) Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 31.

²³⁸ O *jornal de Resenhas* foi criado por um grupo de professores da FFLCH/USP e conta com a participação de professores das Universidades Federais. É distribuído gratuitamente nas Universidades federais e estaduais paulistas.

²³⁹ ASSIS, J. M. Machado de. *História de quinze dias*. PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. Organização, Introdução e Notas. Campinas: EDUNICAMP, 2009.

²⁴⁰ GLEDSON, John. *Uma leitura equivocada*: incompreensão do funcionamento da crônica de Machado. *Jornal de Resenhas*, nº 8, São Paulo: Discurso Editorial, 2010, p.6.

²⁴¹ Ibidem, p.6.

²⁴² Ibidem, p.6.

A mágoa sobre o não reconhecimento de seu trabalho perante aos seus pares fez com que Gledson colocasse publicamente todo o seu descontentamento e foi enfático ao esclarecer que na introdução reformulada de *Bons dias!* há uma explicação coerente sobre a particularidade de cada crônica. Daí a defesa que não existe um único narrador da série, por isso não se pode atribuir a Policarpo este predicado, já que seu nome é mencionado apenas uma vez. Nesse sentido, o crítico literário aguardava a resposta que veio em silêncio, porém esta atitude deixou sequelas a Gledson²⁴³.

Destarte a essa celeuma acadêmica, o que deve ser considerado é que as crônicas *Bons dias!* foram publicadas num momento de grande efervescência política. Um dos pilares que sustentavam a monarquia brasileira já estava rompendo-se. A década de 1880 projetava um novo limiar de ideias, todavia não podemos atribuir que Machado de Assis pressentiu essas mudanças e por isso terminou bruscamente uma série de crônicas.

Logo em seguida, iniciou outra com o artifício de uma assinatura-pseudônimo além de uma saudação de entrada e outra na saída, um comportamento cordial, mas ao mesmo tempo hostil. Há também um comentário pilhérico sobre os acontecimentos cotidianos e políticos, características presentes na construção dos personagens machadianos. Todo o respeito e referência ao trabalho do crítico literário inglês John Gledson, mas difamar a concepção do outro a favor de suas vaidades, é desqualificar toda a atividade artesanal de pesquisa do historiador.

Ao colocar-se como um intérprete da obra machadiana, Gledson autointitula-se como a única voz capaz de ressoar os ditos e não ditos de Machado de Assis. Os livros organizados na década de 1990 foram uma renovação ao trazer à luz as crônicas pouco estudadas. A inovação, porém não deve ser elevada ao status de uma obra inabalável. Machado foi um escritor hábil, que deixou nas entrelinhas a crítica, a observação sobre o indivíduo, a sociedade, todavia não se deve fazer dessas premissas uma redução de sua obra a todo o meado dos oitocentos do Brasil. Nesse sentido, endosso que o nome do narrador de *Bons dias!* é cativo e sagaz. Desnudou com irreverência, em 17 meses, diversas temáticas, uma delas a república que será problematizada a seguir.

²⁴³ Mas Leonardo Pereira não permaneceu indiferente a essa questão. Na edição nº 9 do *Jornal de Resenhas*, responde as provocações de Gledson. Acentua que no seu livro organizado, as notas foram colocadas não com intuito de explicar tudo ao leitor, mas de instigá-lo a buscar em outros referenciais e mais informações. Também a ortografia das crônicas foi atualizada, para tornar a leitura mais compreensiva e a introdução foi redigida com o intuito de situar a série no âmbito da produção machadiana. Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Diferenças que incomodam. *Jornal de Resenhas*, nº 9, São Paulo: Discurso Editorial, 2010, p.14-15.

Ora, federalismo, democracia, instrução pública eram bandeiras do republicanismo que já tinha por si o beneplácito dos ventos da história. Por isso, a República era o ideário político de quase todos os intelectuais [...] Os intelectuais se viam como agentes e condição mesma das transformações [...].²⁴⁴

Quando Machado de Assis iniciou as crônicas *Bons dias!* (5 de abril de 1888) estava em discussão na sociedade brasileira a abolição da escravatura. A nomeação de João Alfredo para a presidência do Conselho Ministerial foi um estratagema de D. Pedro II para assegurar a aplicação do projeto de lei que pusesse o término daquela nódoa social do Império. O propósito já vinha sendo arregimentado desde o começo de 1888. A pressão da política externa e das organizações abolicionistas, a imprensa panfletária e os republicanos formaram uma forte corrente a favor da Lei Áurea²⁴⁵.

²⁴⁴ MELLO, Maria T. Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007.

²⁴⁵ Soma-se a isso o apreço de D. Pedro II à causa. Adepto de ideais humanitários, o monarca da dinastia Bragança participou de Associações abolicionistas e causava-lhe desgosto ser o Brasil ainda um país escravocrata, porém não foi poupado de duras críticas pela morosidade da Abolição. Cf. MELLO, Maria T. Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007, p.190.

BRAZIL LIVRE

TREZE DE MAIO

EXTINÇÃO DA ESCRAVIDÃO

LEI N. 3353 DE 13 DE MAIO DE 1888
DECLARA EXTINTA A ESCRAVIDÃO NO BRAZIL

A Princesa Imperial Regente em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II:
Faz saber a todos os subditos do Imperio, que a Assembléa Geral decretou e Ella sancionou a lei seguinte:
Art. 1.º Declarada extinta desde a data d'esta lei a escravidão no Brazil.
Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e interino dos Negocios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.
RODRIGO AUGUSTO DA SILVA.

Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sancionar, declarando extinta a escravidão no Brazil como n'ella se declara, para Vossa Alteza Imperial ver.

Chancellaria-mór do Imperio.
Antonio Ferreira Vianna.

Transitou em 13 de Maio de 1888.
José Julio de Albuquerque Barros.

A JOSÉ DO PATROCÍNIO, A GAZETA DE NOTÍCIAS

JOSÉ DO PATROCÍNIO
Tenho a honra de dirigir a esta Gazeta de Notícias, e de fazer saber a todos os leitores que a mesma se publica todos os dias, e que a sua redacção se encontra na rua do Ouvidor, n.º 70, e que a sua publicação é gratuita para os leitores que se inscreverem no seu nome.

Deixei de escrever para o Brasil, e de fazer saber a todos os leitores que a mesma se publica todos os dias, e que a sua redacção se encontra na rua do Ouvidor, n.º 70, e que a sua publicação é gratuita para os leitores que se inscreverem no seu nome.

Deixei de escrever para o Brasil, e de fazer saber a todos os leitores que a mesma se publica todos os dias, e que a sua redacção se encontra na rua do Ouvidor, n.º 70, e que a sua publicação é gratuita para os leitores que se inscreverem no seu nome.

Deixei de escrever para o Brasil, e de fazer saber a todos os leitores que a mesma se publica todos os dias, e que a sua redacção se encontra na rua do Ouvidor, n.º 70, e que a sua publicação é gratuita para os leitores que se inscreverem no seu nome.

Deixei de escrever para o Brasil, e de fazer saber a todos os leitores que a mesma se publica todos os dias, e que a sua redacção se encontra na rua do Ouvidor, n.º 70, e que a sua publicação é gratuita para os leitores que se inscreverem no seu nome.

SENADO
Aberta a sessão de hoje, presidida pelo Sr. D. Pedro II, e de fazer saber a todos os leitores que a mesma se publica todos os dias, e que a sua redacção se encontra na rua do Ouvidor, n.º 70, e que a sua publicação é gratuita para os leitores que se inscreverem no seu nome.

Ilustração 2 - Jornal Gazeta de Notícias de 14 de maio de 1888. Estampado na primeira página a redação da Lei 3353/13 de maio de 1888, que extinguiu a escravidão no Brasil. Logo abaixo um artigo de José do Patrocínio saudando a liberdade dos negros. Disponível em <http://www.memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=Bons%20dias!> Acesso em 04 jun. 2012.

Nesse momento, a manutenção da escravidão era inviável. Após o decreto da alforria, os republicanos sentiram-se compelidos a uma bandeira que sempre estava associada as suas prerrogativas. Os latifundiários tornaram-se com essa medida “republicanos de 14 de maio” e a Casa de Bragança caiu nas graças da população. Diante dessa euforia, mas sem se deixar iludir pelas convenções políticas, Policarpo descreve na crônica de 19 de maio o seu ato pró-abolição

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup, post facto, depois do gato morto*, ou melhor nome tenha em holandês . Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforrear um molecote que tinha pessoa dos seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.²⁴⁶

As expressões em francês, latim e ditado popular exibem a supremacia da linguagem construída por Policarpo. Isso é posto para justificar a atitude visionária que ele terá em “libertar” um escravo, todavia o que parece ser um ato nobre transparece a defesa de propriedade da classe senhorial²⁴⁷. A proposição é enfatizada na ausência de humildade que Policarpo apresenta ao declarar que antes da promulgação do Decreto da abolição, tratou “de alforrear um molecote”, que tinha possivelmente 18 anos²⁴⁸ e para concretizar a ação ofereceu um jantar para “umas cinco pessoas”²⁴⁹ e ao brindar o momento festivo

[...] levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos,

²⁴⁶ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 109.

²⁴⁷ Cf. CHALHOUN, Sidney. *A abolição em crônicas. Jornal da Unicamp*. Ano XXII, nº 406. Campinas, 25 a 31 de agosto de 2008, p.5. Agradeço ao professor Guilherme Amaral Luz pela concessão desse exemplar.

²⁴⁸ Gledson aponta controvérsias nessa idade, pois “[...] se tivesse realmente 18 anos, Pancrácio teria nascido antes da Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871), e, portanto, não sendo ingênuo (nome dado aos escravos nascidos depois da Lei do Ventre Livre, que seriam livres aos 21 anos), valeria mais. Será que seu generoso senhor “esqueceu-se”, ou simplesmente falsificou a sua data de nascimento?” ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 111.

²⁴⁹ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 109.

restituí a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.²⁵⁰

A hipocrisia perante a sociedade é representada na analogia aos princípios cristãos. Policarpo coloca-se como um Messias, que pelo exemplo de humanidade e justiça devolve a Pancrácio o dom natural do homem, a liberdade. Essa postura emancipatória traz no bojo o intuito de manutenção da ordem. Mais adiante, essa aceção é ressaltada quando Policarpo oferece ao seu antigo escravo o abrigo e trabalho remunerado (6 mil réis) e diante da ingenuidade e lealdade, Pancrácio aceita a oferta e

[...] aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos. [...] O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente [...] ²⁵¹.

A palavra “Pancrácio” advém do grego *pagkráticos*, de *pagkrátion*, de *pan*, “todo” e de *Krátos*, “força”; pelo latim *pancratiu*, que significa forte em tudo, que domina tudo, todo-poderoso ou segundo a interpretação de Chalhoub de “tolo” ²⁵². Observando essa etimologia, percebe-se que o antigo servo de Policarpo tem na integridade, a força de seu povo, o anseio por uma vida digna, mas que continua sofrendo humilhações. Isso revela que a emancipação do negro não conseguiu estabelecer o valor e o respeito perante a sociedade²⁵³.

²⁵⁰ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 109.

²⁵¹ Ibidem, p. 110.

²⁵² Cf. CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história dos últimos anos da escravidão na Corte*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. Essa etimologia que Sidney Chalhoub defende causou mais uma quizila com John Gledson. Este considera que a primeira definição é que prevalece, pois “[...] Pancrácio, portanto, era aquele que tinha todo o poder. Com isso, Machado queria dizer que o processo histórico das décadas anteriores caminhava inexoravelmente em direção à extinção da escravidão [...]”. Cf. GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p.159.

²⁵³ Segundo Ronaldo Melo, Machado de Assis proferiu uma frase que chocou algumas pessoas sobre o fim da escravidão; “Libertou-se o escravo e não o negro”, ou seja, o quadro social do negro não mudara. Cf. *Machado de Assis: a crônica e a história*. Brasília: TV senado, 2008, 1 Doc. (60 min.), son. , color. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/tv> > Acesso em 22 set.2010.

Evidencia-se então, a postura artil de Policarpo que dissimulou uma liberdade a Pancrácio e, além disso, manteve a relação servil, o “peteleco” dado ao “recém-alforriado” por não ter escovado bem as botas. Justificou o impulso pelos “efeitos da liberdade”. Considera que “o direito concedido” não poderia invalidar as repressões e a subordinação que o negro sempre deveria prestar à sociedade e registra sem escrúpulos o seu ensejo de ser deputado levando como bandeira de campanha o pioneirismo de emancipação a Pancrácio²⁵⁴.

Desse modo, a relação paternalista descrita nesta crônica aponta que o anseio de liberdade e civilização, preceitos caros à Casa de Bragança, estavam sendo encobertos pelo jogo de interesse daqueles que viam na campanha abolicionista um filão para os seus propósitos. Era estimada a pessoa que defendesse a causa dos escravos. No ano de 1888, a ativação da campanha abolicionista mobilizou um forte apoio popular à lei Áurea.

O sentimento de adesão pelo direito natural do homem provocou em Policarpo o ato deliberativo a favor do antigo servo. Nas entrelinhas, porém estava desenhado que as relações de domínio e de subserviência continuavam camufladas na sociedade brasileira dos oitocentos. Numa crônica anterior a esta, Policarpo menciona o clima eufórico da população sobre a possibilidade próxima da concretização da abolição. Muitos escravos já estavam recebendo as “alforrias *incondicionais*”²⁵⁵ e ressalta sem temerários que “[...] eu gosto da liberdade, é certo; mas o princípio da propriedade não é menos legítimo”²⁵⁶. Nesse sentido, a retórica impregnada a benefício do ideário de alteridade, esconde dentro de si o desejo de permanecer o *status quo*. Policarpo representa o projeto de manutenção da ordem escravocrata e excludente dos latifundiários brasileiros.

²⁵⁴ Para Ivanete Soares, a postura de Policarpo elucida “[...] a posição de uma elite escravocrata que, independentemente da conjuntura, faria suas manobras para se manter no poder, não importando de que natureza fosse; no nível da enunciação, por outro lado, o enunciador da crônica desenvolve uma crítica mordaz a essa mesma elite, expondo seus defeitos de maneira mais convincente.” Cf. SOARES, Ivanete Bernardino. *A dimensão discursiva e estratégica das crônicas Bons dias!*, de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em Linguística – Análise do Discurso) Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 46.

²⁵⁵ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 103. Essa crônica foi publicada em 11 de maio de 1888.

²⁵⁶ *Ibidem*, p.103. Há também na crônica do dia 26 de junho de 1888, uma crítica aos fazendeiros, que lutavam por indenizações pelos escravos libertos. “[...] Esperando o quê? Esperando a indenização, com todos os diabos! Quinhentos libertos, a trezentos mil-réis, termo médio, eram cento e cinquenta contos; lucro certo: cento e quarenta e cinco.” Cf. ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 141.

Dessa forma, essa máscara social tentou soerguer-se no cenário político, porém esse intuito não se solidificou. A Monarquia obteve com a promulgação da Lei Áurea uma credibilidade, a “[...] regente foi feita “a redentora”. Adesões ao regime multiplicaram-se, sendo mais notório o caso de José do Patrocínio, conhecido e reconhecido militante do republicanismo, membro que era do partido, e que, teatralmente, atirou-se aos pés da princesa. [...]”²⁵⁷. O entusiasmo tomou conta da opinião pública fluminense, até o jornalista Ângelo Agostini (1843-1910), propagador da República por meio da *Revista Ilustrada*, ofereceu num almoço, um brinde a princesa Isabel²⁵⁸. Vários periódicos enaltecera a família real.

Muitos republicanos viam naquele ato uma solução que deveria ter sido aplicada há mais tempo. A morosidade das reformas, entre elas, a da abolição endossava a concepção que a monarquia não competia mais aos anseios de democracia, liberdade, civilização e modernidade. A república era nesse sentido, a alternativa que cabia à realização dessas aspirações. Desde 1870 com a publicação do *Manifesto republicano*, houve uma intensificação em prol do estabelecimento desse regime no Brasil oitocentista.

A realização de assembleias, a imprensa republicana e as ressonâncias na rua provocaram simpatia por uma parcela da população sobre a nova possibilidade de regime político. Nas crônicas *Bons dias!* há registros dessa temática²⁵⁹. Para essa dissertação, selecionamos duas crônicas em que o tema da república é mais enfático. A crônica do dia 27 de maio de 1888 foi publicada 14 dias após a abolição e a do dia 29 de junho de 1889 antecede há 4 meses e meio o ocaso do império, por isso partimos de uma linha temporal e elencamos estes textos por apresentarem de maneira mais contundente a crítica ao federalismo.

²⁵⁷ MELLO, Maria T. Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007, p.193.

²⁵⁸ *Ibidem*, p.193.

²⁵⁹ As crônicas dos dias 27 de maio de 1888, 31 de janeiro de 1889, 27 de fevereiro de 1889, 7 de junho de 1889 e 29 de junho de 1889 apresentam na sua composição uma interpretação mais clara sobre a república. Nas demais crônicas: 6 de junho de 1888, 29 de julho de 1888, 6 de setembro de 1888, 18 de novembro de 1888 e 13 de agosto de 1889 trazem no seu bojo, de forma implícita, os conflitos políticos do final do segundo reinado e a possibilidade da mudança para o novo regime político.

Cumprimento não perder de vista o meteorólito de Bendegó. Enquanto toda a nação bailava e cantava, delirante de prazer pela grande lei da abolição, o meteorólito de Bendegó vinha andando, vagaroso, silencioso e científico, ao lado do Carvalho.²⁶⁰

O cumprimento cortês é substituído pela ironia subentendida do assunto que Policarpo vai declarar. Ao mencionar sobre o meteorólito de Bendegó, que foi encontrado no século XVIII no sertão da Bahia, o narrador das crônicas *Bons dias!* acentua que enquanto a população ainda festejava a abolição da escravatura, acontecia nas disputas de forças políticas uma discussão em torno do transporte do meteorólito para a capital da corte. “A narrativa atribui a rocha os adjetivos “vagaroso, silencioso e científico” sempre que se refere às ações do meteorito no discurso, oferecendo-lhe, além da personificação, um caráter paciente, reflexivo e perspicaz [...]”.²⁶¹ Esses atributos simbolizam a morosidade das reformas políticas, que deveriam ser implementadas pela monarquia. Continuando

__ Carvalho, dizia ele provavelmente ao companheiro de jornada, que rumores são estes ao longe?
E ouvindo a explicação, não retorquira nada, e pode ser até que sorrisse, pois é natural que nas regiões donde veio, tivesse testemunhado muitos cativeiros e muitas abolições [...]²⁶²

Observamos essa passagem (a captura do meteoro no interior da Bahia e a promulgação da abolição), correlatas com o diálogo de Carvalho (comandante José Carlos de Carvalho (1847-1922) chefe da expedição e membro da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro.)²⁶³, o desconhecimento dele sobre a abolição (*que rumores são estes...*). Dessa forma, vemos que Policarpo procura estimular no leitor uma reflexão sobre a eficácia da lei áurea: será que a promulgação atenuaria a condição do negro, já

²⁶⁰ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 119.

²⁶¹ BETELLA, Gabriela k. *Bons Dias!* : O funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p.115.

²⁶² ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p. 119.

²⁶³ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.122. Nota explicativa do organizador.

que para o comandante Carvalho a prática era corrente (nas regiões donde veio,tivesse testemunhado muitos cativeiros e muitas abolições...)?

Neste sentido, assentamos que os argumentos dispostos pelo narrador visam promover no seu público um sentimento de *temor* sobre aquele acontecimento e os possíveis desdobramentos políticos. Mais adiante na crônica, ao relatar sobre a divergência de alguns vereadores de Salvador (capital da província da Bahia) que queriam embargar a ida do meteoro para a capital do império, Policarpo apresenta a seguinte exposição:

[...] O debate foi afinal resumido e o voto da maioria contrário ao embargo; apenas dois vereadores votaram por este...
E o meteorólito foi chegando, vagaroso, silencioso, científico, ao lado do Carvalho.
— Carvalho disse ele, os que não quiseram embargar a minha saída são uns homens cruéis. Mas por que é que aqueles dois votaram pelo embargo?
— Questão de federalismo [...]

No final do século XIX, as estruturas simbólicas da monarquia estavam sofrendo vários abalos. A escravidão não poderia mais perpetuar, os privilégios senhoriais estavam impelindo outros setores sociais de adentrarem-se no jogo político e principalmente havia no país uma forte campanha para o estabelecimento do regime federalista que parecia distante dos projetos da casa de Bragança, porém não dos republicanos.²⁶⁴

Notamos que na passagem descrita anteriormente, o narrador busca por meio da sua convicção, comunicar para o leitor o que estava em questão naquele episódio não era seguramente o lugar de pertencimento do “meteoro”, mas sim os interesses de grupos políticos.

Dessa forma, salientamos a eficácia dos argumentos empreendidos pelo narrador para construção dos seus argumentos. Nesse sentido, Policarpo buscou imbuir no leitor uma confiança na sua exposição, pois ao tratar de questões tênues (abolição e república) demonstrou que ambas apresentam discrepâncias nas proposições, visto que o negro permaneceria à margem da sociedade mesmo vivendo em liberdade. O advento da república, portanto não traria fim às relações oligárquicas, já que o meteoro vinha *chegando, vagaroso, silencioso, científico*.

²⁶⁴ Cf. MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: FGV/EDUR, 2007.

Na crônica do dia 29 de junho de 1889, Policarpo narra os acontecimentos políticos da Venezuela. O ditador Antonio Guzmán Blanco (1870-1888) tinha tentado junto com o Partido Liberal, uma mobilização popular para a permanência no poder, porém teve que deixar o país e refugiar-se em Paris²⁶⁵. Essa notícia foi publicada (a matéria foi editada de acordo com o telegrama enviado de Nova York) no *jornal do Comércio* de 26 de junho daquele ano. O narrador das crônicas *Bons dias!* toma conhecimento deste fato e se dirige imediatamente a uma companhia telegráfica, para certificar-se da originalidade do documento,

___ Está aqui telegrama, senhorr, disse-me o inglês de alto a baixo, com um ar de sobressalente; senhorr pode egzamina ele, e reconhece que Company não tem interesse em inventa telegramas.

___ Há de perdoar, mas o Príncipe de Bismarck pensa o contrário.

___ Contrário à Company?

___ Não, aos telegramas. Disse ele, uma vez, em aparte a um orador da Câmara: “O Sr. Deputado mente como um telegrama”. Mas eu não vou tão longe; os telegramas não mentem, mas podem ser tatibitate [...] ²⁶⁶

Percebe-se pela perplexidade de Policarpo, que há dúvida sobre o acontecimento, então fora confirmar a veracidade do fato na agência telegráfica. Desse modo, o diálogo com o funcionário situa o tom irônico em relação aos jogos políticos. Por incerteza em relação ao conteúdo do telegrama, Policarpo cita uma frase do Príncipe Bismarck em que põe em discussão os imbróglis e os tateamentos das tramas políticas. A fala do funcionário, um inglês autêntico, acentua a sua pontualidade com os atos e as palavras, a expressão “senhorr” exprime respeito, mas simultaneamente impõe autoridade e credibilidade pelo acontecimento.

O espanto ainda era presente em Policarpo que saiu da agência telegráfica e caminhando pela rua lembrou-se de um

[...] artigo de muitos republicanos de Vassouras. Eu fui a Vassouras há muitos anos, quando ali era juiz municipal o Calvet, e juiz de direito o Dario Callado. Na vila não havia então republicanos, não havia mesmo ninguém, exceto os dois magistrados, o vigário, o meu hospedeiro e eu [...] Afirmam os autores, que a lembrança de fazer eleger por ali um candidato republicano de fora, que lá não nasceu

²⁶⁵ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.279. Nota explicativa do organizador.

²⁶⁶ *Ibidem*, p.277.

nem mora, era antes um esquecimento, e parece por fim ofender os brios do 10º distrito e o caráter de dois candidatos do lugar [...] ²⁶⁷

As reminiscências sobre a sua ida à cidade de Vassouras (província do Rio de Janeiro) expõem de forma subentendida, que não havia um grande apreço pelas ideias republicanas. Isso é exemplificado quando Policarpo narra a sua estadia em Vassouras. Lá não mais que cinco pessoas, incluindo ele, são adeptos do regime republicano, porém salienta que no pleito eleitoral, “um candidato republicano de fora” causou estranheza ao ter a possibilidade de vencer as eleições perante os tradicionais políticos locais. Dessa forma, o narrador das crônicas *Bons dias!* indica que a república causa receio nas urdiduras políticas, porém se esta vier

[...] “o caso é para dizer-se: perca-se o partido, mas salve-se a honra do distrito”.

____ Mas, senhores, aqui está a federação feita; é a dos distritos. Todos os partidos a aceitam, antigos ou novos. Havia dúvidas sobre se os partidos recentes trariam este mesmo sabor *du terroir* ; vemos que sim, e até com maior intensidade, o que está muito bem[...] ²⁶⁸

A ideologia é posta de lado quando os interesses próprios falam mais alto. Nesse sentido, Policarpo descreve que perante os arranjos políticos o que prevalece é a “honra do distrito”, ou seja, usa-se um discurso progressista, que apregoará uma benesse pública, mas que evidencia uma prática déspota de alívio das classes dirigentes. Desse modo, a ideia de federação é consentida por todos, “antigos ou novos” e ressalta ainda que “esses partidos novos” continuariam, segundo a expressão francesa, trazendo esse “sabor da terra local”, com mais “intensidade”, ou seja, o projeto de autonomia dos estados, a luta pela descentralização do regime imperial estava implícita a manutenção do *status quo* dos grupos políticos.

Reforça essa concepção dizendo que “em política (ao menos aqui) só choram os da paróquia, entendendo-se que chorar quer dizer rir. Quem nasceu no alto mar, faça-se eleger pelos tubarões [...]” ²⁶⁹. Compreende-se que a avidez sobressaiu ao discurso

²⁶⁷ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.278.

²⁶⁸ Ibidem, p.278.

²⁶⁹ ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Machado de Assis. Introdução e Notas de John Gledson. 3ª ed. Campinas: Edunicamp, 2008, p.279.

democrático. Designa-se que somente os mantenedores da ordem terão espaço na sociedade. Finaliza a crônica remontando ao princípio

Que tem isto com a notícia de telegráfica de Venezuela? Leve-me o diabo se me lembra onde é que estava a ligação. Vá esta, em falta de outra. Provavelmente, o partido de Guzmán Blanco compunha-se de todos os distritos de Venezuela; começou a perdê-los, até que chegou a um só, depois uma cidade, uma vila, uma rua, um beco, um quarteirão, uma casa, finalmente uma alcova: morreu o homem que dormia na alcova, dissolveu-se o partido. Note-se que isto não liga coisa nenhuma, mas é um modo de casar (como dizia Molière) a República de Veneza com o Grão-Turco. Grão-Turco é o Guzmán Blanco.²⁷⁰

A fala agressiva de Policarpo demonstra que as semelhanças entre Venezuela e Vassouras residem nas tramas tecidas pelos grupos políticos. Tal acepção é estabelecida na comparação irônica que ele desenha sobre o autoritarismo de Guzmán Blanco. Este permanece na sua “alcova”, isolado e não adere a alianças políticas para permanecer no poder. Policarpo ainda cáustico enfatiza que uma “coisa não tem nada a ver com outra” e cita que a “República de Veneza com o Grão-Turco” revela que o sonho de uma democracia esbarra em cobiças individuais ou de grupos escusos, que veem nas instituições políticas seu resguardo.

Situando essa percepção de Policarpo, vê-se que esse tom narrativo dos acontecimentos políticos configura-se como uma análise social do Brasil oitocentista. Concomitante, o ex-relojoeiro provoca no leitor uma instigação dos fatos. Nesse sentido, utiliza a cortesia, citações literárias, citações filosóficas e mescla com uma linguagem por vezes hostil, uma sátira às classes dirigentes. Visto que

[...] Tudo isso esclarece a natureza a verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma da vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.²⁷¹

²⁷⁰ Ibidem, p.279.

²⁷¹ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.200.

Benjamin atribui ao narrador o papel de conselheiro e assim configura a tarefa de auscultar as narrativas e transmiti-las com a sua experiência os “ensinamentos” ao seu público. Desse modo, estes atributos não são descritos literalmente pelo significado das palavras, mas pela sugestão do exame dos fatos, sobretudo pela contribuição ao amadurecimento da consciência social.

Cabe ao narrador em tom de alteridade prevalecer às descrições das condições humanas e problematizá-las em suas narrativas, a fim de elevar ao leitor as experiências vivenciadas. Policarpo consubstanciou esses elementos. Adveio de uma classe abastada, porém dialogou com seu público de uma forma irreverente os desdobramentos políticos e sociais do Brasil do século XIX.

CAPÍTULO III: LITERATURA E POLÍTICA: REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA DA REPÚBLICA NO ROMANCE *ESAÚ E JACÓ*

3.1- Da “cor local” ao nacional: embates sobre a literatura brasileira.

A literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade a língua, já não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política.²⁷²

Nas palavras do crítico literário, José Dias de Matos Veríssimo (1857-1916), está representado categoricamente o pensamento basilar do discurso fundador da literatura brasileira. Apregoador, a princípio por Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), no célebre “*Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*” (1836)²⁷³, o romantismo preconizava desde o nascimento uma instituição da literatura nacional, que se valeria da legitimação do índio como personagem principal na constituição do país, na descrição dos costumes e da natureza.

Dessa forma, tais premissas seriam os pilares de sustentação da estética romântica, que recorria à exaltada “origem”, para servir de estro no desenho da cor local. Soma-se a isto, a independência política do Brasil efetivada em 1822. A desvinculação com Portugal causou um sentimento de lusofobia à jovem nação emancipada, por isso era necessário criar uma identidade e uma cultura próprias.

Ao jovem ávido de conhecimento e reconhecimento Gonçalves de Magalhães, coube à tarefa de sistematizar a história da literatura brasileira e de demarcar a sua ascendência. Para ele, a poesia seria a maestrina da cultura nacional, desde que estivesse imiscuída dos preceitos românticos.²⁷⁴

²⁷² VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Introdução Heron de Alencar. 4ª ed., Brasília: Edunb, 1981, p. 23.

²⁷³ Este ensaio foi originalmente apresentado no Instituto Histórico de Paris em 1834. Dois anos depois, foi editado na Revista Brasiliense *Nitheroy* (Paris). Além deste esboço, Magalhães publicou no mesmo ano (1836) a obra “Suspiros poéticos e saudades” inaugurando, portanto, o romantismo.

²⁷⁴ Sobre esta questão apresentamos a nota a seguir. Em 1836, vinha a lume o *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882). Apresentado dois anos antes no Instituto Histórico de Paris, objetivava delinear um passado literário e um marco fundador de nascente historiografia literária brasileira, pois, “Após a independência do Brasil, o país viu-se diante de uma tarefa urgente: buscar a sua identidade nacional e cultural e, nessa busca, definir o que seria nossa História da literatura [...]” (SERRA, Tânia Rebelo Costa. Prolegômenos a uma história da literatura no

Se o século XVIII representou a inauguração da literatura brasileira, no século XIX, “com as mudanças e reformas políticas, que tem o Brasil experimentado, nova face literária apresenta”²⁷⁵. Neste sentido, Gonçalves de Magalhães elege a origem da literatura brasileira, a partir da vinda da família real portuguesa em 1808 e, posteriormente ao processo de independência em 1822, pois era necessário romper com a herança retórico-poética do classicismo, em favor da originalidade do romantismo, que se propunha à jovem “pátria” desenhar a cor local, representada na figura mítica do índio²⁷⁶.

Nesse sentido, a literatura brasileira alcançaria a plenitude após a legitimação da poesia épica indígena. Exponentes iniciais dessa proposição foram os próprios Magalhães

século XIX: o “Ensaio Sobre a História da Literatura do Brasil” (1836), de Domingos José Gonçalves de Magalhães. *Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia – aprender com a História?* Mariana: UFOP, NEHM/PPGHIS, 2009, p. 1.). A análise acima aponta que a jovem nação brasileira se esforçara em estabelecer as características próprias, pois era necessário apagar toda e qualquer herança colonizadora de Portugal. O processo de independência do Brasil começou a se intensificar após o retorno de D. João VI (1767-1826) a Portugal, pois “esta atitude contrariava, em parte, os interesses brasileiros, pois o centro decisório da monarquia retornava à Europa. Neste sentido, Magalhães tinha a pretensão de situar a importância da literatura para as questões nacionais. A literatura seria a identidade de uma nação. Ao apresentar a trajetória literária de outros países, Magalhães, no decorrer de texto levanta as seguintes indagações, “[...] aplicando-nos agora especialmente ao Brasil; as primeiras questões, que se nos apresentam são: Qual é a origem de sua literatura? Qual seu progresso, seu caráter, que fases tem tido? Quais os que a cultivaram, e as circunstâncias, que em diferentes tempos favoreceram, ou tolheram seu florescimento?”(MAGALHÃES, D. J. Gonçalves de. Op. Cit. p. 2.) As interrogações feitas pelo autor resumem a sua inquietude em relação à construção de um panorama histórico da literatura brasileira. Essa ausência poderia ser suprimida por meio de aliança metodológica com a história, como forma de traçar uma linearidade, uma evolução na arte literária do país recém libertado. Segundo Rouanet era preciso “[...] escrever o que quer que fosse – poesia ou história, teatro ou levantamentos topográficos, romances ou descrições geográficas, crônicas ou dissertações sobre etnografia – podia ser instrumento para se atingir o objetivo visado. “[...] era preciso que o se escrevesse fosse considerado “útil” e “preciso” para a pátria”. (ROUANET, Maria Helena. Nacionalismo. JOBIM, José Luís. (org.) *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 17.) Ao atribuir à literatura o papel de instrumento determinante para a edificação da nacionalidade, Magalhães recorria legitimar o seu ensaio, que em 1865 passaria por uma revisão e ganharia a denominação de Discurso, como marco fundador da Historiografia literária brasileira (KARVAT, Erivan Cassiano. O lugar de Magalhães: História e Cânone no ensaio sobre a história da literatura do Brasil. *XI Congresso Internacional da Abralic*, 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil, p. 1-9.) Visto que, anteriormente, mesmo diante da escassez de fontes, nenhum brasileiro discorreu sobre o assunto. O registro coube a três estrangeiros: Friedrich Bouterwek (1765-1828), Sismonde de Sismondi (1773-1842) e Ferdinand Denis (1798-1890). Neste sentido, era preciso imbuir um sentimento de pertencimento a pátria independente, à medida que a necessidade de esboçar um perfil para a nação brasileira se fazia presente. A criação do *Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* (1838) responderia a essas perspectivas ideológicas, pois “[...] O IHGB seria uma instituição científico-cultural destinada a definir a nação brasileira para si e para o “outro”, dessa forma, a história seria “o meio indispensável para forjar a nacionalidade” (GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, nº 1, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1988/1, p. 14.). Dessa forma, o escritor fluminense nomeia dois períodos da história do Brasil: no primeiro compreenderia os séculos XVI, XVII e XVIII e no segundo os anos de 1808 até 1836. Na primeira proposição, Magalhães menciona que no século XVI, época do descobrimento, o país não teve nenhum escritor, já no seguinte, ele aponta a existência de alguns poetas e prosadores; e o papel dos jesuítas. Mas é o século XVIII, o do iluminismo, que Magalhães atribui à abertura da carreira literária no país. (MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves. Op. Cit. p. 7.)

²⁷⁵ Ibidem. p.7.

²⁷⁶ KARVAT, Erivan. Op. Cit. p. 7.

em *d' A confederação dos Tamoios* e o poeta maranhense Gonçalves Dias (1823-1864) em *I-Juca-Pirama* e *Os Timbiras*, mas foi no romance de José de Alencar (1829-1877)²⁷⁷, que essa característica consolidou-se. Doravante, o romance urbano também conquistou notoriedade e respeitabilidade no cenário nacional, um exemplo é *A Moreninha* (1844) de Joaquim Manuel de Macedo (1820- 1882)²⁷⁸. Todavia, este gênero sofreria modificações e questionamentos no final dos oitocentos. Machado de Assis publicaria em 1873 um ensaio que debateria estas questões e defenderia um romance de caráter social e psicológico, o qual será tratado a seguir.

3.1.2- O sentimento íntimo e a literatura nacional

Uma revolução literária e política fazia-se necessária. O país não podia continuar a viver debaixo daquela dupla escravidão que o podia aniquilar. A aurora de Sete de Setembro de 1822 foi a aurora de uma nova era. O grito do Ipiranga foi o – *Eureka* – soltado pelos lábios daqueles que verdadeiramente se interessavam pela sorte do Brasil [...] Mas após o *Fiat* político, devia vir o *Fiat* literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? É mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura.²⁷⁹

O excerto acima faz parte do ensaio *O passado, o presente e o futuro da literatura*. Escrito por Machado de Assis em 1858, este texto já manifestava a preocupação no que se referia à literatura brasileira. Para ele, a independência política que o país alcançou em 1822 não representou um avanço nas três formas literárias essenciais: o romance, o drama e a poesia, visto que as duas primeiras ainda são dependentes do estilo português e a terceira mesmo revestida do “indianismo”, não pode ser considerada uma produção genuinamente “nacional”²⁸⁰.

Passados quinze anos, Machado retoma essa discussão no ensaio *Notícia Atual da Literatura – Instinto de Nacionalidade*. Editado no periódico *O Novo Mundo* de 24 de março de 1873. Este esboço aponta a problemática sustentada por ele no texto do final dos anos de 1850, que a emancipação literária brasileira ainda não se efetivou, pois,

²⁷⁷ Citemos em ordem cronológica os romances indianistas de José de Alencar: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874).

²⁷⁸ Cf. CÂNDIDO, Antônio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

²⁷⁹ ASSIS, J. M. Machado de. *O passado, o presente e o futuro da literatura*. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/machado.mec.gov.br> > Acesso em 04 de jul. de 2011. Publicado originalmente no jornal *A Marmota*, Rio de Janeiro, 09 e 23/04/1858.

²⁸⁰ Cf. PIZA, Daniel. Op. Cit., p. 84.

[...] quando a independência política jazia ainda no ventre do futuro, e mais que tudo, quando entre a metrópole e a colônia criara a história, a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de Basílio da Gama e Durão quiseram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a literatura brasileira, literatura que não existe ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.²⁸¹

Ao tocar na clave que a literatura brasileira não concretizou a sua autonomia, Machado assinala que os poetas arcádicos Santa Rita Durão e Basílio da Gama - considerados precursores da poesia brasileira – permaneceram presos ao excesso da “cor local” e não promoveram nesse sentido uma escrita desvinculada dos preceitos clássicos europeus. Dessa forma, a emancipação literária estaria distante e talvez tal fato somente dar-se-ia a partir de gerações vindouras.

Este diagnóstico, suscitado pelo literato carioca, desconstrói a sistematização proposta por Gonçalves de Magalhães no seu esboço de 1836, no qual afirmara que a literatura brasileira teve a sua estreia com o movimento arcadista. Embora Machado reconheça o mérito daqueles escritores e elogie o esforço posterior dos poetas românticos em pintar as “cores do país” com a mítica do índio²⁸², o escritor carioca assinala que a literatura no Brasil deve ir além dessas proposições acentuadas, pois,

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço²⁸³.

Ao tratar a literatura como instinto, Machado designa que o escritor não deve encarar a sua produção como uma missão e sim como traço de uma literatura brasileira, que busca concomitantemente a junção das “cores do país” com a “cor local”. Dessa forma, o autor de *Memorial de Aires* aponta que o empreendimento deve se pautar pela consciência de uma literatura nacional e não para legitimá-la como a mais importante ou superior a qualquer outra.

²⁸¹ ASSIS, J. M. Machado de. Notícia Atual da Literatura – Instinto de Nacionalidade. *Obras completas – Crítica Literária*. São Paulo: Ed. Brasileira, 1959, p.131.

²⁸² Os poemas de Gonçalves Dias e os romances de José Alencar são louvados por Machado de Assis como exemplos de obras que prezam pelo sentimento da “cor local”. O próprio escritor carioca redigiu alguns poemas com a temática indígena na coletânea *Americanas* de 1875. Cf. PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p. 157.

²⁸³ ASSIS, J. M. Machado de. Notícia Atual da Literatura – Instinto de Nacionalidade. *Obras completas – Crítica Literária*. São Paulo: Ed. Brasileira, 1959, p.135.

Doravante, o sentimento íntimo apontado por Machado suscita uma dicotomia que se desdobra em dois pontos: ser brasileiro em literatura e o que significa ser brasileiro em literatura²⁸⁴. Este quiasmo implica situar que “o bruxo do Cosme Velho” rejeita os preceitos delineados pelo romantismo, pois para o escritor carioca a negação da herança portuguesa não coloca a literatura brasileira portadora de uma nacionalidade pura. Essa equação seria solucionada se buscasse interrogar o próprio sentido da literatura, ou seja, teria que imbuir na sua composição não somente a *persona* do índio, mas tudo que seja matéria de literatura, pois,

[...] a nacionalidade é ainda um problema, não um falso problema [...] E o resultado está patente: para manter o argumento da riqueza e as recusas nele implicadas, a exigência da questão da nacionalidade obriga a colocar a nacionalidade em questão. E disso a obra romanesca machadiana é ainda o melhor exemplo: se a interpretação normalizadora se apóia, no fundo, na metáfora do ‘sentimento íntimo’, fazendo de Machado o fundador involuntário de uma tradição crítica que o empobrece, a verdade é que esse processo só atinge resultados pertinentes na condição de pôr em causa imagens ou concepções estabelecidas sobre o Brasil²⁸⁵.

A aporia sobre a nacionalidade é pedra-de-toque da argumentação de Machado de Assis. A concepção é endossada pelo fato do escritor colocar este ponto como cerne do debate sobre a indeterminação da própria literatura brasileira. Dessa forma, o “sentimento íntimo” posto como um tropo de linguagem significa que a literatura deve buscar a preocupação não somente com a “cor local”, mas com a recepção dessa abordagem com o seu público.

Nesse sentido, o romance machadiano é portador dessa peculiaridade de manter uma relação íntima, que se estabelece objetivamente entre narrador e leitor. O trabalho do professor Hélio de Seixas Guimarães²⁸⁶ aponta esta ligação por meio das “[...] conexões entre o frequente e “inevitável tuteio” de narrador com o leitor, que se estabelece no plano ficcional, e o embate histórico do escritor com seu público”²⁸⁷.

Dessa forma, Guimarães pontua o sentido do contato entre o literato com seu o leitor por meio dessa característica impregnada nos romances. Doravante, o seu trabalho se desdobra em três momentos: no primeiro, em torno do leitor Machado de Assis, ou seja, dos destinatários empíricos da prosa ficcional, segundo, no leitor enquanto

²⁸⁴ Cf. BAPTISTA, Abel Barros. *A Formação do nome*. Duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p.104.

²⁸⁵ *Ibidem*, p.107.

²⁸⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Op. Cit.*.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 27.

construção ficcional no romance machadiano e terceiro, na reunião de textos publicados na imprensa brasileira sobre o lançamento das obras do bruxo do Cosme Velho.²⁸⁸

O que importa para o professor Hélio de Seixas Guimarães é situar o vínculo de Machado de Assis com seu público, visto que, num país em que mais de 80% da população era analfabeta (censo de 1876), a circulação de livros era precária, por isso era preciso cativar o onipresente leitor machadiano.

Diante desta constatação, verifica-se que para Machado, o romance constituía a possibilidade de atestar o significado do “sentimento íntimo”, já que a partir dessa simbiose autor/leitor é possível o escritor interpretar a responsabilidade da literatura e o seu sentido, pontos defendidos veementes no ensaio de 1873. Todavia, assinalava que “[...] romance puramente de análise, raríssimo exemplar temos, ou porque a nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras incompatível com a nossa adolescência literária”²⁸⁹.

Ao apontar que o romance no Brasil ainda era prescrito pelas concepções do romantismo - que se baseavam na pintura do quadro da cor local e dos costumes – o autor das crônicas *Bons dias!* indica que o romance ainda permanecia preso a uma linguagem limitada e nesse sentido, não configura como uma obra que observa com pormenores a condição humana. Posto isto, o escritor carioca adverte que esta ausência de exame corrobora para a permanência da imaturidade literária num país que busca ser autônomo e grandioso na sua cultura nacional.

A defesa por um romance voltado para análise psicológica e crítica da sociedade em detrimento ao excesso de nacionalismo apregoado por Gonçalves de Magalhães, acompanhou a escrita machadiana na composição de suas obras. Isso se justifica porque,

[...] o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização dos personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente. [...] para começar os agentes no enredo e o local de suas ações deviam ser situados numa nova perspectiva literária: o enredo envolveria pessoas específicas, e não como fora usual no passado, tipos humanos genéricos atuando num cenário basicamente determinado pela convenção literária²⁹⁰.

²⁸⁸ Ibidem, p. 30-31.

²⁸⁹ ASSIS, J.M. Machado de. Notícia atual da literatura brasileira – Instituto de nacionalidade. *Obras completas de Machado de Assis* – crítica literária. São Paulo: Brasileira, 1959, p.137.

²⁹⁰ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. de Bolso, 2010, p. 16.

O criterioso estudo de Ian Watt apresenta-nos o surgimento do gênero romance na Inglaterra do fim do século XVIII. Para ele, a disseminação das ideias do realismo filosófico foi fundamental para a efetivação dessa mudança na literatura britânica. O pensamento de Thomas Hobbes (1588-1679), de John Locke (1632-1704) e de René Descartes (1596-1650) - que primavam pela liberdade de consciência do indivíduo - salientavam entre outros pontos, que o homem moderno deveria romper com a concepção dos universais de aceitar a realidade definitiva e imutável. Para estes filósofos a percepção dos sentidos seria a sustentação da tomada de conhecimento do sujeito. Dessa forma, o romance imbuído dessas preleções procurava quebrar a herança aristotélica de narração e os enredos tradicionais (mitologia grega, lenda) deveriam ser substituídos pela prosa. Na Inglaterra setecentista, três escritores foram precursores do estilo literário; Defoe, Richardson e Fielding, sendo que o primeiro “[...] inaugurou uma nova tendência na ficção: sua total subordinação do enredo ao modelo da memória autobiográfica afirma a primazia da experiência individual no romance da mesma forma que o *cogito ergo sum* de Descartes na filosofia.”²⁹¹

A predominância de instituir uma identidade particular no personagem proporcionou ao gênero romance a função de examiná-lo no contexto social. Nesse sentido, o enredo aproxima-se da realidade ao tratar de temáticas contemporâneas que visam basicamente avaliar a burguesia por meio de um núcleo central: a família.

No Brasil, Machado de Assis apregoou essas referências nos últimos romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Os personagens principais que dão nome aos títulos, serão na trama machadiana, o artífice do autor para efetuar a crítica à sociedade carioca oitocentista. Essa especialidade seria defendida no seu esboço, pois o “bruxo do Cosme Velho” assinala que se na literatura nacional houvesse mais romances com essas características, “[...] os defeitos se corrigiriam, e as boas qualidades adquiririam maior realce”.²⁹²

Na opinião de Machado, o gênero romance não deve ser subserviente ao nacionalismo extremado e nem reproduzir o modelo europeu. Para a superação destes entraves, o jovem literato carioca sugere que o papel da crítica literária seja efetivado na análise das obras, pois “ela ajuda a apurar e educar o gosto”²⁹³. Dessa forma, a

²⁹¹ Ibidem, p. 15.

²⁹² ASSIS, J. M. Machado de. Notícia atual da literatura brasileira – Instituto de nacionalidade. *Obras completas de Machado de Assis* – crítica literária. São Paulo: Brasileira, 1959, p.140.

²⁹³ PIZA, Daniel. Op. Cit. p.158.

literatura brasileira adquiriria uma maturidade e uma autonomia em relação às demais literaturas nacionais, sem incorrer no processo de polarização para fazer a si mesma. A constatação encontrada é válida para a poesia, o teatro e a linguagem, embora Machado reconheça que há obras que destoam dessa comprovação, muitos desses gêneros apresentam os mesmos vícios de subordinação e restrição do romance. Finaliza o seu ensaio dizendo

[...] Viva imaginação, delicadeza e fôrça de sentimentos, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gôsto, carências às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita côr local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro²⁹⁴.

O sentimento de otimismo encerra o esboço. Para Machado, a literatura brasileira no tempo vindouro seria próspera mesmo diante das incongruências sinalizadas na análise de seu panorama. Ao negar os parâmetros do romantismo, o “bruxo do Cosme Velho”, inaugurava com outros literários²⁹⁵ um movimento divergente. Os preceitos do realismo traziam na sua concepção, a análise social e psicológica, pontos defendidos pelo literato no seu ensaio.

No ano anterior, à publicação deste ensaio já tinha lançado o seu primeiro romance (*Ressurreição*, 1872) - embora alguns autores questionem a divisão perpetuada entre as fases da prosa machadiana - o lançamento de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881 apresentou uma nova abordagem na narrativa ficcional. O fato seria o pilar de sustentação de tese sobre a constituição da literatura brasileira.

Diante desta questão sensível que permanece são as tramas urdidas em torno de uma explicação eficaz para a descrição da literatura brasileira²⁹⁶. A inquietação em

²⁹⁴ ASSIS, J. M. Machado de. Op. Cit. p.149. Mantive a grafia original.

²⁹⁵ Atribui-se a Machado de Assis e Aluizio de Azevedo a inauguração do realismo no Brasil em 1881.

²⁹⁶ As alterações em torno de uma explicação para o Brasil engendraram obras seminais, que a partir dos anos de 1930 promoveram teorias profícuas a respeito da genealogia do país. Representadas pela tríade: *Casa-grande e Senzala*(FREYRE,2005), *Raízes do Brasil* (BUARQUE DE HOLANDA , 1993) e *Formação do Brasil Contemporâneo*,(PRADO JR, 1967.) estes ensaios procuravam a direção de uma matriz plausível e coerente, que possibilitasse por meio de métodos; sociológicos, históricos e econômicos, justificar as suas teses sobre a constituição da nação brasileira. Diante deste quadro de abordagens sobre a identidade nacional, surge no final da década de 1950, a obra *Formação da literatura brasileira*. Escrita pelo crítico literário Antônio Cândido, procurava apresentar um panorama da literatura nacional, sobretudo porque este era o objetivo do livro que se desdobrava em dois pontos: situar a origem da literatura brasileira e demarcar os momentos que o autor denominava como decisivos na sua constituição.

No decorrer do prólogo, Cândido desculpa-se pelo fato de ter omitido o teatro e posteriormente, Machado de Assis “romântico” em suas críticas. Isto justifica-se devido a uma consistência fraca da produção de artes cênicas e pela própria impropriedade do autor em abordar tal temática. Em relação a Machado, o

comprovar um embrião, que seja colocado na figura do índio ou na legitimação de uma estética literária em detrimento à outra não conseguem estabelecer uma unidade de coesão sobre o sentido da literatura nacional e de como a mesma se constituiu como tal. As imbricações em torno dessa problemática levantam hipóteses polêmicas²⁹⁷ ao denominar que os romancistas do século XIX estavam imbuídos do modelo europeu e que nesse sentido não era possível existir uma literatura própria. Somente a partir do romance machadiano esta vertente seria desmantelada, e o romance *Esau e Jacó*,

crítico literário julgou que outros estudiosos seriam mais aptos a examiná-lo. Mesmo admitindo estas lacunas, o autor se compromete a pensar numa possibilidade de revisão se o livro alcançasse uma nova edição. Cândido enuncia que o cerne de seu compêndio baseia-se em avaliar “os momentos decisivos”, que fizeram com que literatura brasileira constitui-se. Considerando essa assertiva esclarece que, “[...] jamais afirmei a inexistência de literatura no Brasil antes dos períodos estudados. Seria tolice pura e simples, mesmo para um ginasiano. No sentido amplo, houve literatura entre nós desde o século XVI; ralas e esparsas manifestações sem ressonância, mas que estabeleceram um começo e marcam posições para o futuro. Elas aumentaram no século XVII, quando surge na Bahia escritores de porte; e na primeira metade do século XVIII as Academias dão à vida literária uma primeira densidade apreciável”(Ibidem, p.16). Antônio Cândido atesta que não teve intenção de afirmar a inexistência da literatura brasileira antes do limiar da escola romântica. O autor explica que a sua metodologia analítica configura-se em alumiar a ocasião em que a literatura brasileira formou-se. Para ele, desde o século XVI surgiram “manifestações” que contribuíram para a construção da literatura nacional. Nesse sentido, o Barroco e o Arcadismo mesmo diferentes esteticamente do Romantismo são essenciais para compreender os períodos de transição em que o movimento literário no Brasil estabeleceu-se para que doravante houvesse uma concretização. Antônio Cândido sustenta a tese da importância da recepção da obra, para se caracterizar uma literatura nacional, o que importa são os autores e não a ideologia de uma literatura voltada especificamente para a “cor local” . A partir dessa proposição, o crítico literário vai delinear que o Barroco foi uma “manifestação literária” isolada e dessa forma, escritores como Gregório de Matos (1623-1696) (Cf. HANSEN, João A. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Cia das letras, 1989. Nesta obra, o autor discute a autoria atribuída a Gregório de Matos em alguns poemas.) não se enquadraria na descrição do panorama da literatura brasileira. Ocasionou-se então nas ciências humanas, um debate acerca da posição de Candido. Tal panorama provoca uma ilegitimidade da própria ideia de *Formação*, que consiste em regular uma coerência estética para estabelecer as etapas de construção da literatura brasileira. Todavia recai em contradições ao situar que se deve ao arcadismo e, sobretudo ao romantismo a abertura literária no Brasil. Diante deste quadro estabelecido, percebe-se que a relação tecida entre estes dois estilos literários se funda nos “[...] atributos identificados com a civilização é tarefa principiada pelos árcades e prolongada pelos românticos” (CAMILOTTI, Virgínia Célia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p.48.). Nesse sentido, a vinculação de ambos os períodos, caracteriza o nascimento de uma literatura, que se coloca como nacional e acima de tudo assenta-se como portadora legítima da nascente cultura brasileira. Esta aproximação porém se rompe quando o Romantismo imbuído do modelo europeu de literatura nacionalista aglutina o item local na sua composição e toma para si a propriedade de uma literatura que acompanha o processo político do país, ou seja, uma literatura emancipatória, indigenista e brasileiríssima e que cubra a fratura deixada pelo Arcadismo(Ibidem, p. 49). Dessa forma, o Romantismo seria o elemento que comprovaria a síntese montada por Candido na sua tese sobre os momentos decisivos da formação da literatura brasileira. A confirmação do crítico seria edificada pelos “[...] elementos externos, cosmopolitas, estrangeiros, operando como sugestões a serviço ou em função dos fatores internos, das demandas locais, ou da “manifestação do espírito novo da pátria nova”, perfazendo uma relação de exterioridade ou uma secundarização dos primeiros para com os últimos “(Ibidem, p. 55). Esta síntese descrita por Candido suscitou dilemas dentro e fora de seu trabalho, a sua proposição defendida de uma literatura autônoma e progressista retoma aos preceitos defendidos por Gonçalves de Magalhães em seu ensaio. O desejo de nomear uma genealogia e principalmente uma literatura nacional (a “cor local” imiscuída com o fator externo) coloca-se numa normativa permeada de digressões e embates que norteiam até hoje discussões em torno da identidade literária.

²⁹⁷ Cf. SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34,5ª edição, 2008, p.11-31.

permite, por isso, refletir sobre as questões da nacionalidade, da política, da literatura como apresentamos como proposta neste trabalho.

3.2 - O “Último” que foi o penúltimo: *Esau e Jacó* um romance permeado de histórias.

A letra vai um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias. (Carta de Machado de Assis a José Veríssimo/ 31-01-1904)
²⁹⁸

No ano de 1904, Machado de Assis passaria a conviver com mais assiduidade os seus problemas de saúde, porém o que mais o abateria seria a morte de sua esposa, Carolina em 20 de outubro. Doravante a essas agruras, o bruxo do Cosme Velho lança no final de setembro pela B. L. Garnier o romance *Esau e Jacó*. Já na “advertência” o escritor ressalta que

Quando o conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem por algarismos romanos I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: Último.²⁹⁹

Ao atribuir a este romance, o título de *Último*, Machado acreditava realmente nessa prerrogativa. Convivendo com constantes ataques de epilepsia, o escritor carioca trouxe a luz um personagem instigante, o conselheiro Aires. Em vida, fora diplomata e deixara registrado na memória, as lembranças da carreira, da família, enfim de sua trajetória e desejava que fossem editadas³⁰⁰. Concretizado o seu ensejo, o conselheiro descreve com esmero a quizila dos gêmeos Pedro e Paulo.

Alegoricamente, esses irmãos remetem a narrativa bíblica da Genesis. Daí o título definitivo do livro, *Esau e Jacó*. Natividade, a mãe dos consanguíneos fora ao morro do Castelo no Rio de Janeiro consultar a cabloca, para saber o futuro de seus varões, que terão “cousas bonitas, cousas futuras”³⁰¹. O ano era 1871, mas os descendentes da família Santos vieram

²⁹⁸ RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondências: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio: 7 Letras, 2008, p.57.

²⁹⁹ ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

³⁰⁰ ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.9.

³⁰¹ *Ibidem*, p.15.

[...] no dia 7 de abril de 1870[...] que antes pareciam a sombra um do outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado. [...] Antes do parto, tinham combinado em dar o nome do pai ou da mãe, segundo fosse o sexo da criança. [...] Perpétua à missa, rezou o credo, advertiu nas palavras: ... os santos apóstolos São Pedro e São Paulo ...” e mal pode acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. Os pais concordaram com ela e a pendência acabou.³⁰²

A alegria ao receber os primogênitos ocasionou uma dúvida em relação aos nomes a serem dados aos filhos do casal Santos. A intenção primeira é que colocasse dependendo do sexo, a designação dos progenitores, porém a igualdade de gênero suscitou várias possibilidades. Somente após ir à missa, Perpétua, irmã de Natividade, teve um pressentimento e os nomes dos santos Pedro e Paulo foram atribuídos aos pequenos.

No decorrer do enredo, os meninos cresceram e as constantes brigas também. Adolescentes, Pedro torna-se adepto ao monarquismo e Paulo ao republicanismo. O primeiro estudara medicina, já o segundo forma-se advogado na famosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, berço da campanha pelo novo regime político.

A trama central do romance concentra-se no embate dos irmãos. Além das questões ideológicas, disputavam o amor da frágil Flora (filha do casal Batista), que no fim do romance falecera sem optar entre os dois ou talvez não optasse. Quanto à abolição da escravatura, os gêmeos alegres comemoraram, porém

A diferença única entre eles dizia respeito à significação da reforma, que para Pedro era um ato de justiça, e para Paulo era o início da revolução. Ele mesmo o disse, concluindo um discurso em São Paulo, do dia 20 de maio: “A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco”.³⁰³

A referência à república é nítida na fala de Paulo. Ele apostava que o império não conseguiria permanecer depois do 13 de maio. Dessa forma, para o personagem este acontecimento era o prenúncio da “revolução”, enquanto Pedro via um “ato de justiça” realizado pela princesa regente. Nesse sentido, Machado trata dos conflitos domésticos trazendo à análise as tensões sociais do Brasil oitocentista. A premissa não pode ser

³⁰² Ibidem, p.28.

³⁰³ ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.81.

configurada como reflexo dessa sociedade, todavia esse romance machadiano traz elementos que sobejassem os acontecimentos políticos dos anos de 1800.

Desse modo, o escritor carioca pontua que o projeto de modernidade e civilização, tópicos presentes nas concepções políticas e ideológicas ficaram adormecidos na prática. Isso se deve em grande parte ao domínio dos privilégios senhoriais, que obstruíam os direitos naturais do indivíduo. Ideia advinda da *Ilustração*, que conseguiu imbuir na *Inteligentisia* brasileira um argumento de pertencimento e de cidadania no país, que almejava um destaque no cenário da política internacional,

Quando a República é proclamada, novamente Pedro e Paulo discordam – o primeiro se entristece, o segundo comemora – e em seguida concordam: “Nenhum dormia. Enquanto o sono não chegava, iam pensando nos acontecimentos do dia, ambos espantados de como foram fáceis e rápidos”. Não houve ruptura nem revolução; apenas uma troca de nomes [...] ³⁰⁴.

Os sentimentos de euforia e descontentamento imiscuem-se com o espanto diante do novo quadro que se apresentava. O entusiasmo de Paulo era maior, embora colocasse a esperança no novo regime, titubeava em relação a mudança política. Por isso, a colocação que não “houve ruptura nem revolução: apenas troca de nomes”.

Após esse desdobramento político, os gêmeos tornam-se deputados (Paulo da situação e Pedro da oposição), prometem a mãe Natividade, que não brigariam jamais, porém o destino de ambos segue e analogia bíblica continua internacionalizando a disputa, que começou desde o ventre materno. Essa trama principal do romance é narrada pelo narrador-personagem conselheiro Aires. De olhar atento, mas com uma postura discreta ilustra com esmero o período descrito na obra (1870-1894). Nos capítulos 60 a 64, ele descreve o limiar da república, que será apresentado a seguir.

³⁰⁴ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, p. 345.

3.3 - A República rememorada no romance *Esau e Jacó*.

Procuramos apresentar a partir da ligação entre história, memória e literatura as possibilidades de reconstrução de um passado, a partir do romance *Esau e Jacó* de Machado de Assis. Neste, nos capítulos 60 a 64, o autor narra o advento da República no Brasil (1889) por meio da ação do narrador-personagem da trama, Conselheiro Aires que se vê imbuído de dúvida no que se relacionava à transformação política. Por que Machado de Assis tratou o começo da república em sua obra quinze anos depois (1904)? O que ele pretendia ao trazer essa memória da mudança de regime político?

A memória, que muitas vezes permanece oculta ou adormecida nos estampidos da história, ressurgiu com a perspectiva de desvendar o não dito e visa, sobretudo, o local onde se quer registrar. Na obra *Ruídos da Memória* de Marina Maluf há uma preocupação em descortinar as lembranças de um passado cheio de rumores. A trama centra-se na trajetória de duas personagens: Floriza e Baliza, que diante de seus conflitos pessoais se veem inseridas num enquadramento social também conturbado.

Dessa forma, ao procurarem evocar as suas memórias e procurar promover um ajuste nelas, as protagonistas da obra apregoaram que há dois tempos: um “eu” do passado desajustado e um “eu” do presente angustiado e ansioso, que deseja tecer outra história daquela memória entranhada de situações mal resolvidas.

De que maneira essas invocações podem interferir e/ou solucionar um acontecimento? No romance *Esau e Jacó* de Machado de Assis há uma passagem nos capítulos 60 a 64 em que o narrador-personagem Conselheiro Aires procura compreender o que estava ocorrendo naquela manhã, pois [...] era costume Aires sair [cedo] e [esporecer]. Nem sempre acertava. Desta vez foi ao Passeio Público. Chegou às sete horas e meia... Notou que a pouca gente havia ali [...] ³⁰⁵.

A sensação de estranhamento toma conta de Aires, por que naquela manhã a rotina vivenciada por ele não estava presente. Procurando saber o que estava acontecendo [...] *ouviu umas palavras soltas, Deodoro, batalhões, campo, ministério, etc.* ³⁰⁶ Diante das incertezas dos comentários, mas ciente de que houve mesmo uma mudança na instituição política do Brasil, Aires retorna a sua casa e lê o filósofo grego Xenofonte (431-350) e constata que,

³⁰⁵ ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.132.

³⁰⁶ *Ibidem*, p.132.

[...] a conclusão do autor, em prol da tese de que o homem é difícil de governar; mas logo depois a pessoa de Ciro destrói aquela conclusão, mostrando um só homem que regeu milhões de outros, os quais não só o temiam, mas ainda lutavam por lhe fazer as vontades.³⁰⁷

Ao fazer alusão ao texto clássico, Aires averigua que a modificação de regime político não seria a “solução” ajustada para conduzir a nação brasileira. Não era preciso uma força civil ou militar para empreender alterações positivas para o país, bastaria para governar somente um homem.

Observa-se a partir desses excertos, que o escritor brasileiro Machado de Assis procurava conferir em suas obras elementos históricos e políticos. A preocupação em trazer para 1904 a discussão da proclamação da república remonta a sua personalidade de literato inquieto perante as questões nacionais.

Nesse sentido, ao apregoar o advento da república no romance *Esau e Jacó*, Machado de Assis não teve a pretensão de expor a sua predileção política (monarquista ou republicano). O que o autor deixa subentendido é até que ponto a república significou um rompimento com os privilégios senhoriais? Nesta próxima passagem é apresentada mais uma alegoria arquitetada pelo autor sobre esta questão:

Na véspera tendo de ir abaixo, Custódio foi à Rua da Assembléia onde se pintava a tabuleta. Era já tarde; o pintor suspendera o trabalho. Só algumas das letras ficaram pintadas--- a palavra Confeitaria e a letra d. A letra o e a palavra Império estavam só debuxadas a giz. Gostou da tinta e da cor, reconciliou-se com a reforma, e apenas perdoou a despesa [...] ³⁰⁸. Grifos nossos.

Nota-se nesses fragmentos que a atitude do personagem Custódio em relação à reforma da tabuleta de sua confeitaria encerra uma analogia sobre o ocaso da Casa de Bragança em 1889. O reparo não foi concluído e a pintura parou na letra *d*. Subentende-se dessa forma, que houve apenas uma reforma parcial e não uma revolução por completo na instituição política brasileira.

O “bruxo do Cosme Velho” insere neste momento uma análise à memória tida como oficial, pois ao questionar a validade daquele evento, Machado procura descortinar as *verdades* sobre a mudança de regime político e desconstrói a tida história

³⁰⁷ Ibidem, p.133.

³⁰⁸ ASSIS, J. M. Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.136.

oficial, que para o historiador francês Jacques Le Goff esta ideia advém possivelmente da celebração da revolução francesa ocorrida no final do século XVIII.³⁰⁹

Ao apresentar o lugar da memória nos estudos das ciências humanas, Le Goff no ensaio homônimo ao título do livro *História e Memória*, procura trazer um panorama do emprego desta faculdade nas diversas sociedades. O historiador francês procura alertar sobre os usos e abusos de uma linearidade da memória nas sociedades cujos interesses de grupos dominantes sobrepunham ao coletivo.³¹⁰

Durante um bom tempo e principalmente no século XIX, a historiografia esteve aliada à memória oficial, ressaltava os nacionalismos e principalmente os feitos dos “heróis”. No limiar dos novecentos, surgem vários movimentos que contestam essa metodologia. A escola dos Annales na França em 1929 e a escola inglesa marxista em meados dos anos 1900 são exemplos. Em ambas vê-se a crítica ao historicismo e as pesquisas sobre memória e biografia.

A quebra desses paradigmas processa-se a partir da década de 1970 em que a chamada “*virada linguística*” impôs-se a *guinada subjetiva*³¹¹. Para a crítica literária argentina, Beatriz Sarlo, foi a partir deste advento que o interesse por diários, cartas e outros artigos pessoais ganharam nas ciências humanas um atenção maior. O intento era problematizar “os discursos da memória”, e apregoar outra história.

Nesse sentido, Machado de Assis, ao abordar o tema da república no romance *Esaú e Jacó*, procurou questionar os desdobramentos de uma instituição que prometia aos cidadãos a “coisa pública”, e que assegurava o término das desigualdades sociais, porém transparecia que era apenas uma reformulação. Dessa forma, ao trazer de volta à memória social a mudança de regime político, Machado buscou não somente tecer uma crítica à nova instituição política, mas procurou instigar com o leitor uma nova interpretação daquele acontecimento ainda presente no imaginário da sociedade brasileira.

³⁰⁹ LE GOFF, Jacques. Memória. *História e Memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1994, p. 462.

³¹⁰ LE GOFF, Jacques. Memória. *História e Memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1994, p. 476.

³¹¹ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras/EDUFMG, 2007, p.18.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E se ignorarmos o presente, que dizer do passado?

___ Mas a História?

O professor Benson sorriu meigamente um sorriso de Jesus.

___ A História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a escrever. Mas que tem o passado a História? Toma dele os fatos e personagens e os vai estilizando ao sabor da imaginação artística dos historiadores. Só isso.³¹²

O escritor de seu tempo e de seu país. Nas obras de Machado de Assis analisamos que o literato pontuou os acontecimentos políticos e sociais do Brasil do século XIX. Nas crônicas *Bons dias!* o narrador Policarpo trata o leitor simultaneamente de forma cortês e hostil, tece comentários sobre o fato “mais comezinho” ao mais sério. Nesse ínterim, debate a temática da república, precisamente nas crônicas dos dias 27 de maio de 1888 e 29 de junho de 1889 em que o tópico do federalismo é abordado com mais ênfase.

No enredo do romance *Esaú e Jacó* (1904), há também elementos que possibilitam a interpretação da narrativa pelo viés histórico. Não nos interessou tratar o livro na totalidade, mas examinar os capítulos 60 a 64 em que o narrador-personagem Conselheiro Aires buscou compreender os reflexos da proclamação da república.

Ao tratarmos dessas obras, observamos que Machado de Assis não buscou instituir uma defesa de uma ideologia política sobre outra. O seu propósito reside na instigação ao leitor sobre aqueles fatos. Dessa forma, a sua escrita caminha para um raciocínio crítico, irônico e pilhérico sobre a sociedade brasileira dos oitocentos. O ceticismo do autor que muitos atribuem às leituras de filósofos melancólicos transubstancia a condição humana.

O menino que adveio de uma origem simples, a lacuna sobre a sua verdadeira instrução intelectual, muitas vezes passa despercebido, quando se menciona Machado de Assis. Acusado pelo movimento modernista “de ter virado as costas para o país nas questões sociais”, Machado conviveu com duras críticas sobre o seu estilo de escrever, sobretudo nos romances. Silvio Romero (1851-1914) crítico ensaísta reduziu muito as obras de Machado. Para ele, o bruxo do Cosme Velho não tratou a “cor local” com especificidade e fez da sua escrita, uma concepção universal e distante da realidade social.

³¹² LOBATO, Monteiro. *A onda verde e o presidente Negro*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.166-167.

Essa “camisa de força” que preconiza a incorporação de questões nacionais ao que é “local” fez com que Machado, crítico literário redigisse ensaios sobre essa questão. Um deles “Notícia Atual da literatura brasileira- Instinto de nacionalidade” (1873) coloca em análise os gêneros literários brasileiros. Neste texto, Machado reconhece que há avanços em alguns aspectos da literatura brasileira, porém ainda faltava principalmente no romance, uma análise social e psíquica com mais veemência.

Nesse sentido, o escritor carioca buscou nas suas produções problematizar essas matrizes sem incorrer no erro das generalizações da sociedade carioca. Desse modo, essas premissas vão incorporar a postura do narrador machadiano. Esse é motivo de debate entre críticos literários. Uns apontam que a experiência de Machado de Assis nos jornais e revistas e principalmente na escrita das crônicas, serviu de “laboratório” para a construção do narrador machadiano, outros atribuem que é um erro estabelecer essa “ponte”.

Destarte a esses pormenores, o que prevalece são as urdiduras tecidas pelo literato na composição de suas obras. Nestas que selecionamos (crônicas *Bons dias!* e o romance *Esau e Jacó*) há elementos que comprovam a defesa do escritor por uma literatura comprometida com a reflexão ao leitor. Doravante, o comportamento dos narradores-personagens (Policarpo e conselheiro Aires) é de incertezas sobre os tateamentos da cena política brasileira oitocentista.

Segundo a historiografia recente que vem debatendo sobre o desconhecimento da população sobre o regime republicano há pontuações pertinentes que devem ser consideradas. Existia no final do século XIX uma mentalidade de modernidade, de civilização e de progresso. Tais peculiaridades seriam inscritas com a realização das reformas, que a monarquia brasileira e sua morosidade não concretizaram (exceção à abolição da escravatura) embora houvesse carisma entre os membros da realeza (D. Pedro I e Princesa Isabel) estes não conseguiram permanecer perante as “novas ideias”, que estavam ganhando força. Nesse sentido, ao trazer estes dois personagens para o debate da mudança de regime político, Machado buscou pôr em dúvida não a promulgação da república, mas se esse novo regime político mudaria os jogos e as tramas dos grupos dominantes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F; MEIHY, J. C. B; Vasconcelos, S.G.T. (Org). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

ANTUNES, Cristina. *O editor Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. Disponível em: <
<http://www.brasiliana.usp.br/node/780>> . Acesso em 06 ago. de 2011.

ASSIS, J. M. Machado de. *Bons Dias!* Introdução e notas de John Gledson. Campinas: Edunicamp 2008.

_____. *Esau e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

_____. *Memorial de Aires* Nova Cultural: São Paulo, 2003.

_____. Notícia atual da literatura brasileira – Instituto de nacionalidade. *Obras completas de Machado de Assis* – crítica literária. São Paulo: Brasileira, 1959.

_____. *Aquarelas*. Disponível em [http: << www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr15.pdf](http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr15.pdf). >> Acesso em 23 mar. 2012.

_____. O jornal e o livro. Disponível em [http: << www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr13.pdf](http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr13.pdf). >> Acesso em 23 mar. 2012.

_____. A reforma pelo jornal. Disponível em [http: << www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr14.pdf](http://www.machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr14.pdf). >> Acesso em 23 mar. 2012.

BAPTISTA, Abel Barros. *A Formação do nome*. Duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas*. Vol1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BETELLA, Gabriela k. *Bons Dias!* : O funcionamento preciso da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

_____. *Narradores de Machado de Assis: a seriedade enganosa dos cadernos do conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons Dias! e A semana)*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

BOSI, Alfredo. *Folha explica: Machado de Assis*. São Paulo: Publifolha, 2002.

BRITO, Luiz F. G. *Da rua do Ouvidor ao 15 de novembro: cotidiano e representações da cena carioca em Esaú e Jacó de Machado de Assis (finais do Império e primórdios da República)*. Dissertação (Mestrado em História) Brasília: UNB, 1998, 102f.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

CAMILOTTI, Virgínia Célia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e desenvolvimento: educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, v.2, 1993.

CÂNDIDO, Antônio et al. *Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações o Brasil*. Campinas: EDUNICAMP/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARONE, Edgar. *A primeira república (1889 – 1930)*. Texto e contexto. São Paulo: Difel, 1969.

CARVALHO, José M. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. *A construção da ordem: teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, M. e; PEREIRA L.de. (Orgs.) *História em cousas miúdas: capítulos da história social da crônica no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiço e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. *A história contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / B. Brasil, 1990.

_____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: EUFRS, 2002.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder*. Rio de Janeiro: Globo, 1958.

_____. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriciado rural e desenvolvimento urbano*. v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

_____. *Ordem e Progresso* 6^a ed.rev. São Paulo: Global, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. *Relações de força – história, retórica, prova*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia de Bolso, 2006.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras/FAPESP, 2000.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis cronista: primeiros anos. SÜSSEKIND, Flora e DIAS, Tânia (Orgs.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita: Do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004, p.595-608.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004.

LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

_____. *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LIMA, Luiz Costa. *História – Ficção – Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Machado de Assis: a crônica e a história. Brasília: TV Senado, 2008, 1 Doc. (60 min.), son., color. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/tv> .> Acesso em 22 set.2010.

MAGALHÃES, D. J. Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil (1836). *Niteroy: Revista Brasiliense: Ciências, letras e artes*, Paris, Tomo I, vol. 1, 1836.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Machado de Assis*. Desconhecido. São Paulo: Civilização Brasileira, 1971.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual; prólogo de Antônio Candido; posfácio Paulo Rónai; Trad. Marco Aurélio de M. Matos, 2ª ed. revista*, São Paulo: EDUNESP, 2009.

MATTOS, I. Rohloff de. Do império à república. *Estudos históricos*. v. 2, n.4. Rio de Janeiro, 1989.

_____. *O tempo saquarema: a formação do estado imperial*. Rio de Janeiro: ACESS, 1994.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e autoimagem do segundo reinado. ALENCASTRO, L.F. de. (Org) *História da vida privada no Brasil*. v.2. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MELLO, Maria T. Chaves de. *A república Consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: FGV/Edur, 2007.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999a.

_____. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999b.

NUNES, Radamés Vieira. Pena na mão, olhos na rua, cidade (s) nas folhas: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac (1900-1920). *Emblemas*. Dossiê-História, historiografia literária. Catalão: UFG, 2009, p.43-56.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco J. de. *O ocaso do império*. Prefácio Walter Costa Porto [1925]. 4 ed. Recife: Massangana, 1990.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008

POCOCK, J.G.A. *Linguagens do ideário político*. (Clássicos 25) Tradução Fábio Fernandez. São Paulo: EDUSP, 2003.

REMOUND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV / UFRJ, 1996.

ROCHA, João Cezar de Castro (org). *À roda de Machado de Assis*. Ficção, crônica e crítica. Chapecó: Argos, 2006.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n.30, 1995, p. 9-22.

SANTOS, Regma Maria. *Memórias de um Plumitivo: Impressões cotidianas de Lycido Paes*. Uberlândia: ASPPECTUS/FUNAPE, 2005.

SCHWARZ, Roberto *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

_____. As ideias fora do lugar. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34,5ª edição, 2008, p.11-31.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da *Machado de Assis. Crítico da Imprensa: o jornal entre palmas e piparotes*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) Belo Horizonte: UFMG, 2005.

SILVEIRA, Cristiane. *O alvorecer da república sob o olhar interpretativo de Lima Barreto*. Uberlândia, 2004. Dissertação (Mestrado em História). UFU, 2004.

SOARES, Ivanete Bernardino. *A dimensão discursiva e estratégica das crônicas Bons dias!*, de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em Linguística – Análise do Discurso) Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SÜSSEKIND, M. Flora. *Tal Brasil, qual romance?* uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ANEXOS:

CAPÍTULOS DE *ESAÚ E JACÓ*

CAPÍTULO LX / MANHÃ DE 15

Quando lhe acontecia o que ficou contado, era costume de Aires sair cedo, a espairecer. Nem sempre acertava. Desta vez foi ao Passeio Público. Chegou às sete horas e meia, entrou, subiu ao terraço e olhou para o mar. O mar estava crespo. Aires começou a passear ao longo do terraço, ouvindo as ondas, e chegando-se à borda, de quando em quando, para vê-las bater e recuar. Gostava delas assim; achava-lhes uma espécie de alma forte, que as movia para meter medo a terra. A água, enroscando-se em si mesma, dava-lhe uma sensação, mais que de vida, de pessoa também, a que não faltavam nervos nem músculos, nem a voz que bradava as suas cóleras.

Enfim, cansou e desceu, foi-se ao lago, ao arvoredado, e passou à toa, revivendo homens e coisas, até que se sentou em um banco. Notou que a pouca gente que havia ali não estava sentada, como de costume, olhando à toa, lendo gazetas ou cochilando a vigília de uma noite sem cama. Estava de pé, falando entre si, e a outra que entrava ia pegando na conversação sem conhecer os interlocutores; assim lhe pareceu, ao menos. Ouviu umas palavras soltas, *Deodoro, batalhões, campo, ministério*, etc. Algumas, ditas em tom alto, vinham acaso para ele a ver se lhe espertavam a curiosidade, e se obtinham mais uma orelha às notícias. Não juro que assim fosse, porque o dia vai longe, e as pessoas não eram conhecidas. O próprio Aires, se tal coisa suspeitou, não a disse a ninguém; também não afiou o ouvido para alcançar o resto. Ao contrário, lembrando-lhe algo particular, escreveu a lápis uma nota na carteira. Tanto bastou para que os curiosos se dispersassem, não sem algum epíteto de louvor, uns ao governo, outros ao exército: podia ser amigo de um ou de outro.

Quando Aires saiu do Passeio Público, suspeitava alguma coisa, e seguiu até o Largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente parada, caras espantadas, vultos que arrepiavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na Rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas. Voltou ao largo, onde três tálburis o disputaram; ele entrou no que lhe ficou mais à mão, e mandou tocar para o Catete. Não perguntou nada

ao cocheiro; este é que lhe disse tudo e o resto. Falou de uma revolução, de dois ministros mortos, um fugido, os demais presos. O imperador, capturado em Petrópolis, vinha descendo a serra. Aires olhava para o cocheiro, cuja palavra saía deliciosa de novidade. Não lhe era desconhecida esta criatura. Já a vira, sem o tálburi, na rua ou na sala, à missa ou a bordo, nem sempre homem, alguma vez mulher, vestida de seda ou de chita. Quis saber mais, mostrou-se interessado e curioso, e acabou perguntando se realmente houvera o que dizia.

O cocheiro contou que ouvira tudo a um homem que trouxera da Rua dos Inválidos e levara ao Largo da Glória, por sinal que estava assombrado, não podia falar, pedia-lhe que corresse, que lhe pagaria o dobro; e pagou.

— Talvez fosse algum implicado no barulho, sugeriu Aires.

— Também pode ser, porque ele levava o chapéu derrubado, e a princípio pensei que tinha sangue nos dedos, mas reparei e vi que era barro; com certeza, vinha de descer algum muro. Mas, pensando bem, creio que era sangue; barro não tem aquela cor. A verdade é que ele pagou o dobro da viagem, e com razão, porque a cidade não está segura, e a gente corre grande risco levando pessoas de um lado para outro...

Chegavam justamente à porta de Aires; este mandou parar o veículo, pagou pela tabela e desceu. Subindo a escada, ia naturalmente pensando nos acontecimentos possíveis. No alto achou o criado que sabia tudo, e lhe perguntou se era certo...

— O que é que não é certo, José? É mais que certo.

— Que mataram três ministros?

— Não; há só um ferido.

— Eu ouvi que mais gente também, falaram em dez mortos...

— A morte é um fenômeno igual à vida; talvez os mortos vivam. Em todo caso, não lhes rezes por almas, porque não és bom católico, José.

CAPÍTULO LXI / LENDO XENOFONTE

Como é que, tendo ouvido falar da morte de dois e três ministros, Aires afirmou apenas o ferimento de um, ao retificar a notícia do criado? Só se pode explicar de dois modos, — ou por um nobre sentimento de piedade, ou pela opinião de que toda a notícia pública cresce de dois terços, ao menos. Qualquer que fosse a causa, a versão do

ferimento era a única verdadeira. Pouco depois passava pela Rua do Catete a padiola que levava um ministro, ferido. Sabendo que os outros estavam vivos e sãos e o imperador era esperado de Petrópolis, não acreditou na mudança de regímen que ouvira ao cocheiro de tálburi e ao criado José. Reduziu tudo a um movimento que ia acabar com a simples mudança de pessoal.

— Temos gabinete novo, disse consigo.

Almoçou tranquilo, lendo Xenofonte: "Considerava eu um dia quantas repúblicas têm sido derribadas por cidadãos que desejam outra espécie de governo, e quantas monarquias e oligarquias são destruídas pela sublevação dos povos; e de quantos sobem ao poder uns são depressa derribados, outros, se duram, são admirados por hábeis e felizes..." Sabes a conclusão do autor, em prol da tese de que o homem é difícil de governar; mas logo depois a pessoa de Ciro destrói aquela conclusão, mostrando um só homem que regeu milhões de outros, os quais não só o temiam, mas ainda lutavam por lhe fazer as vontades.

Tudo isto em grego, e com tal pausa que ele chegou ao fim do almoço, sem chegar ao fim do primeiro capítulo.

CAPÍTULO LXII / "PARE NO D."

— Mas, S. Ex^a está almoçando, dizia o criado no patamar da escada a alguém que pedia para falar ao conselheiro.

Era falso, Aires acabava justamente de almoçar; mas o criado sabia que o amo gostava de saborear o charuto depois do almoço, sem interrupção. Agora estava no canapé e ouviu o diálogo do patamar. A pessoa insistia em dizer uma palavrinha.

— Não pode ser.

— Bem, eu espero; logo que S. Ex^a acabe...

— O melhor é voltar depois; não mora ali defronte? Pois volte daqui à uma hora ou duas...

A pessoa era o Custódio e foi para casa, mas o velho diplomata, sabendo quem era, não esperou que acabasse o charuto; mandou-lhe dizer que viesse. Custódio saiu, correu; subiu e entrou assombrado.

— Que é isso, Sr. Custódio? Disse-lhe Aires. O senhor anda a fazer revoluções?

— Eu, senhor? Ah! Senhor! Se V. Ex^a soubesse...

— Se soubesse o quê?

Custódio explicou-se. Vá, resumamos a explicação.

Na véspera, tendo de ir abaixo, Custódio foi à Rua da Assembléia, onde se pintava a tabuleta. Era já tarde; o pintor suspendera o trabalho. Só algumas das letras ficaram pintadas, — a palavra *Confeitaria* e a letra *d*. A letra *o* e a palavra *Império* estavam só debuxadas a giz. Gostou da tinta e da cor, reconciliou-se com a forma, e apenas perdoou a despesa. Recomendou pressa. Queria inaugurar a tabuleta no domingo.

Ao acordar de manhã não soube logo do que houvera na cidade, mas pouco a pouco vieram vindo as notícias, viu passar um batalhão, e creu que lhe diziam a verdade os que afirmavam a revolução e vagamente a república. A princípio, no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta. Quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura.

Escreveu às pressas um bilhete e mandou um caixeiro ao pintor. O bilhete dizia só isto: "Pare no D." Com efeito, não era preciso pintar o resto, que seria perdido, nem perder o princípio, que podia valer. Sempre haveria palavra que ocupasse o lugar das letras restantes. "Pare no D."

Quando o portador voltou trouxe a notícia de que a tabuleta estava pronta.

— Você viu-a pronta?

— Vi, patrão.

— Tinha escrito o nome antigo?

— Tinha, sim, senhor: "Confeitaria do Império."

Custódio enfiou um casaco de alpaca e voou à Rua da Assembléia. Lá estava a tabuleta, por sinal que coberta com um pedaço de chita; alguns rapazes que a tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la; o pintor, depois de a defender com boas palavras, achou mais eficaz cobri-la. Levantada a cortina, Custódio leu: "Confeitaria do Império." Era o nome antigo, o próprio, o célebre, mas era a destruição agora; não podia conservar um dia a tabuleta, ainda que fosse em beco escuro, quanto mais na Rua do Catete...

— O senhor vai despintar tudo isto, disse ele.

— Não entendo. Quer dizer que o senhor paga primeiro a despesa. Depois, pinto outra coisa.

— Mas que perde o senhor em substituir a última palavra por outra? A primeira pode ficar, e mesmo o d... Não leu o meu bilhete?

— Chegou tarde.

— E por que pintou, depois de tão graves acontecimentos?

— O senhor tinha pressa, e eu acordei às cinco e meia para servi-lo. Quando me deram as notícias, a tabuleta estava pronta. Não me disse que queria pendurá-la domingo? Tive de pôr muito secante na tinta, e além da tinta, gastei tempo e trabalho.

Custódio quis repudiar a obra, mas o pintor ameaçou de pôr o número da confeitaria e o nome do dono na tabuleta, e expô-la assim, para que os revolucionários lhe fossem quebrar as vidraças do Catete. Não teve remédio senão capitular. Que esperasse: ia pensar na substituição; em todo caso, pedia algum abate no preço. Alcançou a promessa do abate e voltou a casa. Em caminho, pensou no que perdia mudando de título, — uma casa tão conhecida, desde anos e anos! Diabos levassem a revolução! Que nome lhe poria agora?

Nisso lembrou-lhe o vizinho Aires e correu a ouvi-lo.

CAPÍTULO LXIII / TABULETA NOVA

Referi-lo o que lá fica atrás, Custódio confessou tudo o que perdia no título e na despesa, o mal que lhe trazia a conservação do nome da casa, a impossibilidade de achar outro, um abismo, um suma. Não sabia que buscasse; faltava-lhe invenção e paz de espírito. Se pudesse, liquidava a confeitaria. E afinal que tinha ele com política? Era um simples fabricante e vendedor de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública...

— Mas o que é que há? Perguntou Aires.

— A república está proclamada.

— Já há governo?

— Penso que já; mas diga-me V. Ex^a: ouviu alguém acusar-me jamais de atacar o governo? Ninguém. Entretanto... Uma fatalidade! Venha em meu socorro.

Excelentíssimo. Ajude-me a sair deste embaraço. A tabuleta está pronta, o nome todo pintado. — "Confeitaria do Império", a tinta é viva e bonita. O pintor teima em que lhe pague o trabalho, para então fazer outro. Eu, se a obra não estivesse acabada, mudava de título, por mais que me custasse, mas hei de perder o dinheiro que gastei? V. Ex^a crê que, se ficar "Império", venham quebrar-me as vidraças?

— Isso não sei.

— Realmente, não há motivo, é o nome da casa, nome de trinta anos, ninguém a conhece de outro modo.

— Mas pode pôr "Confeitaria da República"...

— Lembrou-me isso, em caminho, mas também me lembrou que, se daqui a um ou dois meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje, e perco outra vez o dinheiro.

— Tem razão... Sente-se.

— Estou bem.

— Sente-se e fume um charuto.

Custódio recusou o charuto, não fumava. Aceitou a cadeira. Estava no gabinete de trabalho, em que algumas curiosidades lhe chamariam a atenção, se não fosse o atordoamento do espírito. Continuou a implorar o socorro do vizinho. S. Ex^a, com a grande inteligência que Deus lhe dera, podia salvá-lo. Aires propôs-lhe um meio-termo, um título que iria com ambas as hipóteses, — "Confeitaria do Governo."

— Tanto serve para um regímen como para outro.

— Não digo que não, e, a não ser a despesa perdida... Há porém, uma razão contra. V. Ex^a sabe que nenhum governo deixa de ter oposição. As oposições, quando descerem à rua, podem implicar comigo, imaginar que as desafio, e quebrarem-me a tabuleta; entretanto, o que eu procuro é o respeito de todos.

Aires compreendeu bem que o terror ia com a avareza. Certo, o vizinho não queria barulhos à porta, nem malquerenças gratuitas, nem ódios de quem quer que fosse; mas, não o afligia menos a despesa que teria de fazer de quando em quando, se não achasse um título definitivo, popular e imparcial. Perdendo o que tinha, já perdia a celebridade, além de perder a pintura e pagar mais dinheiro. Ninguém lhe compraria uma tabuleta condenada. Já era muito ter o nome e o título no Almanaque de *Laemmert*, onde podia lê-lo algum abelhudo e ir com outros, puni-lo do que estava impresso desde o princípio do ano...

— Isso não, interrompeu Aires; o senhor não há de recolher a edição de um almanaque.

E depois de alguns instantes:

— Olhe, dou-lhe uma idéia. que pode ser aproveitada, e, se não a achar boa, tenho outra à mão; e será a última. Mas eu creio que qualquer delas serve. Deixe a tabuleta pintada como está, e à direita, na ponta, por baixo do título, mande escrever estas palavras que explicam o título: "Fundada em 1860." Não foi em 1860 que abriu a casa?

— Foi, respondeu Custódio.

— Pois...

Custódio refletia. Não se lhe podia ler *sim* nem *não*; atônito, a boca entreaberta, não olhava para o diplomata, nem para o chão nem para as paredes ou móveis, mas para o ar.

Como Aires insistisse, ele acordou a confessou que a idéia era boa. Realmente, mantinha o título e tirava-lhe o sedicioso, que crescia com o fresco da pintura. Entretanto, a outra idéia podia ser igual, ou melhor, e quisera comparar as duas.

— A outra ideia não tem a vantagem de pôr a data à fundação da casa, tem só a de definir o título, que fica sendo o mesmo, de uma maneira alheia ao regímen. Deixe-lhe estar a palavra império e acrescente-lhe embaixo, ao centro, estas duas, que não precisam ser graúdas: *das leis*. Olhe, assim, concluiu Aires, sentando-se à secretária, e escrevendo em uma tira de papel o que dizia.

Custódio leu, releu e achou que a idéia era útil; sim, não lhe parecia má. Só lhe viu um defeito; sendo as letras de baixo menores; podiam não ser lidas tão depressa e claramente com as de cima, e estas é que se meteriam pelos olhos ao que passasse. Daí a que algum político ou sequer inimigo pessoal não entendesse logo, e... A primeira ideia, bem considerada, tinha o mesmo mal, e ainda este outro: pareceria que o confeitiro, marcando a data da fundação, fazia timbre em ser antigo. Quem sabe se não era pior que nada?

— Tudo é pior que nada.

— Procuremos.

Aires achou outro título, o nome da rua, "Confeitaria do Catete." sem advertir que, havendo outra confeitaria na mesma rua, era atribuir exclusivamente à do Custódio a designação local. Quando o vizinho lhe fez tal ponderação, Aires achou-a justa, e gostou de ver a delicadeza de sentimentos do homem; mas logo depois descobriu que o que fez falar o Custódio foi a idéia de que esse título ficava comum às duas casas. Muita gente não atinaria com o título escrito e compraria na primeira que lhe ficasse à mão, de maneira que só ele faria as despesas das pinturas e ainda por cima perdia a freguesia. Ao perceber isto, Aires não admirou menos a sagacidade de um homem que em meio de tantas tribulações; contava os maus frutos de um equívoco. Disse-lhe então que o melhor seria pagar a despesa feita e não pôr nada, a não ser que preferisse o seu próprio nome: "Confeitaria do Custódio". Muita gente certamente lhe não conhecia a casa por outra designação. Um nome; o próprio nome do dono, não tinha significação política ou figuração história, ódio nem amor, nada que chamasse a atenção dos dois regimens, e

consequentemente que pusesse em perigo os seus pastéis de Santa Clara; menos ainda a vida do proprietário e dos empregados. Por que é que não adotava esse alvitre? Gastava alguma coisa com a troca de uma palavra por outra, *Custódio* em vez de *Império*, mas as revoluções trazem sempre despesas.

— Sim vou pensar, Excelentíssimo. Talvez convenha esperar um ou dois dias, a ver em que param as modas, disse Custódio agradecendo.

Curvou-se, recuou e saiu. Aires foi à janela para vê-lo atravessar a rua. Imaginou que ele levaria da casa do ministro aposentado um ilustre particular que faria esquecer por instantes a crise da tabuleta. Nem tudo são despesas na vida, e a glória das relações podia amaciar as agruras deste mundo. Não acertou desta vez. Custódio atravessou a rua, sem parar nem olhar para trás, e enfiou pela confeitaria dentro com todo o seu desespero.

CAPÍTULO LXIV / PAZ!

Que, em meio de tão graves sucessos, Aires tivesse bastante pausa e clareza para imaginar tal descoberta no vizinho, só se pode explicar pela incredulidade com que recebera as notícias. A própria aflição de Custódio não lhe dera fé. Vira nascer e morrer muito boato falso. Uma de suas máximas é que o homem vive para espalhar a primeira invenção de rua, e que tudo se fará crer a cem pessoas juntas ou separadas. Só às duas horas da tarde, quando Santos lhe entrou em casa, acreditou na queda do império.

— É verdade, conselheiro, vi descer as tropas pela Rua do Ouvidor, ouvi as aclamações à república. As lojas estão fechadas, os bancos também, e o pior é se se não abrem mais, se vamos cair na desordem pública; é uma calamidade.

Aires quis aquietar-lhe o coração. Nada se mudaria; o regímen, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele. Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis. No sábado, ou quando muito na segunda-feira, tudo voltaria ao que era na véspera, menos a constituição.

— Não sei, tenho medo, conselheiro.

— Não tenha medo. A baronesa já sabe o que há?

— Quando eu saí de casa, não sabia, mas agora é provável.

— Pois vá tranquilizá-la; naturalmente está aflita.

Santos receava os fuzilamentos; por exemplo, se fuzilassem o imperador, e com ele as pessoas de sociedade? Recordou que o Terror... Aires tirou-lhe o Terror da cabeça. As ocasiões fazem as revoluções, disse ele, sem intenção de rimar, mas gostou que rimasse, para dar forma fixa à idéia. Depois lembrou a índole branda do povo. O povo mudaria de governo, sem tocar nas pessoas. Haveria lances de generosidade. Para provar o que dizia referiu um caso que lhe contara um velho amigo, o Marechal Beaurepaire Rohan. Era no tempo da Regência. O imperador fora ao Teatro de S. Pedro de Alcântara. No fim do espetáculo, o amigo, então moço, ouviu grande rumor do lado da Igreja de S. Francisco, e correu a saber o que era. Falou a um homem, que bradava indignado, e soube dele que o cocheiro do imperador não tirara o chapéu no momento em que este chegara à porta para entrar no coche; o homem acrescentou: "Eu sou *ré*..." Naquele tempo os republicanos por brevidade eram assim chamados. "Eu sou *ré*, mas não consinto que faltem ao respeito a este menino!"

Nenhuma feição de Santos mostrou apreciar ou entender aquele rasgo anônimo. Ao contrário, todo ele parecia entregue ao presente, ao momento, ao comércio fechado, aos bancos sem operações, ao receio de uma suspensão total de negócios, durante prazo indeterminado. Cruzava e descruzava as pernas. Afinal ergueu-se e suspirou.

— Então, parece-lhe?...

— Que descanse.

Santos aceitou o conselho, mas vai muito do aceitar ao cumprir, e a aparência era mui diversa do coração. O coração batia-lhe. A cabeça via esboroar-se tudo. Quis despedir-se, mas fez duas ou três investidas antes de pousar o pé fora do gabinete e caminhar para a escada. Instava pela certeza. Conquanto tivesse visto e ouvido a república, podia ser... Em todo caso, a paz é que era necessária, e haveria paz? Aires inclinava-se a crer que sim, e novamente o convidou a descansar.

— Até logo, concluiu.

— Por que não vai lá jantar conosco?

— Tenho de jantar com um amigo, no Hotel dos Estrangeiros. Depois, talvez, ou amanhã.

Vá, vá tranquilizar a baronesa, e os rapazes. Os rapazes estarão em paz? Esses brigam, com certeza; vá pô-los em ordem.

— O senhor podia ajudar-me nisso. Vá lá de noite.

— Pode ser; se puder, vou. Amanhã com certeza.

Santos saiu; tinha o carro à espera, entrou e seguiu para Botafogo. Não levava a paz consigo, não a poderia dar à mulher, nem à cunhada, nem aos filhos. Quisera chegar a casa, por medo da rua, mas quisera também ficar na rua, por não saber que palavras nem que conselhos daria aos seus. O espaço do carro era pequeno e bastante para um homem; mas, enfim, não viveria ali a tarde inteira. Ao demais, a rua estava quieta. Via gente à porta das lojas. No Largo do Machado viu outra que ria, alguma calada, havia espanto, mas não havia propriamente susto.

27 de maio de 1888

BONS DIAS!

Cumpre não perder de vista o meteorólito de Bendegó.¹ Enquanto toda a nação bailava e cantava, delirante de prazer pela grande lei da abolição, o meteorólito de Bendegó vinha andando, vagaroso, silencioso e científico, ao lado do Carvalho.

— Carvalho, dizia ele provavelmente ao companheiro de jornada, que rumores são estes* ao longe?

E ouvindo a explicação, não retorquira nada, e pode ser até que sorrisse, pois é natural que nas regiões donde veio, tivesse testemunhado muitos cativeiros e muitas abolições. Quem sabe lá o que vai pelos vastos intermúndios de Epicuro e seus arrabaldes?²

Vinha andando, vagaroso, silencioso, científico, ao lado do Carvalho.

— Carvalho, perguntou ainda, falta muito para chegar ao Rio de Janeiro? Estou já aborrecido, não da sua companhia, mas da caminhada. Você sabe que nós, lá em cima, andamos com a velocidade de mil raios; aqui nestas ridículas estradas de ferro, a jornada é de matar. Mas espera, parece que estou vendo uma cidade...

— É a Bahia, a capital da província.

Chegaram à capital, onde um grupo de homens corria para uma casa, com ar espantado, preocupado, ou como melhor nome haja em fisionomia, que não tenho tempo de ir ao dicionário. Esses homens eram os

* No jornal, há aqui um ponto de interrogação.

vereadores. Iam reunir-se extraordinariamente, para saber se embargariam ou não a saída do meteorólito.³

Até então não trataram do negócio, por um princípio de respeito ao governo central. O governo central ordenara o transporte e as despesas; a Câmara Municipal, obediente, ficou esperando. Logo, porém, que o meteorólito chegou à capital, interveio outro princípio — o do direito provincial. Reuniu-se a câmara e examinou o caso.

Parece que o debate foi longo e caloroso. Uns disseram provavelmente que o meteorólito, tendo caído na Bahia, era da Bahia; outros, que vindo do céu, era de todos os brasileiros. Tal foi a questão controversa. Compreende-se bem que era preciso resolver primeiro esse ponto, para entrar na questão de saber se os meteorólitos entravam na ordem das atribuições reservadas às províncias. O debate foi afinal resumido e o voto da maioria contrário ao embargo; apenas dois vereadores votaram por este, segundo anunciou um telegrama.

E o meteorólito foi chegando, vagaroso, silencioso, científico, ao lado do Carvalho.

— Carvalho, disse ele, os que não quiserem embargar a minha saída são uns homens cruéis. Mas por que é que aqueles dois votaram pelo embargo?

— Questão de federalismo...⁴

E o nosso amigo explicou o sentido desta palavra, e o movimento federalista que se está operando em alguns lugares do império. Mostrou-lhe até alguns projetos discutidos agora, para o fim de adotar a constituição dos Estados Unidos, sem fazer questão do chefe de Estado, que pode ser presidente ou imperador...

Aqui o meteorólito, sempre vagaroso e científico, piscou o olho ao Carvalho.

— Carvalho, disse ele, eu não sou doutor constitucional nem de outra espécie, mas palavra que não entendo muito essa constituição dos Estados Unidos com um imperador...

Cheio de comiseração, explicou-lhe o nosso amigo que as invenções constitucionais não eram para os beijos de um simples meteorólito; que a suposição de que o sistema dos Estados Unidos não comporta um

chefe hereditário resulta de não atender à diferença do clima e outras. Ninguém se admira, por exemplo, de que lá se fale inglês e aqui português. Pois* é a mesma coisa.

Entretanto, confessou o nosso amigo que, por algumas cartas recebidas, sabia que o que está na boca de muitas pessoas é um rumor de república ou coisa que o valha, que esta idéia anda no ar..

— *Noire? Aussi blanche qu'une autre.*

— *Tiens! Vous faites de calembours?*⁵

— Que queria você que eu fizesse, retorquiu o meteorólito, metido naquelas brenhas de onde você me foi arrancar? Mas vamos lá, explique-me isso pelo miúdo.

E o nosso amigo não lhe ocultou nada; confiou-lhe que andam por aí idéias republicanas, e que há certas pessoas para quem o advento da república é certíssimo. Chegou a ler-lhe um artigo da *Gazeta Nacional*, em que se dizia que, se ela já estivesse estabelecida, acabada estaria há muitos anos a escravidão...⁶

Nisto o meteorólito interrompeu o companheiro, para dizer que as duas coisas não eram incompatíveis: porque ele antes de ser meteorólito fora general nos Estados Unidos – e general do Sul, por ocasião da guerra de secessão, e lembra-se bem que os Estados Confederados, quando redigiram a sua constituição, declararam no preâmbulo: “A escravidão é a base da constituição dos Estados Confederados”. Lembre-se também que o próprio Lincoln, quando subiu ao poder, declarou logo que não vinha abolir a escravidão...⁷

— Mas é porque lá falam inglês, retorquiu o nosso amigo Carvalho; a questão é essa.

O meteorólito ficou pensativo; daí a um instante:

— Carvalho, que barulho é este?

— É a visita do Portela, presidente da província.⁸

— Vamos recebê-lo, acudiu o meteorólito, cada vez mais vagaroso e científico.

Boas Noites.

29 de junho de 1889

BONS DIAS!

“Em Venezuela (diz um telegrama de Nova York, de 25, publicado no dia 26) *dissolveu-se o partido* do General Guzmán Blanco”.¹

Fiquei como não imaginam; tanto que não tive tempo de vir cumprimentá-los, segundo o meu desejo. Corri ao escritório da companhia telegráfica, para saber se não haveria erro na tradução do telegrama. Podia ser *patrulha*, podia ser *patusada*; podia ser mesmo um *batalhão*. Nós dissolvemos batalhões. Partido é que eu achava...

— Está aqui telegrama, senhorr, disse-me o inglês de alto a baixo, com um ar de sobressalente; senhorr pode egzamina ele, e reconhece que Company não tem interesse em inventa telegramas.

— Há de perdoar, mas o Príncipe de Bismarck pensa o contrário.

— Contrário à Company?

— Não, aos telegramas. Disse ele, uma vez, em aparte a um orador da Câmara: “O sr. deputado mente como um telegrama”.² Mas eu não vou tão longe; os telegramas não mentem, mas podem ser tatibitate...

— Senhorr fala latim; eu deixa senhorr...

E foi para dentro o inglês; desci as escadas e vim para a rua, desorientado e cada vez mais curioso de achar explicação à notícia, que me parecia estrambótica. Custava-me entender que um partido se dissol-

* “Guzman”, no jornal, aqui e em toda a crônica.

vesse assim, em certo dia, como se expedir um decreto. Compreendo que uma reunião familiar se dissolva, em certa hora; assim o tenho lido, mil vezes: "As danças prolongaram-se até à madrugada, e dissolveu-se a reunião, deixando a todos penhorados com as maneiras da diretoria (ou dos donos da casa); e, com efeito, não se podia ser mais etc.". Mas um partido, uma vegetação política, lá me custava engolir.

Desse estado, que não ousou chamar ignorante, para me não descompor, fui arrancado agora mesmo por um artigo de muitos republicanos de Vassouras. Eu fui a Vassouras há muitos anos, quando ali era juiz municipal o Calvet, e juiz de direito o Dario Callado.³ Na vila não havia então republicanos, não havia mesmo ninguém, exceto os dois magistrados, o vigário, o meu hospedeiro e eu. Ao domingo, o vigário reproduzia o milagre da multiplicação dos pães; para dizer missa, fazia de nós quatro umas cinquenta moças, muito lindas; mas, acabada a missa, voltávamos a ser cinco, ele vigário, eu, o meu hospedeiro, o Dario e o Calvet. *Où sont* les neiges d'antan?****⁴

Como ia dizendo, foi o artigo que me deu a explicação.

Afirmam os autores, que a lembrança de fazer eleger por ali um candidato republicano de fora, que lá não nasceu nem mora, era antes um esquecimento, e parece ter por fim ofender os brios do 10º distrito e o caráter de dois candidatos do lugar. "Não acreditamos que esses distintos cidadãos se humilhem ao ponto de se sujeitarem ao insulto que lhes é irrogado".⁵

Acrescentam que o 10º distrito não é burgo podre; e concluem:

"O caso é para dizer-se: perca-se o partido, mas salve-se a honra do distrito".

Mas, senhores, aqui está a federação feita; é a dos distritos. Todos os partidos a aceitam, antigos ou novos. Havia dúvidas sobre se os partidos mais recentes trariam este mesmo sabor *du terroir*;⁶ vemos que sim, e até com maior intensidade, o que está muito bem. Quanto ao lema:

* *vont*, no jornal.

** No jornal, falta o ponto de interrogação.

“Perca-se o partido, mas salve-se a honra do distrito”, — aí fica a mais alta significação das liberdades locais. Aproveitamos este *filon*,⁷ que vai dar à grande mina.

Isto faz-me lembrar a anedota do campônio de uma freguesia, que foi a outra, onde chegou a tempo de ouvir um sermão de lágrimas. O pregador era patético, todos os fiéis choravam a valer; só o campônio ouvia de olhos enxutos as passagens mais sublimes. Interrogado por um dos presentes, acerca da falta de lágrimas, quando o pregador as arrancava a todos, respondeu tranqüilamente: “É que eu não sou cá desta freguesia”.

Em política (ao menos aqui) só choram os da paróquia na paróquia, entendendo-se que chorar quer dizer rir. Quem nasceu no alto mar, faça-se eleger pelos tubarões. Há aqui uma emenda à Lei Saraiva.⁸

Que tem isto com a notícia telegráfica de Venezuela? Leve-me o diabo se me lembra onde é que estava a ligação. Vá esta, em falta de outra. Provavelmente, o partido de Guzmán Blanco compunha-se de todos os distritos de Venezuela; começou a perdê-los, até que chegou a um só, depois uma cidade, uma vila, uma rua, um beco, um quarteirão, uma casa, finalmente uma alcova: morreu o homem que dormia na alcova, dissolveu-se o partido. Note-se que isto não liga coisa nenhuma, mas é um modo de casar (como dizia Molière)? a República de Veneza com o Grão-Turco. Grão-Turco é o Guzmán Blanco.

Boas Noites.

ASSOCIADOS PARA A CORTA
REDAÇÃO
ANEXO
PAGAMENTO AVANÇADO
ESCRITÓRIO
79 RUA DO OUVIDOR 79

GAZETA DE NOTÍCIAS

NOTÍCIAS

ASSOCIADOS PARA A CORTA
REDAÇÃO
ANEXO
PAGAMENTO AVANÇADO
ESCRITÓRIO
79 RUA DO OUVIDOR 79

NUMERO AVULSO 40 RS.

Diary e impresso nos mactes rotativos de Mifflin, na 110
Tiragem 28.000

Diary e impresso nos mactes rotativos de Mifflin, na 110

NUMERO AVULSO 40 RS.

As assinaturas comegam em qualquer dia e terminam em 15 de Junho, pelo que se deslucem

A GAZETA DE NOTÍCIAS
recebe assessoria, comissaria
recebe a assessoria, comissaria
recebe a assessoria, comissaria

A REPUBLICA
O movimento de lentes esta
tremendo nos dias de hoje, e
tremendo nos dias de hoje, e
tremendo nos dias de hoje, e

MINISTRO DO GVERNO PROVISRIO
Chefe de gabinete — Marechal Deodoro de
Fonseca.
Ministro do Interior — Dr. Artur de
Alencar.
Ministro da Agricultura — Dr. Antonio
de Moraes.
Ministro da Justiça, do Commercio, e
Industria — Dr. Campos Sales.
Ministro da Guerra — Dr. Benjamin
Constant.
Ministro da Marinha — Dr. Augusto
de Vasconcelos.
Ministro da Fazenda — Dr. Antonio
de Vasconcelos.



Dr. Benjamin Constant
Presidente do governo provisrio



Marechal Deodoro de Fonseca
Chefe de gabinete

PROCLAMAO

O governo provisrio publica a seguinte
proclamao:
O governo provisrio publica a seguinte
proclamao:
O governo provisrio publica a seguinte
proclamao:

plano de industria e o fomento do
comercio.
O plano de industria e o fomento do
comercio.
O plano de industria e o fomento do
comercio.

Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.
Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.
Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias:

As assinaturas comegam em qualquer dia e terminam em 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

15 DE NOVEMBRO
A liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.
A liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.

Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.
Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.

Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.
Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.

Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.
Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.

Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.
Declaro a liberdade de imprensa e de
circulao de ideias.

As assinaturas comegam em qualquer dia e terminam em 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

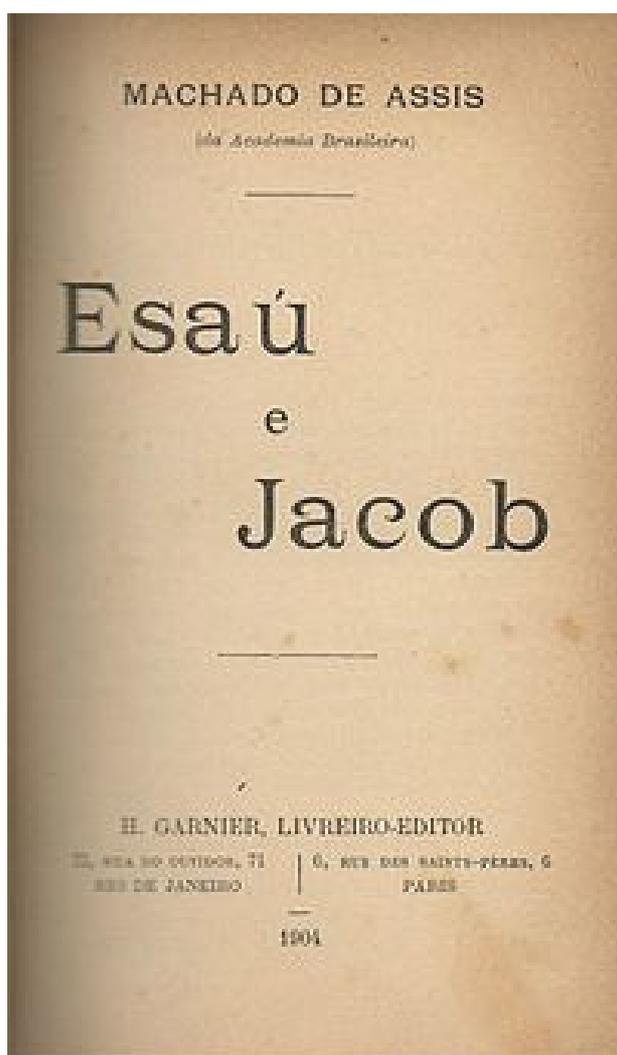
o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

o dia 15 de Junho, pelo que se deslucem

FOLHEIM
ODO DE TR
HENRI TE
PRETE

Ilustração 9 – Jornal Gazeta de Notícias de 16 de novembro de 1889. Denotando os próceres da república.



Capa da primeira edição do romance *Esaú e Jacó* (1904).